

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**TIAGO WELTER MARTINS**

**NOVAS DINÂMICAS DA MOBILIDADE ESPACIAL  
INTERNACIONAL: A REDE DOS “INTERCÂMBIOS DE  
TRABALHO” *SUMMER WORK TRAVEL* ENTRE  
FLORIANÓPOLIS E EUA**

**FLORIANÓPOLIS, SC  
2012**



TIAGO WELTER MARTINS

**NOVAS DINÂMICAS DA MOBILIDADE ESPACIAL  
INTERNACIONAL: A REDE DOS “INTERCÂMBIOS DE  
TRABALHO” *SUMMER WORK TRAVEL* ENTRE  
FLORIANÓPOLIS E EUA**

Dissertação apresentada ao curso de  
Pós-Graduação em Geografia, área de  
concentração Desenvolvimento  
Regional e Urbano, Universidade  
Federal de Santa Catarina, como  
requisito parcial à obtenção do título  
de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.a Dr.a Leila  
Christina Dias

**FLORIANÓPOLIS, SC  
2012**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Tiago Welter  
Novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional  
[dissertação] : a rede dos "intercâmbios de trabalho" Summer  
Work Travel entre Florianópolis e EUA / Tiago Welter  
Martins ; orientadora, Leila Christina Duarte Dias -  
Florianópolis, SC, 2012.  
211 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui referências

1. Geografia. 2. Mobilidade Espacial. 3. Migrações  
Internacionais. 4. Summer Work Travel. 5. Análise de Redes  
Sociais. I. Dias, Leila Christina Duarte. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Geografia. III. Título.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**



*Aos meus pais,  
Tânia e Pedro.*





## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grato ao contribuinte catarinense e federal, pela universidade pública, gratuita e de qualidade a qual tive acesso bem como pela bolsa de pesquisa (CAPES/REUNI, 16 meses) a qual foi imprescindível para a conclusão deste trabalho. Além disso sou grato pelo apoio concedido pela Pró Reitoria de Pós Graduação e o PPGG da UFSC pelo apoio financeiro para participação em eventos (ENG 2010, ENANPEGE 2011 e saídas de campo). Sentirei saudades da Biblioteca e Restaurante Universitário da UFSC, os quais foram como uma segunda casa durante estes dois anos.

Agradeço a todos os entrevistados por terem compartilhado comigo suas experiências pessoais e opiniões de forma tão solícita.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFSC (PPGG). Ao professor Clécio Azevedo da Silva, membro da banca de defesa, pelas importantes sugestões e palavras de incentivo. Ao professor Ewerton Vieira Machado, membro de banca de qualificação e vice coordenador do PPGG, pelas críticas e sugestões.

Aos alunos do Mestrado e Doutorado do PPGG, em especial Orlando Ferreti, Joel Souza e Tássia Castelli, por seus conselhos e contribuições enquanto veteranos do programa e do movimento estudantil. Aos alunos da graduação em Geografia da UFSC, em especial aqueles participantes nas duas disciplinas em que realizei estágio de docência. Aos meus colegas na disciplina de Leitura Dirigida, em especial Andreza Martins, Lairton Comerlatto, Livia Corigliano, Luiz Ferreira, Mayra de Mattos e Tiago Cargnin Gonçalves, todos igualmente orientandos da Prof<sup>a</sup> Leila Dias, pela amizade, sugestões e incentivo ao longo destes 2 anos.

Aos vários acadêmicos e professores os quais me apresentaram com importantes sugestões em relação a este trabalho, entre eles Gislene dos Santos (UFPR), Jerry Kammer (CIS/EUA), Mark de Socio (Salisbury University/EUA), Ary Minella (UFSC), Nadia Burgos, Fábio Contel Betioli (PUC-SP), Narciso Pizarro (Univ. Comp. de Madrid), Helion Pova Neto (UFRJ), Francisco Canela (UDESC), Rogério Haesbaert (UFF), André Souza Martinello (USP).

Aos meus amigos de longa data da "Banda Civil", do CEFET-SC e FAED/UDESC, sou grato por terem participado das várias etapas deste processo e terem compartilhado de minhas idéias e inquietações.

Aos meus colegas da AIESEC Florianópolis e AIESEC Sérvia BBA, por terem me ensinado tanto nestes dois últimos anos.

À minha irmã, minha avó, meus tios, primos e agregados destas duas famílias felizes e unidas: Welter e Martins.

À minha namorada, Sanja Milanov, com quem resido agora em Belgrado, por motivar-me durante diferentes etapas desta pesquisa.

À professora Gláucia de Oliveira Assis (membro de banca de qualificação e defesa), por ter me possibilitado pesquisar migrações internacionais na condição de bolsista de iniciação científica ao longo da graduação e por todas as coisas positivas consequências disto.

Agradeço à minha orientadora, professora Leila Dias, a qual é fonte de inspiração como acadêmica, educadora e amiga. Sou grato pela sua atenção e pela chance de realizar pesquisa de mestrado sobre tema por qual tenho tanta paixão. A oportunidade de realizar estágio de docência foi, também, parte muito marcante da minha formação.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, me motivaram a chegar até aqui.

Por fim, agradeço em especial, aos antropólogos Pedro Martins (UDESC) e Tânia Welter (UFFS), meus pais. Sou grato por motivarem, possibilitarem e compartilharem das minhas maiores felicidades.

## RESUMO

Esta pesquisa analisou o Programa *Summer Work Travel* (popularmente conhecido como "Work Experience" ou "Work & Travel"), através do qual universitários do mundo todo trabalham durante suas férias de verão em empregos de baixa especialização nos EUA. Nos últimos 12 anos, cerca de 1,2 milhões de jovens do mundo todo participaram deste programa, sendo cerca de 80 mil do Brasil e nove mil de Florianópolis. O objetivo foi compreender, com base na análise qualitativa desta mobilidade específica e na configuração da rede social estabelecida a partir dela, como se dá a dinâmica de diferenciação de acesso a mobilidade espacial internacional em um contexto de globalização. Empregou-se a perspectiva das redes sociais migratórias para caracterizar como se configura a rede que possibilita estes "intercâmbios de trabalho", utilizando a Análise de Redes Sociais como ferramenta para propor um "modelo estrutural" do seu funcionamento. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas em profundidade com 16 ex-participantes e 10 agências de intercâmbio de Florianópolis, além de análise de dados secundários e entrevistas com seus autores e representantes de instituições envolvidas com este programa. Apontou-se para uma complexa combinação de laços entre amigos, ex-participantes e familiares formando uma rede social que motiva esta mobilidade, a qual é possibilitada por "mecanismos intermediários" (agências de intercâmbio, organizações *Sponsor*, consulados), com destaque para a importância da atuação das agências de intercâmbio. Com base em estudos sobre novas formas de mobilidade internacional, foram descritos os aspectos de migração de trabalho temporário, turismo e intercâmbio cultural presentes neste programa, os quais, combinados, nos permitem pensar uma nova categoria de mobilidade específica: a de "intercambista trabalhador". Aponta-se para a relevância de se buscar compreender os processos de mobilidade a partir de uma perspectiva reticular, tendo, na Análise de Redes Sociais, uma ferramenta interessante para identificação e caracterização das relações de poder que condicionam (promovendo ou restringindo) a capacidade das pessoas de transitar através fronteiras nacionais na atualidade.

Palavras chave: mobilidade espacial, redes sociais, migrações internacionais, intercâmbios, Análise de Redes Sociais, novas mobilidades, *Summer Work Travel*.



## **ABSTRACT**

### **NEW DYNAMICS OF INTERNATIONAL SPATIAL MOBILITY: THE J-1 VISA - SUMMER WORK TRAVEL PROGRAM'S NETWORK BETWEEN FLORIANOPOLIS AND THE UNITED STATES**

This research analyzed the American J-1 Visa - Summer Work Travel Program (or SWT, also commonly referred to in Brazil as "Work Experience" program) based on interviews with 16 ex-participants and 10 travel/recruiting agencies from Florianopolis, Brazil. This program allows university students from all over the world (most of them coming from developing countries in East Europe or Asia) to work low skilled temporary jobs over the period of their summer vacations in United States under the premises of cultural exchange. Between 2000 and 2011, the SWT program accepted 1.2 million participants; about 80,000 of those were from Brazil and 9,000 from Florianopolis. Current studies have pointed out that, in our global society, mobility has become the main social stratifying factor. Thus, the well spread geographical imagination of globalization marked by "spaces of flows", contrasts with the uneven distribution of mobility rights and increasing regulation of cross-border movements over the world. Based on a dynamic and relational approach to the understanding of international spatial mobility, a formal structural analysis (grounded on Social Network Analysis - SNA) was carried out. The aim was to facilitate the understanding of this program's mobility by considering its basic structural characteristics so as to better understand the current context of international spatial mobility. The final analysis suggests that a complex set of weak and strong ties connects friends, family members and SWT returnees in social networks which motivate this movement. Moreover, local agencies play an important role of structural mediation for the participants' mobility through a well-established SWT social global network. Based on studies focusing new forms of international mobility and the tourism-migration nexus, the tourism, cultural exchange and temporary migrant work aspects of the SWT specific mobility were combined to suggest "foreign student work" as a new mobility category. Foreign student workers' mobility motivations are complex and diverse, stressing current young generations eagerness to have an international experience, be adventurous, and consume American culture, places and

culture, all while also increasing their social status and future professional opportunities. This study points out the relevance of analyzing international mobility phenomena from a network perspective and SNA as an important tool to identifying and qualifying the power relations involved in regulating them.

Keywords: Spatial Mobility, Social Networks, International Migrations, Exchange Programs, Social Network Analysis, New Mobilities, Summer Work Travel.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Laços estabelecidos entre Florianópolis e EUA pelos 16 ex-participantes entrevistados.....	68
Figura 2: Laços fortes, laços fracos e laços ausentes.....	78
Figura 3: Sociograma da Rede SWT a partir de 16 ex-participantes entrevistados.....	81
Figura 4: Estruturas intermediárias, agentes e pontes.....	82
Figura 5: Exemplos de Sociogramas/Modelos estruturais de dois sistemas de migração.....	85
Figura 6: Modelo estrutural do sistema de emigração brasileira para os Estados Unidos.....	86
Figura 7: Cartazes em murais da Universidade Federal de Santa Catarina.....	98
Figura 8: Cartaz de “palestra solidária” na Universidade do Estado de Santa Catarina.....	100
Figura 9: Modelo estrutural do sistema dos intercâmbios SWT entre Florianópolis e EUA.....	108
Figura 10: Modelo estrutural do programa SWT sem a Agência de Intercâmbio (“vértice-obstáculo”).....	109
Figura 11: Cartaz da Agência Cultural Adventure em mural da UFSC em 2011 aponta popularização do SWT.....	114
Figura 12: Localização das 10 agências de intercâmbio entrevistadas em 2012 .	116
Figura 13: Um dos primeiros intercambistas de Florianópolis no SWT, no topo das torres gêmeas em Dez/2000.....	144
Figura 14: “Brasileiros no mundo” em 2009 segundo estimativas oficiais do Itamaraty.....	145
Figura 15: “Brasileiros no mundo” em 2010 segundo estimativas oficiais do Itamaraty.....	146
Figura 16: Capa da Revista IstoÉ.....	148
Figura 17: Fotos da “Aventura” de um intercambista SWT em 2011/2012....	157
Figura 18: Fotos da experiência de um participante SWT.....	158





## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Participantes nas principais categorias do Programa de Visitantes de Intercâmbio, entre 2002 e 2010. ....	31
Gráfico 2: Número de vistos J-1 emitidos desde a criação do Programa de Visitantes de Intercâmbio. ....	33
Gráfico 3: Quantidade de vistos J-1 emitidos para Brasileiros, 1997 – 2010. ..	34
Gráfico 4: Número de participantes no SWT por ano de 1996 a 2010. ....	36
Gráfico 5: Estimativa do número de participantes de Florianópolis no programa SWT entre 1998 – 2011. ....	111
Gráfico 6: Quantidade de intercâmbios SWT realizados por 3 agências de Florianópolis: 2005 e 2011. ....	117
Gráfico 7: Número de agências de intercâmbio realizando intercâmbios SWT em Florianópolis entre 1998 e 2011. ....	119
Gráfico 8: Número de intercâmbios realizados por agências de intercâmbio brasileiras. ....	140



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Participantes no Programa de Visitantes de Intercâmbio, por categoria entre 2002 e 2010. ....	30
Quadro 2: Os 10 países com maior número de participantes no SWT. ....	37
Quadro 3 (Primeira parte): Participantes entrevistados.....	66
Quadro 3 (Segunda parte): Participantes entrevistados.....	67
Quadro 4: Agências Entrevistadas. ....	70
Quadro 5: Índice de centralidade da intermediação no Modelo Estrutural dos intercâmbios SWT. ....	110
Quadro 6: Universitários brasileiros no exterior: 2006 e 2007. ....	141



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA .....</b>	<b>27</b>
<b>1.1 Breve contextualização sobre os intercâmbios SWT .....</b>	<b>27</b>
1.1.1 O "Programa de Visitantes de Intercâmbio" (Exchange Visitor Program) .....	28
1.1.2 O Programa " <i>Summer Work Travel</i> " (SWT).....	35
1.1.3 As críticas ao <i>Summer Work Travel</i> apontam para a atuação dos diferentes atores em rede .....	39
1.1.4 A atuação das agências de intercâmbio brasileiras e os Programas SWT	41
1.1.5 Os intercâmbios SWT em Florianópolis .....	45
<b>1.2 Mobilidade espacial internacional.....</b>	<b>45</b>
1.2.1 O tempo atual e as mobilidades internacionais .....	45
1.2.2 As migrações internacionais .....	47
1.2.3 A mobilidade internacional de estudantes.....	48
1.2.4 Pensando a mobilidade internacional em um sentido amplo e os programas SWT como um novo tipo de mobilidade .....	51
<b>1.3 A noção de rede.....</b>	<b>52</b>
1.3.1 Uma introdução a noção de Redes Sociais .....	56
1.3.2 Introduzindo a noção de redes sociais migratórias.....	57
<b>1.4 Questão central e objetivos da pesquisa.....</b>	<b>61</b>
1.4.1 Questão central da Pesquisa.....	61
1.4.2 Objetivo Geral .....	61
1.4.3 Objetivos específicos .....	61
<b>1.5 Percurso Metodológico.....</b>	<b>62</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A ANÁLISE DA REDE DOS INTERCÂMBIOS SWT A PARTIR DO CASO DE FLORIANÓPOLIS .....</b>	<b>73</b>
<b>2.1 A Análise de Redes Sociais e o estudo dos intercâmbios Summer Work Experience .....</b>	<b>74</b>
2.1.1 Estruturando uma pesquisa em Análise de Redes Sociais .....	76
2.1.2 Laços Fracos e Fortes .....	77
2.1.3 Laços fracos e fortes em nossa pesquisa .....	78
2.1.4 Centralidade de Intermediação .....	79
<b>2.2 Analisando um fluxo de mobilidade a partir de um "modelo estrutural" do sistema dos intercâmbios SWT.....</b>	<b>83</b>

2.2.1 Construindo um "modelo estrutural" dos intercâmbios SWT .....	86
2.2.2 Análise das posições estruturais do sistema dos intercâmbios SWT .....	88
2.2.3 Proposta de "modelo estrutural" do sistema dos intercâmbios SWT .....	106
<b>2.3 A rede dos intercâmbios SWT em Florianópolis (1998-2011).....</b>	<b>110</b>
2.3.1 Início e Popularização (1998-2003).....	112
2.3.2 Crescimento Acelerado - 2003-2008 .....	113
2.3.3 Crise e Reestruturação (2009-2012) .....	116
2.3.4 Perspectivas do programa SWT em Florianópolis.....	118
<b>2.4 Considerações finais acerca do Capítulo 2 .....</b>	<b>120</b>
<b>CÁPÍTULO 3 – AS NOVAS DINÂMICAS DA MOBILIDADE ESPACIAL INTERNACIONAL E OS INTERCÂMBIOS SWT.....</b>	<b>123</b>
<b>3.1 Os intercâmbios SWT em um contexto de diferenciação de acesso à mobilidade.....</b>	<b>126</b>
3.1.1 Os intercâmbios SWT como “mobilidade facilitada” e como “mobilidade controlada” .....	127
3.1.2 Rede, fluidez e o "lobby" da indústria <i>Summer Work Travel</i> .....	131
3.1.3 Entre “turistas”, “vagabundos” e "intercambistas SWT" .....	135
<b>3.2 Novas formas de mobilidade: as interfaces entre turismo, migração e intercâmbios culturais.....</b>	<b>136</b>
3.2.1 As interfaces entre turismo, migração e intercâmbios culturais.....	136
3.2.2 Os intercambistas SWT como intercambistas, turistas e migrantes de trabalho temporário. ....	138
3.2.3 Pensando os intercâmbios SWT como mobilidade híbrida.....	150
3.2.4 O aumento das novas mobilidades.....	151
3.2.5 O participante do Programa <i>Summer Work Travel</i> como "intercambista trabalhador" .....	169
<b>3.3 Considerações acerca do Capítulo 3 .....</b>	<b>171</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>201</b>
<b>ANEXO EXEMPLO DE DOCUMENTO DS2019 .....</b>	<b>207</b>

## APRESENTAÇÃO

Em Florianópolis, tenho mantido contato informal com o fenômeno dos “intercâmbios de trabalho”<sup>1</sup> (mais especificamente os “intercâmbios *Summer Work Travel*” ou “intercâmbios SWT”<sup>2</sup>) desde 2002, quando minha prima participou do mesmo e deixou o Brasil para trabalhar durante um verão nos EUA. Desde então a rede dos intercâmbios SWT cresceu e se complexificou de forma bastante expressiva em escala global e local. Como aponta o governo dos EUA, nos últimos 12 anos, mais de 1,2 milhão de jovens participaram deste programa específico (COSTA, 2011). Os dados disponíveis sobre o assunto indicam que cerca de 80 mil destes participantes foram brasileiros sendo, de acordo com a pesquisa realizada, cerca de nove mil oriundos de Florianópolis.

Cerca de dez anos atrás, quando minha prima partiu aos EUA em 2002 e quando realizei intercâmbio de ensino médio no Canadá em 2003, os intercâmbios eram ainda vistos como algo pouco comum entre meus amigos e familiares. Com o passar dos anos, parece-me, a mobilidade internacional tornou-se cada vez mais comum em Florianópolis. Além disso, pude perceber a difusão acelerada dos intercâmbios SWT na cidade e a forma como o mesmo se tornou familiar entre aqueles ligados ao meio universitário (alunos, professores, familiares). A popularização dos intercâmbios SWT, ao que me parece, foi um dos fatores que contribuíram para uma aparente “internacionalização”<sup>3</sup> de Florianópolis o que motivou-me a buscar

---

<sup>1</sup> “Intercâmbio de trabalho” é o termo utilizado pelas agências de intercâmbio no Brasil para descrever os programas nos quais jovens interessados em participar em intercâmbio no exterior pagam às agências para conseguir lhes uma vaga de trabalho temporário em outro país. Hoje em dia as opções de países são várias, mas os EUA continua sendo o principal destino através do programa Summer Work Travel.

<sup>2</sup> Estes intercâmbios são popularmente conhecidos no Brasil como “Work Experience” e consistem em um programa no qual jovens de todo mundo, com o auxílio de agências de intercâmbio, trabalham por no máximo 3 meses nos EUA. Este programa, chamado Summer Work Travel, foi criado pelo governo dos EUA e é agenciado por agências de intercâmbio em todo o mundo. O nome pelo qual o mesmo programa é comercializado varia de acordo com a agência de intercâmbio. No Brasil, alguns dos principais nomes comerciais são “*Work Experience USA*”, “*Work & Travel*”, “*Work Adventure*”, “FREE – Férias Remuneradas para Estudantes nos EUA”, “*Experience USA*”, “TRUE – Trabalho Remunerado para Universitários no Exterior”. Por isto optou-se aqui por referir-se a “intercâmbios SWT” no plural, mesmo que o programa de intercâmbio em questão seja apenas um.

<sup>3</sup> Ou “Cosmopolitanismo”.

compreender melhor esta mobilidade e o contexto em que se insere em diferentes escalas.

A procura por informações em relação a este programa de intercâmbio de trabalho foi facilitada, pois o mesmo tem um nome específico (“*Summer Work Travel*”) e é um dos programas abrangidos pelo visto norte-americano “J-1”. Contudo, constatei que a produção acadêmica sobre o assunto é, em grande parte, bastante recente e pouco numerosa e, no âmbito da Geografia, consegui identificar apenas uma pesquisa sobre o programa (DE SOCIO, 2012). Esta lacuna identificada motivou a análise por mim proposta em uma perspectiva geográfica.

A escolha por analisar este intercâmbio a partir de agências e participantes de Florianópolis se deu por várias razões. Além de minha vivência pessoal em relação a este programa, cabe apontar que Florianópolis é apontada pelas agências como a cidade com maior número de participantes em relação a população da cidade.<sup>4</sup> Os intercâmbios SWT são realizados por agências de intercâmbio de todo o Brasil, mas Florianópolis foi a cidade onde eles tiveram, proporcionalmente, maior número de participantes e os diversos fatores que podem explicar isto serão investigados aqui em uma perspectiva reticular.

Esta pesquisa buscou, assim, analisar como se configura a rede que garante este tipo de mobilidade (“intercâmbios SWT”) e como esta mobilidade pode ser compreendida em um contexto de intensificação das barreiras à mobilidade espacial e de surgimento de novas formas de mobilidade. Isto é, a partir da caracterização da experiência de mobilidade de ex-participantes de Florianópolis, buscou-se compreender como a análise desta rede nos ajuda a compreender as novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional.

---

<sup>4</sup> As entrevistas apontam que cidades com população bastante superior a de Florianópolis, como Belo Horizonte, enviaram uma quantidade de participantes semelhante. Busquei compreender o que determinou essa maior popularidade ou difusão do programa em Florianópolis.



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura compreender como se configura a rede dos "intercâmbios *Summer Work Travel*" entre Florianópolis e os Estados Unidos e quais as significações da mesma em um novo contexto das dinâmicas da mobilidade espacial populacional internacional<sup>5</sup>. Procuo compreender, a partir de entrevistas com intercambistas, agências de intercâmbios em Florianópolis e outros sujeitos, como diversos atores têm trabalhado em rede para garantir a mobilidade dos estudantes através do visto norte-americano *J-1* na modalidade "*Summer Work Travel*", adaptando-se às novas dinâmicas do "mundo globalizado" e também, aparentemente, motivado pelas mesmas<sup>6</sup>.

No período histórico que vivemos, a mobilidade das pessoas tem se intensificado e se diversificado. Porém, quanto mais se dinamiza e acelera a fluidez de informações, mercadorias e do capital, mais se enrijecem as fronteiras dos territórios nacionais, tornando cada vez mais seletiva a mobilidade populacional. Torna-se, assim, relevante buscar compreender a regulação do território neste contexto da globalização e como convivem e se articulam impulsos tão diversos, de movimento e imobilidade, de liberação e controle (POVOA NETO et al, 2009).

O que explica, por exemplo, que, neste contexto, milhares de jovens brasileiros têm conseguido, com aparente "facilidade de mobilidade internacional", transitar com visto (ou seja, de maneira "legal") entre Brasil e EUA por intermédio dos chamados "intercâmbios *Summer Work Travel*", para lá trabalharem lado a lado com imigrantes *indocumentados* ("ilegais")? Partindo do pressuposto de que a possível diferença de classe socioeconômica entre estes "estudantes" e os "trabalhadores migrantes sem visto" na sociedade de origem, por si só, não é o bastante para explicar essa diferenciação dos "direitos à

---

<sup>5</sup> O programa SWT foi criado nos anos 1960 mas, somente em 1998, teve seus primeiros participantes em Florianópolis. A pesquisa foca no programa desde sua criação e, no caso de Florianópolis (participantes e agências), nos anos entre 1998 e 2012.

<sup>6</sup> Espera-se que a caracterização deste "mundo globalizado" ajude a compreender o que motiva um aumento no número de jovens que procuram os intercâmbios SWT. Por isso, verificar-se-á como elementos como a disseminação da cultura norte-americana, a valorização do domínio da língua inglesa e a valorização de um perfil profissional específico, mais "intercultural" e "internacionalizado" (HANNAM, 2004) influenciam as motivações dos participantes. Este "mundo globalizado" também condiciona o formato desta mobilidade pois, ao tornar cada vez mais controlados os fluxos populacionais em um esforço por barrar ou cercar a mobilidade de trabalhadores imigrantes (POVOA NETO et al, 2009), influencia o surgimento de novos tipos de mobilidade que se adequem a um novo conjunto de "normas" específicas (SANTOS, 2000).

mobilidade”, emprega-se a categoria de rede social para buscar entender como esta complexa rede se estruturou de forma a garantir esta mobilidade e como as especificidades desta rede se relacionam com o “projeto hegemônico” (cultural, político, econômico) do atual mundo globalizado.

Segundo Haesbaert (2005a), “o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território”. Sendo assim, e partindo do pressuposto de que os intercâmbios SWT são um novo tipo de mobilidade<sup>7</sup> que se repete em países de todo o mundo, incluindo várias partes do Brasil (SILVA e PINTA, 2008), torna-se relevante buscar compreender qual sua natureza, levando em conta as novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional no atual contexto. Esta pesquisa se propõe a tal, a partir do caso dos intercâmbios SWT na cidade de Florianópolis, focando na experiência de agências de intercâmbio e ex-participantes (Figura 1).

Objetivamente, esta pesquisa busca compreender o que ainda não se sabe: como se configura esta rede e como o estudo da mesma contribui para o debate sobre o que determina a atual “diferenciação de direitos à mobilidade” (POVOA NETO, 2008) e o surgimento de novas formas de mobilidade.

A discussão se inicia no item III, na “Construção da Problemática”, onde se apresenta um levantamento dos estudos de várias áreas sobre os intercâmbios SWT, e também informações a partir de levantamento de dados oficiais. A discussão teórica em torno da mobilidade internacional contemporânea é introduzida, seguida da apresentação do instrumento chave para interpretá-la: a noção de rede social e a metodologia de Análise de Redes Sociais.

No Capítulo 2, se procura caracterizar a configuração da rede dos intercâmbios SWT a partir de Florianópolis. O conjunto de relações entre os diferentes atores envolvidos nesta mobilidade foi descrito através da análise de cada “posição estrutural” (tipo de ator). A partir da descrição destas diferentes posições estruturais, se apresenta um “modelo estrutural” do sistema de funcionamento destes intercâmbios (FAZITO, 2005) possibilitando a análise do papel dos mecanismos de

---

<sup>7</sup> De uma forma geral, não se pode chamar de necessariamente novo o fenômeno no qual jovens assumem posições de trabalho temporário no exterior motivados por razões múltiplas (financeiras, turísticas, existenciais, de aprendizagem de línguas e assim por diante) (HALL & WILLIAMS, 2002). Esta pesquisa apresenta o Summer Work Travel como nova forma de mobilidade por entender que este programa só pode ser compreendido a partir de um conjunto de novos elementos específicos (socio culturais, políticos, tecnológicos), fruto de transformações espaciais decorridas, sobretudo, nas últimas 4 décadas.

intermediação (agências de intercâmbio, consulados, familiares, amigos, etc).

No Capítulo 3 se analisa a experiência dos intercambistas SWT a partir de uma leitura do contexto atual da mobilidade internacional. Neste contexto, a diferenciação de acesso à mobilidade contrasta com o discurso da Globalização como fortalecimento de um mundo sem fronteiras. Na atualidade, percebe-se o surgimento de novas estratégias em rede para possibilitar os deslocamentos internacionais. O surgimento de novas demandas e hábitos culturais, somado a multiplicidade de fluxos e redes, geram novas formas de mobilidade, que transitam entre categorias tradicionais como turismo, migração e intercâmbio. Analisar-se-á como os intercâmbios SWT se encaixam neste contexto como um novo tipo de mobilidade, podendo-se propor uma nova categoria, a de “intercambista trabalhador”. Além disso, apresenta-se como o entendimento da rede que dá suporte a este programa nos permite compreender as novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional. Desta forma, explica-se a diferenciação de acesso a mobilidade pela inserção em redes sociais específicas (privilegiadas e cada vez mais complexas) e não pela simples análise de elementos sócioeconômicos.



## **CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA**

Partindo do pressuposto de que nossas categorias de análise não estão sozinhas, mas fazem parte de uma família de conceitos os quais dão base uns aos outros para a compreensão dos fenômenos, emprego as categorias de rede e mobilidade para analisar a mobilidade dos intercâmbios Summer Work Travel. Isto é, parto do entendimento do conceito de mobilidade como indissociável do de rede, por mais que a revisão destas categorias se apresente, aqui, de forma separada.

Este primeiro capítulo apresenta uma breve caracterização do programa SWT. Em um primeiro momento apresenta-se uma introdução ao tema apontando lacunas do conhecimento em relação ao fenômeno, possibilitando que o leitor tenha base para compreender por qual razão se faz a discussão teórica que segue. No segundo item, introduzo o tema da mobilidade na contemporaneidade, discutindo as noções de migração internacional, mobilidade internacional de estudantes e a mobilidade em sentido amplo, finalmente propondo analisar os intercâmbios SWT como nova forma de mobilidade. Na terceira parte, chego à discussão que possibilitará a análise desta mobilidade. Reviso, assim, a noção de rede, focando nos conceitos de rede social seguido do de rede social migratória, apontando para a forma como esta noção nos ajuda a compreender a mobilidade do SWT. Por fim, no quarto item, apresento o percurso metodológico, introduzindo a metodologia de Análise de Redes Sociais e discutindo como se operacionalizou a pesquisa.

### **1.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS INTERCÂMBIOS SWT**

Apresento a seguir uma introdução aos intercâmbios SWT com base em relatórios oficiais do governo dos EUA, artigos científicos e material divulgado por agências de intercâmbio. Meus comentários apontam para as lacunas do conhecimento em torno deste tópico e para a relevância da utilização da noção de rede social como categoria de análise da mobilidade espacial internacional.

### 1.1.1 O "Programa de Visitantes de Intercâmbio" (Exchange Visitor Program)

Os intercâmbios *Summer Work Travel* fazem parte de um programa mais amplo chamado "Programa de Visitantes de Intercâmbio". Segundo o governo norte-americano (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2007), o "Programa de Visitantes de Intercâmbio" (Exchange Visitor Program) é um programa criado há 50 anos<sup>8</sup> e concede um tipo específico de visto, o J-1. Ele consiste de vários programas (diferentes modalidades), todos com o objetivo de promover o intercâmbio cultural através de diferentes atividades como trabalho temporário, estágios profissionais ou acadêmicos, intercâmbios estudantis e assim por diante.

O Departamento de Estado dos EUA administra o "Programa de Visitantes de Intercâmbio" de acordo com o previsto no Ato de Intercâmbio Cultural e Educação Mútua assinado em 1961 (Mutual Educational and Cultural Exchange Act, também conhecido como Fulbright-Hays Act). O Departamento de Estado designa organizações privadas para administrar estes programas de intercâmbios. Estas organizações são conhecidas como *Sponsors*. A maioria destes *Sponsors* trabalha em parceria com agências de intercâmbio<sup>9</sup> ao redor de todo mundo, as quais “recrutam” os intercambistas e os auxiliam em todo o processo para a participação no programa.

**As 14 modalidades de intercâmbio (ou “categorias”) englobadas pelo Visto J-1 são:**

- 1) *Au Pair* - Jovem entre 18 e 26 que mora com família nos EUA e trabalha como babá.
- 2) Camp Counselor - Instrutor de atividades com crianças em colônias de férias.
- 3) College and University Student - Estudo em universidades.
- 4) Government Visitor - Consultores ou representantes em discussões de cunho governamental.
- 5) Intern - Estágio para universitários ou recém formados.

---

<sup>8</sup> No Gráfico 2 apresenta-se o número de participantes ao longo destes 50 anos. O Gráfico 1 mostra que, dentre as várias categorias do programa, a modalidade com maior número de participantes é a Summer Work Travel.

<sup>9</sup> Como as 10 agências de intercâmbio de Florianópolis entrevistadas para esta pesquisa, as quais podem ser visualizadas pela Figura 12.

6) International Visitor - Para participação em consultorias, treinamentos ou pesquisa.

7) Physician - Médicos visitantes ou estudantes realizando "residência médica".

8) Professor and Research Scholar - Professores ou pesquisadores visitantes.

9) Secondary School Student - Intercambista de Ensino Médio.

10) Short-Term Scholar - Professor, pesquisador ou palestrante visitante por até 6 meses.

11) Specialist - Especialista visitante com intuito de intercâmbio ou cooperação científica.

12) **Summer Work Travel** - Para estudantes do ensino superior, visto para trabalhar e viajar, permanecendo quatro meses no máximo.

13) Teacher - Para professores de ensino primário ou secundário.

14) Trainee - Estágio profissional para graduados e atuantes na área.

No Quadro 1 apresenta-se uma visualização das quantidades de vistos J-1 emitidos para cada categoria específica. Os números de participantes nas diferentes modalidades variam bastante, pois estão atrelados a vários fatores, como condições políticas, atuação das agências, variação da taxa cambial, existência de outros programas e assim por diante (HAMNER, 2010). Podemos ver que algumas modalidades mantiveram uma regularidade, sem crescer ou diminuir muito (ex: intercâmbio de Ensino médio), outras se tiveram uma diminuição no número de participantes (ex: médico visitante, estagiário), e outras se tornaram mais populares (ex: *Summer Work Travel*)<sup>10</sup>.

<b>Categorias do visto J-1</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Médico visitante	9257	8000	7295	1533	1480	1779	1853	2038	1997
<i>Au pair</i>	11855	11901	16093	12659	14054	17149	17503	14160	13297
Instrutor em colônia de férias	24377	23490	20602	20895	20296	22205	21485	18354	17190
Universitário	29812	14158	32780	19268	22925	29097	34504	39023	40492

<sup>10</sup> As razões para a diminuição de participantes em algumas modalidade não foram alvo desta pesquisa. Analisou-se aqui, em especial, as razões para a difusão e popularização dos intercâmbios SWT em Florianópolis no período entre 1998 e 2012.

<b>Categorias do visto J-1</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Professor universitário * <sup>11</sup>	*	*	2980	2279	2304	1903	1557	1398	1313
Pesquisador *	*	*	49472	23480	26663	27884	27900	26658	27612
Pesquisador (curta duração)*	56250 *	22233 *	7513	9550	11976	16802	19475	18225	18396
Ensino médio	26142	28000	24084	24608	26711	29512	28627	26601	26509
<i>Summer Work Travel</i>	71218	88851	77323	88557	10672 5	14764 5	15272 6	11638 7	13234 2
Especialista	6432	1132	1151	945	1150	1537	2289	2406	2216
Estagiário	35745	30500	27214	23219	24619	29998	12553	8495	8727
<b>TOTAL (por ano)**</b>	<b>27938 8</b>	<b>23063 1</b>	<b>27179 9</b>	<b>22944 0</b>	<b>26143 7</b>	<b>32919 7</b>	<b>33886 2</b>	<b>29030 1</b>	<b>30736 9</b>

Quadro 1: Participantes no Programa de Visitantes de Intercâmbio, por categoria entre 2002 e 2010.

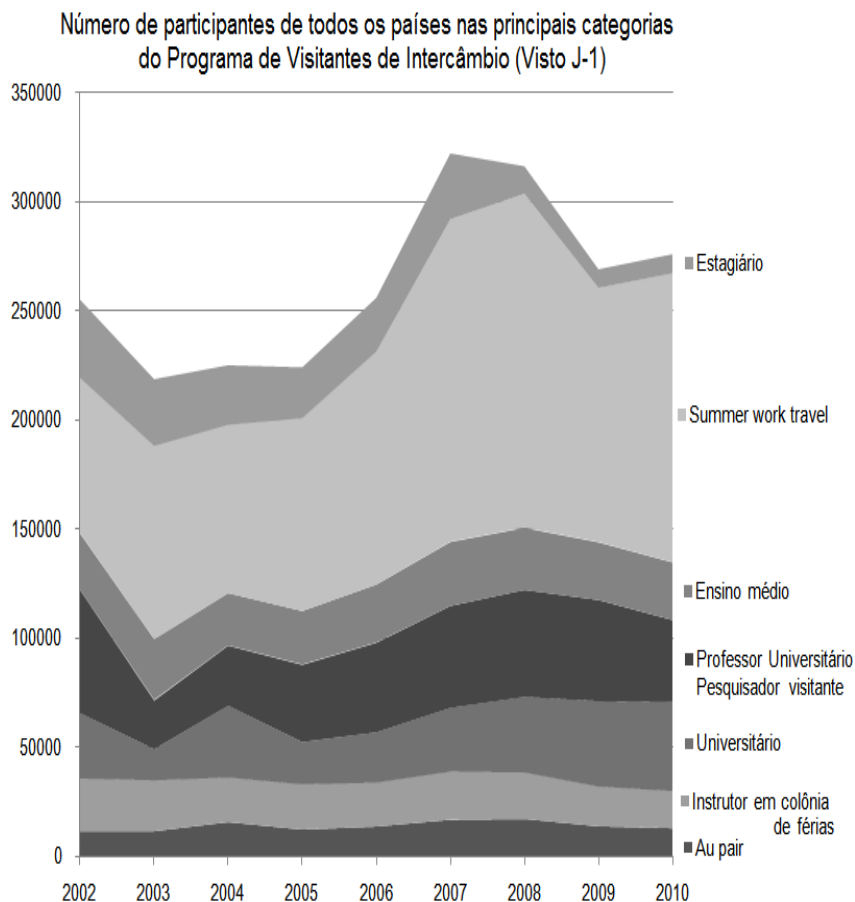
Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em dados de Daniel Costa, 2011, p. 11.

O Gráfico 1 mostra como o *Summer Work Travel* é a modalidade mais expressiva do Programa de Visitantes de Intercâmbio, somando quase metade de todos os vistos emitidos. Além disso, o número de participantes SWT quase dobrou entre 2002 e 2010.

---

<sup>11</sup> \*Até 2003 as categorias Professor universitário e Pesquisador (longa e curta duração) eram uma categoria única. \*\* Estes números representam a quantidade de vistos emitidos a cada ano. Nos valores de total por ano desconsideram-se participantes atendidos por outros vistos, cerca de 8%.





Fonte: Daniel Costa, 2012, p. 11.

Gráfico 1: Participantes nas principais categorias do Programa de Visitantes de Intercâmbio, entre 2002 e 2010.

Fonte: Adaptado de Costa, 2011, p.11.

Segundo o U.S. Department of State (2011a) nas últimas três décadas a quantidade de vistos de "não imigração"<sup>12</sup> emitidos manteve uma regularidade, sendo 6 milhões em 1990, 7,1 milhões em 2000 e

<sup>12</sup> Isto inclui as 90 categorias de vistos que permitem estada não permanente, ou seja, turistas, estudantes temporários, trabalhadores temporários, incluindo os participantes de programas "J-1".

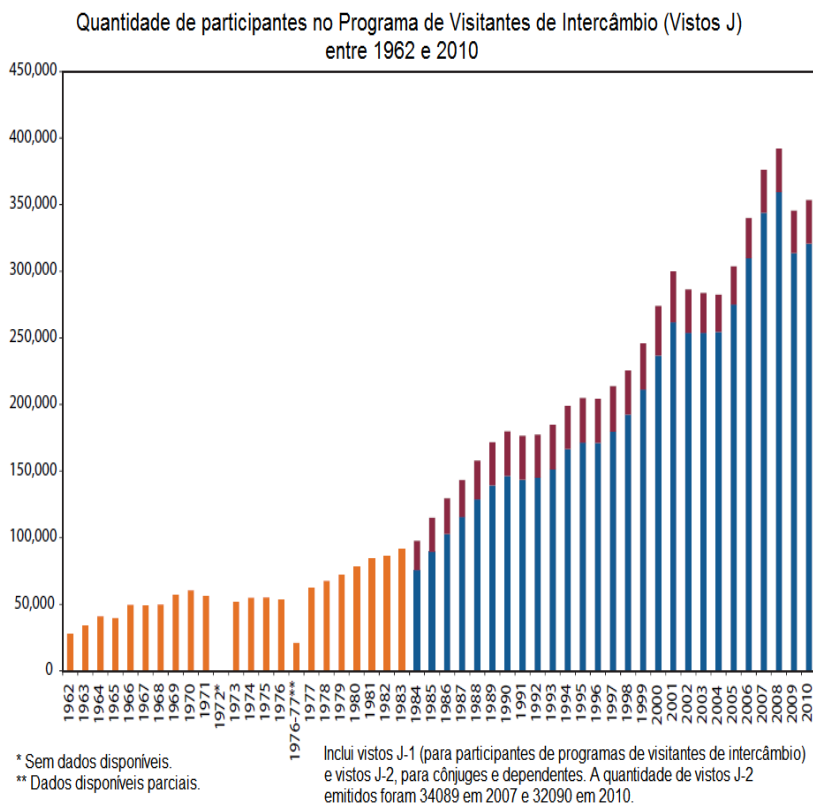
6,42 milhões em 2010. Por outro lado, a proporção de vistos J-1 emitidos dobrou no mesmo período: 146 mil em 1990, 236 mil em 2000 e 320 mil em 2010 (Ver Gráfico 6). Como aponta o Bureau of Consular Affairs (2011), os números de vistos emitidos apontam para uma redução na proporção de emissões de vistos no geral, acompanhada por uma maior popularização do visto J-1. A variação nas quantidades de emissão de vistos estão diretamente ligadas a questões econômicas e políticas. O aumento na emissão de vistos J-1 é comentado por Hamner:

For the past two decades, the number of J-1 visas issued each year has more than doubled from 139,354 in 1989 to 359,447 in 2008. During that time the J-1 visa has, for the most part, enjoyed steady growth aside from the 2001 through 2004, when poor economic conditions and national security policy drastically impacted exchange. (HAMNER, 2010)<sup>13</sup>

O Gráfico 2 apresenta a quantidade de vistos J no geral (J-1 para participantes, e J-2 para acompanhantes - no caso de professores e pesquisadores casados). Podemos perceber uma diminuição de participantes no pós Setembro de 2001, como mencionado por Hamner, e também no pós Crise de 2008. Como veremos, ambas estas variações tiveram consequências sobre a dimensão do fluxo de participantes oriundos de Florianópolis.

---

<sup>13</sup> "Ao longo das duas últimas décadas, o número de vistos J-1 emitidos a cada ano aumentou mais de 100%, passando de 139 mil em 1989 para 359 mil em 2008. Durante este período a emissão de vistos J-1 tem tido crescimento regular quase que ininterrupto, com exceção do período entre 2001 e 2004, quando condições econômicas desfavoráveis e a política de segurança nacional impactaram drasticamente os programas de intercâmbio." (HAMNER, 2010)



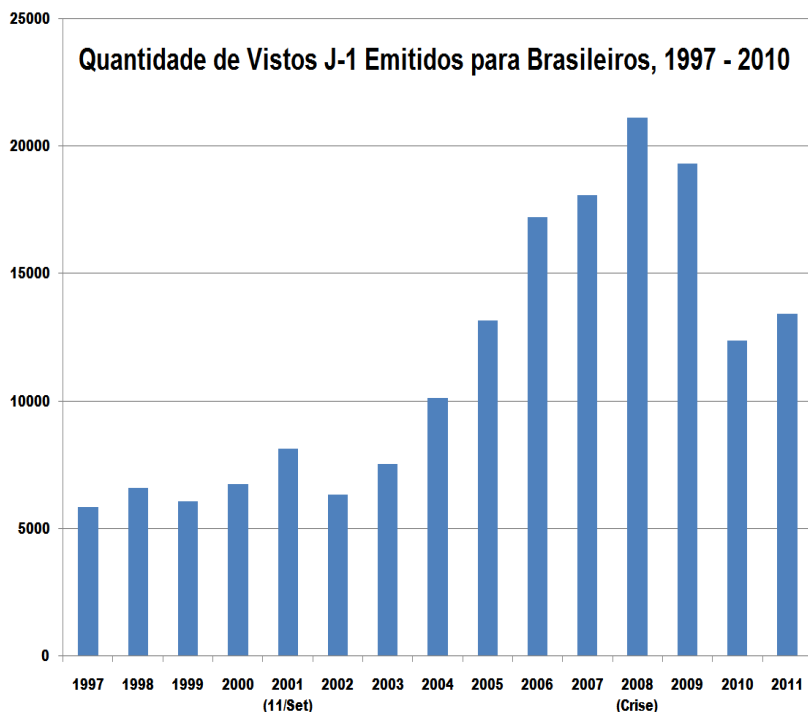
Fonte: Daniel Costa, 2011, p.10 e U.S. Department of State, 2011.

**Gráfico 2: Número de vistos J-1 emitidos desde a criação do Programa de Visitantes de Intercâmbio.**

Fonte: Daniel Costa, 2011, p.10 e U.S. Department of State, 2011.

Em 2006 o Brasil constava no sistema SEVIS como o 2º país com maior número de participantes ativos no Programa de Visitantes de Intercâmbio cerca de 15 mil, 9,7% do total (ICE, 2007).

No Gráfico 3 vemos a evolução da participação do Brasil neste programa, vemos que o número de vistos J-1 concedidos a brasileiros mais do que triplicou em 10 anos. Sendo 5.851 em 1997, 21.125 em 2008 (número mais alto registrado) e 19.331 em 2009. A maior parte destes são participantes do SWT, como veremos no item seguinte.



Dados: Bureau of Consular Affairs - U.S. Department of State (2012). Elaboração: Tiago Welter Martins.

Gráfico 3: Quantidade de vistos J-1 emitidos para Brasileiros, 1997 – 2010.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em Bureau of Consular Affairs, 2011.

Com os atentados terroristas de 11 de Setembro em Nova Iorque, cresce a pressão por mais regulação e controle da emissão de vistos. Wong (2006) descreve este contexto e o processo pelo qual foi implantado, através do "USA Patriot Act", o SEVIS. O SEVIS é um sistema eletrônico o qual monitora a emissão de todos os vistos J-1 e os participantes que os obtêm. Através dele as agências e instituições envolvidas registram e administram, de forma on-line e unificada, os programas de intercâmbio e a passagem dos estudantes pelos EUA.

Um dos objetivos desta pesquisa será compreender a razão destes novos padrões na emissão de vistos, os quais apontam para novas tendências na mobilidade rumo aos EUA. Especificamente analisa-se a tendência do interesse pelos programas SWT, os quais serão discutidos em seguida. Estes, e outros elementos apresentados neste primeiro

capítulo, apontam para a relevância do estudo das redes sociais que possibilitam e regulam os fenômenos de mobilidade na compreensão das novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional, como discutido nos Capítulos 2 e 3.

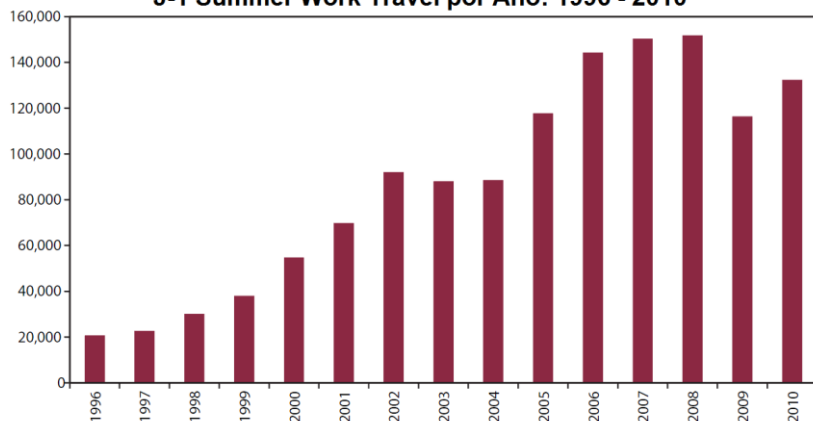
### **1.1.2 O Programa "*Summer Work Travel*" (SWT)**

Foi apresentado acima o Visto J-1 (Exchange Visitor Program) e suas 14 categorias. Faz-se, aqui, uma apresentação de uma destas 14 categorias: a modalidade "*Summer Work Travel*", a qual possibilita o tipo de mobilidade que é objeto desta pesquisa.

Segundo relatório do Governo dos EUA (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2011b), o programa "*Summer Work Travel*" tem como objetivo dar a estudantes do ensino superior a oportunidade de se envolver diretamente com a cultura do país através de uma oportunidade na qual se pode viajar e trabalhar no país por, no máximo, 4 meses. O SWT é considerado, pelo governo, um instrumento chave da diplomacia dos EUA e já teve cerca de 2 milhões de participantes, sendo metade destes ao longo dos últimos 10 anos. Recentemente, o programa tem mantido uma média de 120 mil vistos emitidos a cada ano, segundo o Bureau of Consular Affairs (2011). O sucesso do SWT, segundo o relatório, se deve ao casamento do interesse cultural dos participantes somado a possibilidade de trabalhar e assim financiar sua própria viagem. Os estudantes assumem posições de trabalho que não requerem especialização em resorts, estações de ski, restaurantes, e afins.

Vemos no Gráfico 4, a quantidade de intercâmbios SWT realizados entre 1996 e 2010. Em 12 anos o SWT foi de 20 para cerca de 150 mil participantes entre 1996 e 2008.

**Número de Participantes do Programa  
J-1 Summer Work Travel por Ano: 1996 - 2010**



Fonte: EPI Briefing Paper #317 (COSTA, 2011)

Gráfico 4: Número de participantes no SWT por ano de 1996 a 2010.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em dados de Costa, 2011.

Os números em relação à participação de brasileiros no SWT são muito pouco divulgados de um modo geral (tanto pelo governo dos EUA quanto pelos agenciadores). O Quadro 2 apresenta os únicos dados encontrados sobre a quantidade de participantes por país e o Brasil figura entre os países com mais participantes nos últimos anos. É o país latino-americano com maior número de participantes e sua participação passou de 5477 intercambistas em 2004 para 11797 em 2008.

Os 10 países com maior número de participantes no SWT							
2004		2006		2008		2010	
País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes
Polônia	18691	Rússia	23642	Rússia	27517	Rússia	21823
Rússia	9962	Polônia	13435	<b>Brasil</b>	11797	Ucrânia	9116
Bulgária	6993	<b>Brasil</b>	9806	Turquia	994	Turquia	7087
Eslováquia	5581	Bulgária	8756	Ucrânia	9488	<b>Brasil</b>	6024
<b>Brasil</b>	5477	Peru	6158	Tailândia	7815	Tailândia	6008

Os 10 países com maior número de participantes no SWT							
2004		2006		2008		2010	
País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes	País de Origem	Nº de Participantes
Irlanda	4309	Irlanda	5946	Irlanda	7483	Irlanda	5213
Rep. Checa	3053	Tailândia	5505	Bulgária	6907	China	5056
Peru	2978	Romênia	5503	Peru	6829	Bulgária	486
Romênia	2901	Eslováquia	5174	Moldávia	5547	Moldávia	4072
Bielo-Rússia	2607	Turquia	4728	Polónia	458	Peru	3388

Quadro 2: Os 10 países com maior número de participantes no SWT.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em dados de Jerry Kammer, 2011, p. 4.

Há uma quantidade limitada, porém diversificada, de pesquisas acadêmicas sobre o Programa *Summer Work Travel*. O Quadro 2 (acima), aponta que os principais países participantes são da Europa de Leste (ex: Rússia e Polónia) e isto explicaria o fato de que grande parte da literatura sobre o SWT é oriunda desta região. Apresento aqui algumas destas discussões no intuito de apontar algumas das lacunas no entendimento desta mobilidade e que inspiraram esta pesquisa.

Bizhanova (2011) coletou dados com 143 estudantes do Casaquistão que participaram do programa SWT entre 2007 e 2009. Ela defende que intercâmbios culturais internacionais, seja através de programas de estudo ou trabalho, se difundiram em um mundo globalizado como parte do processo de internacionalização da educação<sup>14</sup>. Toda a literatura de base da autora é composta por trabalhos que estudam a educação internacional, algo que é interessante na medida em que os "intercâmbios" SWT são marcados pela experiência do trabalho e a ausência de cursos, como são comuns em universidades ou escolas de língua. Por outro lado, a autora aponta que o programa SWT é o tipo de intercâmbio mais difundido no Casaquistão e aponta para um

<sup>14</sup> Como se apresentará, esta internacionalização da educação está atrelada a uma economia de serviços educacionais que cresce ao redor do mundo, Canadá, Austrália e EUA como exemplos de países que se especializaram na oferta de programas, serviços e vistos específicos para estudantes estrangeiros.

aproveitamento bastante positivo do ponto de vista educacional e profissional.

Daniel Pop analisa o tema dos programas de trabalho temporário para estrangeiros ("Guest-worker programs") e apresenta resultados de pesquisa realizada com 236 ex-participantes da Romênia no programa SWT. Ao contrário de outros estudos realizados com ex intercambistas em universidades, ele demonstra que estes ex-participantes de programas SWT têm uma propensão menor a emigrar novamente.

Koljonen e Perälä (2011) estudaram dois grupos de finlandeses participantes dos programas SWT analisando quais as motivações e razões pelas quais decidiram participar do programa<sup>15</sup>. O estudo apontou que os principais fatores de motivação para a participação nos intercâmbios SWT são procurar interação social, escapar da vida cotidiana e o ambiente de seus lares, desenvolvimento pessoal e busca de novas experiências.

Considerando que boa parte dos participantes de Florianópolis mora, ainda, com seus pais, cabe procurar compreender se as motivações destes jovens são semelhantes às apontadas por Koljonen e Perälä (2011). Seriam motivações relevantes, para os nossos entrevistados, a chance de se afastar da vida doméstica, afastar-se dos pais, desenvolver mais independência e senso de responsabilidade? Cabe indagar, também, se são ou não motivados por outros elementos, como a possibilidade de consumir (BAUMAN, 1998), acumular capital ou desenvolver a proficiência na língua Inglesa.

Este fenômeno será analisado a partir de diferentes escalas geográficas, as quais possibilitem uma caracterização desta população jovem específica, oriunda de Florianópolis bem como os diversos atores com quem estabelecem laços relevantes para o sucesso desta mobilidade.

---

<sup>15</sup> As autoras se utilizaram de quatro teorias diferentes que embasam a análise da motivação ou motivação para viagem: a teoria da "Hierarquia das Necessidades" de Maslow (1954), os "Nove motivadores" de Crompton (1979), a tabela das motivações de viajantes de Iso-Ahola (1982) e a classificação de McIntosh e Goeldner (1988). Pretendo procurar esta literatura.



### 1.1.3 As críticas ao *Summer Work Travel* apontam para a atuação dos diferentes atores em rede

Devido ao seu crescimento acelerado, mesmo em tempos de crise, o programa SWT tem sido alvo de críticas por parte de grupos norte-americanos. Partindo do pressuposto de que a compreensão das relações de poder nos ajuda a compreender melhor as diferentes capacidades de mobilidade espacial internacional (MASSEY, 2007), proponho pensar a mobilidade dos SWT em uma perspectiva reticular o que implica identificar os diferentes atores os quais motivam e condicionam esta mobilidade. Para tal, cabe analisar algumas das críticas ao SWT as quais apontam para identificação destes atores.

Jessica Vaughan (2009) defende que o tipo de trabalho dado aos participantes dos programas SWT (vendedores em loja, garçõete, salva vidas, etc) é tradicionalmente exercido por adolescentes norte-americanos. A autora argumenta que o SWT é apresentado pelo Governo como um programa para o “intercâmbio cultural”, mas que se tornou mais uma forma de acesso à mão de obra estrangeira de baixa remuneração. Segundo a autora, em 2009 havia 63 *Sponsors*<sup>16</sup> em atividade nos EUA. Ela critica que estas agências que se responsabilizam pela vinda dos participantes não são suficientemente fiscalizadas e isto acarreta em exploração dos jovens participantes com longas jornadas, baixos salários e moradia precária.

As críticas de Vaughan (2009) se somam as de vários relatórios como o do U.S. Government Accountability Office (U.S. GAO, 2005). A mensagem, de cunho claramente anti-imigratório, fica clara no título do artigo de David North (2011), “Obama, você pode criar 100 mil empregos dando uma simples assinatura” (“Obama You Can Create 100000 Jobs for Americans with a Pen Stroke”). O autor afirma que, em Julho de 2010, 4,4 milhões de jovens norte-americanos, de 16 a 24 anos de idades, estavam desempregados e procurando por emprego e defende que, neste contexto, o programa “*Summer Work Travel*” deve ser cancelado para que os cerca de 100 mil empregos que ele garante atendam a demanda dos desempregados norte americanos.

---

<sup>16</sup> Um Sponsor é uma organização ou agência com base nos EUA a qual assume a responsabilidade perante o governo dos EUA pelos intercambistas que vêm ao país com visto J-1. Isto é, as agências de intercâmbio em vários países (ex: Intercultural em Florianópolis) vendem pacotes de intercâmbio e auxiliam os intercambistas em tudo que precisam, mas, por lei, são obrigadas a ter uma agência parceira norte-americana (ex: CCUSA nos EUA) que se responsabilize legalmente por este processo. Esta discussão é aprofundada no Capítulo 2.

O artigo da Associated Press (MOHR, WEISS & BAKER, 2010) intitulado "Programa *Summer Work Travel* é marcado por abuso e exploração de jovens estudantes" contém relatos de estudantes que passaram por péssimas experiências, em função da má atuação de sujeitos envolvidos no recrutamento e na contratação de participantes. Alguns participantes recebiam promessas de emprego fixo e chance de viajar, mas ao chegar aos EUA algumas das participantes eram forçadas a trabalhar em clubes de *striptease*. Outros se sujeitaram a salários inferiores a US\$1 por hora, dormindo em apartamentos onde utilizavam camas por turnos (assim como as "camas quentes" para imigrantes na Espanha, ver Borges, 2009).

São críticas contundentes e que, como veremos, influenciam em alterações da legislação em torno dos programas SWT (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2011c).

A despeito das críticas de Vaughan (2009) e North (2010), as autoras Taylor e Finley (2010) descrevem um cenário no qual há muito interesse por parte de empregadores na contratação dos participantes de programas SWT. As autoras argumentam que países desenvolvidos de grande porte (EUA, Alemanha, França, Itália, etc) passam por necessidade de mão de obra devido a vários fatores. Uma das soluções tem sido o movimento temporário de mão de obra. Assim se criam programas variados para administrar este movimento. No caso dos EUA, os resorts e outros estabelecimentos que necessitam de mão de obra não especializada durante período de alta estação empregam trabalhadores, principalmente, através de dois vistos. O visto H2B é utilizado por trabalhadores recrutados no estrangeiro. Em 2007 o limite de emissão era de 66 mil por ano. Os outros trabalhadores são estudantes de nível superior que conseguem trabalho através do visto J-1 na categoria "*Summer Work Travel*". As autoras indicam que, devido à falta de trabalhadores na categoria H2B, por conta do limite de emissão de vistos, a tendência é a contratação de mais estudantes pelo visto J-1, o qual não tem limite de emissões anuais.

Pensando a questão da exploração da mão de obra e as leis de emissão de visto, Johnson (2011) discute como o parque temático Walt Disney World na Flórida criou programas de trabalho específicos, utilizando os vistos de tipo Q e J-1, que se declaram programas de aprendizado cultural, mas que não passam de programas de trabalho e que não se encaixam nos pré-requisitos de intercâmbio cultural ou aproveitamento educacional.

O autor aponta que a análise das práticas de imigração da Disney nos dá uma visão de questões mais amplas em torno de quem define e se beneficia das atuais leis imigratórias. Ele defende que isso mostra como o sistema de concessão de vistos, conhecido por ser tão rígido, é, na verdade, bem maleável perante alguns poucos, porém poderosos, atores sociais os quais de fato o controlam.

Essa discussão mostra a relevância do desafio de tentar compreender quem são e como se relacionam os atores envolvidos na manutenção e na regulação do fluxo de participantes do programa SWT. Os conflitos ou estratégias decorrentes de questões como o interesse pelo emprego de mão de obra barata, a pressão social causada pela crise econômica de 2007/2008, os interesses comerciais na venda dos programas SWT e o interesse dos participantes em terem uma experiência internacional nos apontam para um complexo trabalho em rede, o qual caracteriza este tipo de mobilidade específica.

#### **1.1.4 A atuação das agências de intercâmbio brasileiras e os Programas SWT**

A legislação dos programas de visto J-1 exige que os participantes de intercâmbio tenham autorização de uma organização *Sponsor* nos EUA (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2007), para tal os participantes dependem em seus países do suporte de agências locais em cooperação com estes *Sponsors*. Estas agências são as tradicionais agências especializadas em intercâmbios e/ou turismo em geral.

No Brasil, os discursos destas agências de intercâmbio<sup>17</sup> apontam, claramente, para o trabalho em rede enquanto pressuposto para o sucesso desta mobilidade:

A Intercultural é a representante exclusiva no Brasil da CCUSA, organização americana através da qual 200 mil estudantes estrangeiros já

---

<sup>17</sup> Cabe ressaltar que, no Brasil, a maioria das agências de intercâmbio faz parte de franquias com no mínimo 10 filiais ao redor de todo o Brasil. As sedes estão localizadas, geralmente, em São Paulo, mas há exceções. A Intercultural Intercâmbios, uma das pioneiras do intercâmbio SWT no Brasil se espalhou por todo o país, mas surgiu e mantém sua sede em Florianópolis. Outras franquias de destaque são a IE Intercâmbios, CI, World Study, EGALI, STB e Travel Mate, todas presentes em Florianópolis, tendo sido entrevistadas para esta pesquisa.

obtiveram empregos em empresas americanas (INTERCULTURAL, 2011).

No Experience by Yourself, o estudante consegue o trabalho, e o STB resolve a parte burocrática e torna possível a viagem. (STB, 2011).

A IE disponibiliza o serviço de agendamento para solicitar o visto e te orienta durante todo o processo. (IE Intercambio, 2011)

Estes discursos, reproduzidos pelas agências através de suas campanhas de marketing, apontam para a multiplicidade de motivações envoltas em torno desta mobilidade. Um exemplo é o texto do website da agência Worl Study:

Passar no vestibular, entrar para a faculdade, tomar trote, se dedicar aos estudos... Essas são experiências fundamentais na vida de um estudante universitário, momentos que vai carregar em sua memória para sempre e peças chaves para sua evolução. Mas para esta trajetória ser completa, mais uma etapa precisa ser cumprida: uma vivência no exterior. E o programa TRUE USA (Trabalho Remunerado para Universitários no Exterior) da World Study é a melhor forma de viver esta etapa. (WORLD STUDY, 2011)

Já na agência STB:

Trabalhar no exterior demonstra flexibilidade. No cenário mundial, flexibilidade, jogo de cintura e rapidez para se adaptar às mudanças fazem a diferença - este é o perfil que as empresas buscam. (...) As férias que vão entrar para o seu currículo! (STB, 2011)

A análise das campanhas de marketing das agências ao longo dos últimos 5 anos aponta para um possível transição, na qual os argumentos utilizados para vender o programa parecem ter passado de "ganhe dinheiro e aprenda Inglês" para "adquirir mais experiência de vida". Cabe indagar: qual as significações do conteúdo destas campanhas em

relação ao público alvo, isto é: quem é o participante típico dos programas SWT e quais suas motivações? Para além disso: o que a caracterização destes sujeitos de Florianópolis, suas motivações e estratégias de mobilidade nos dizem sobre o novo contexto da mobilidade espacial internacional?

Dall'Agnol (2009) estudou os intercâmbios SWT em Florianópolis através de monografia em Jornalismo, criando a partir de entrevistas com ex-participantes e agências de intercâmbio um website que é guia de orientação focado no que ela identificou como as principais dúvidas e necessidades dos participantes do programa: conseguir emprego, moradia, documentação, processos burocráticos antes, durante e depois, etc. Dall'Agnol aponta que o programa SWT é vendido aos participantes em 3 formatos diferentes, cada um com uma forma diferente de se chegar a vaga de emprego:

*"Job Fair", ou Feira de Empregos, na qual empregadores dos EUA vêm ao Brasil por intermédio das agências de intercâmbio nacionais e selecionam participantes para trabalhar.*

*"Placement", na qual a agência de intercâmbio se encarrega de procurar e alocar o participante em uma vaga.*

*"Independent", na qual o intercambista assume a responsabilidade de procurar emprego por conta própria. Atualmente, de acordo com as regras vigentes em 2011, o participante só consegue o visto se já tiver um contrato assinado pelo empregador e o respaldo de uma agência "Sponsor" que se responsabilize por ele. Isto é, mesmo já tendo uma vaga de emprego, o participante tem de pagar a agência de intercâmbio para poder participar do programa o que lhe dá acesso ao visto J-1.*

As estratégias empregadas pelas agências de intercâmbio, em contexto de competitividade comercial, se manifestam não só nos preços e condições de pagamento (todas as principais agências oferecem o parcelamento do pagamento em prestações, algumas em, até, 18 vezes sem juros), mas vão além. Nesse sentido, é importante buscar compreender como as estratégias comerciais nos falam sobre a forma como a rede se configura, e sobre a trama de conexões que se estabelece. Por exemplo, quais relações as agências estabelecem com o

meio acadêmico, buscando motivar mais universitários a participar do programa. Analisar-se-á, no Capítulo 2, como as redes sociais dos estudantes e ex-participantes influenciam no estabelecimento e crescimento da rede em torno dos intercâmbios SWT.

Segundo Barros e Resende (2009), a grande popularidade dos intercâmbios SWT fez com que muitas agências de viagem e intercâmbio alterassem por completo seu foco de atuação. Os autores se referem ao SWT como “intercâmbio cultural” ao relatar que a maior parte das agências de viagem da cidade de Ponta Grossa (PR) deixou os cursos no exterior em segundo plano para priorizar a venda da

modalidade de intercâmbio cultural chamado de ‘Work & Travel’, que são viagens com propósito principal do cliente passar por uma experiência profissional em estações de esqui, restaurantes, hotéis, entre outros e também amadurecimento pessoal (2010).

Isto é emblemático para repensarmos categorias de mobilidade mais tradicionais, se pensarmos que o significado da palavra “intercâmbio” contrasta com o que o SWT é em termos práticos: um programa de trabalho temporário.

Em estudo da área de Administração/Marketing, Claus Weihermann analisou a adaptação cultural de intercambistas, sendo 66% dos entrevistados ex-participantes do programa *Summer Work Travel*. A pesquisa foi realizada a partir de experiência de estágio profissional em Agência de Intercâmbio de Balneário Camboriú, Santa Catarina (tendo acesso ao cadastro de ex-intercambistas da agência e apoio dos funcionários para a aplicação de questionários). O objetivo deste estudo foi propor um plano estratégico de marketing, mesmo assim, alguns dos resultados são interessantes para a caracterização do perfil dos intercambistas SWT. O estudo apontou que os intercambistas: são mulheres (54%)<sup>18</sup>, tem bom nível de Inglês, já havia viajado ao exterior anteriormente (46%), tem alto nível de expectativa em relação ao intercâmbio, com alto índice de superação do choque cultural inicial (70% deles em até três semanas). Apenas 19% dos entrevistados considerou o choque cultural como maior desafio do intercâmbio, 84% indicou que o contato com pessoas do mesmo país pode amenizar as

---

<sup>18</sup> O autor não averiguou a razão para um número maior de mulheres participantes.

saudades e o sentimento de solidão, e 86% indicou que a facilidade de comunicação proporciona um maior contato com familiares no Brasil.

### **1.1.5 Os intercâmbios SWT em Florianópolis**

Esta pesquisa focará a mobilidade dos intercâmbios SWT a partir, sobretudo, da experiência de ex-participantes e agências de Florianópolis. Foca-se nas estratégias em rede que criam e desenvolvem este fluxo de participantes. São várias as lacunas que se pretendem preencher por meio da pesquisa de campo, tais como: quando o programa começou a ser comercializado em Florianópolis, o que influenciou a quantidade de participantes, a dinâmica do crescimento ou retraimento do fluxo, a influência da variação da taxa cambial, de crises como os atentados de Setembro de 2011 e a crise econômica de 2008.

## **1.2 MOBILIDADE ESPACIAL INTERNACIONAL**

Nossa pesquisa trata de um tipo específico de mobilidade espacial internacional, apoiando-se na literatura de diferentes áreas para buscar compreender como esta população de jovens, por intermédio de uma rede que se estabelece, lida com um novo contexto de diferenciação dos direitos de acesso a mobilidade. Fazemos aqui uma introdução a este tema que será retomada ao longo do Capítulo 3.

### **1.2.1 O tempo atual e as mobilidades internacionais**

Diversos autores chamam a atenção para a necessidade de pensarmos a mobilidade internacional de pessoas como elemento que ajuda a construir a noção de espaço e se articula a noção de território (G. SANTOS, 2005. M. SANTOS, 2000.)

Mais recentemente, nas sociedades ‘de controle’ ou ‘pós-modernas’ vigora o

controle da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões – o território

passa então, gradativamente, de um território mais 'zonal' ou de controle de áreas para um 'território-rede' ou de controle de redes. Aí, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território' (HAESBAERT, 2005b, p. 67).

Autores de todo mundo têm apontado para a emergência de entender a fluidez como sendo, sobretudo, seletiva e condicionada por um "conjunto de normas" (SANTOS, 2000). Vivemos

num mundo de estímulo generalizado à mobilidade espacial. Mobilidade em diversos graus e escalas, referente a diferentes motivações e categorias sociais. O "viver sem fronteiras", expressão banalizada em campanhas publicitárias, transmite a ideia de fim dos limites e constrangimentos ao movimento, de possibilidades quase ilimitadas para construção e usufruto de identidades antes ancoradas espacialmente e agora supostamente disponíveis a todos. Tais imagens precisam conviver, porém, com a existência de mobilidades compulsórias, forçadas, e de barreiras levantadas contra o movimento humano. Compreender como convivem e se articulam impulsos tão diversos, de abertura e fechamento, de movimento e imobilidade, de liberação e controle, parece ser uma tarefa urgente nos nossos tempos (SEYFERTH, POVOA NETO, ZANINI & SANTOS, 2009).

Um dos desafios teóricos em relação ao estudo dos programas de intercâmbio "*Summer Work Travel*" é que os mesmos parecem se configurar como um fenômeno que congrega elementos distintos, tradicionalmente analisados a partir de enfoques distintos. Isto é, como classificar uma mobilidade que provê mão de obra mas que aparentemente é entendida ou tratada como intercâmbio cultural?

Desta forma discutirei a categoria de "mobilidade internacional" aqui em três etapas. Primeiro debruçando-me sobre as discussões sobre migrações contemporâneas, focando os trabalhos que discutem o conceito de migrante como de trabalhador em condição de fragilidade social ou política. Segundo passo a discutir a mobilidade internacional



de estudantes. Por fim, proponho apontar alguns dos pontos em comum que somam para pensar a mobilidade internacional em um sentido amplo e os programas SWT como um novo tipo de mobilidade, um híbrido conceitual.

### 1.2.2 As migrações internacionais

O campo dos estudos das migrações internacionais é bem fértil e tem vasta produção. Contudo, são muitos os autores que se eximem de explicitar em seus artigos qual definição de migrante estão empregando. Mesmo assim, a meu ver, deixa-se transparecer que a população a qual se referem está envolta em um contexto de exploração do trabalho, tem dificuldades em conseguir documentação ou são oriundos de contexto sócio econômico de maior fragilidade na origem (SALES, 1999. POVOA NETO, 2005). Essa população, também na minha leitura, de fato corresponde ao perfil da maior parte da população emigrante brasileira, a qual superou em número a população que imigra ao Brasil por volta dos anos 80 (ASSIS, 1995). Esta população que continua a crescer sendo alimentada pelas redes migratórias já estabelecidas (SANTOS, 2007; FAZITO, 2002) e que se torna visível em momentos de crise, como o de massacres na fronteira do México em 2010.

Gislene Santos introduz a discussão sobre a noção de migrante afirmando que, “na linguagem mais usual, migrante significa mão de obra barata e prestador de serviços de baixa qualificação” e, por mais que isso não deixe de ser verdade, essa equivalência pode obscurecer mais do que esclarecer o processo de migração (2005, p.61).

A palavra migração provém do latim *migratio* (mudar de habitação, passar de um lugar para o outro) mas só aparece como termo no fim do século XIX. No período entre guerras a Organização Internacional do Trabalho estabelece distinção entre três diferentes tipos de migração: as migrações permanentes, temporárias e sazonais.

Já no fim do século XX, Sayad (1998) descreve migrante como aquele condicionado pela ausência em corpo (enquanto emigrante) e ausência política (enquanto emigrante e imigrante). O migrante passaria assim por dupla exclusão até ser nada além do corpo biológico e técnico. Sua exclusão política no destino se deveria por sua estada ser entendida como objetivando realização de necessidades materiais. Sem identidade civil, o espaço que lhe é concedido é o do trabalho. Sendo assim, para

Sayad, o Estado se esforça em conceder a migração caráter de problema social, vinculando-a estritamente a questão do desemprego e equiparando o migrante à mão de obra. Nesse contexto instável, a possibilidade constante do retorno também definiria migrante.

A partir da definição de Geiger (2002), de que a “migração é o cruzamento por estrangeiros das fronteiras entre os Estados nação” (p.64), Gislene dos Santos (2005) tece dois comentários. Primeiro de que estrangeiro difere de migrante pois o primeiro é estatuto jurídico e o segundo é condição social. Segundo, que a palavra “migração” é sobretudo carregada de variáveis espaciais: fronteiras, cruzamento, travessia. Isto é, se por um lado a liberdade de movimento é sobretudo espacial (o ir e vir), por outro as normas e leis restritivas a migração criam e tomam formas espaciais como cercas, muros, equipamentos policiais e outros obstáculos jurídico/materiais, impedindo a entrada ou permanência em um território.

### **1.2.3 A mobilidade internacional de estudantes**

Acima se revisou a literatura que nos fala de migrantes cruzando fronteiras e assentando moradia, freqüentemente motivados por busca de melhores condições de vida e com perspectiva de permanência indefinida. Em contraste a este tipo de mobilidade, temos autores que se debruçam sobre a questão da mobilidade de estudantes, sobretudo dos que buscam estudar por períodos previamente estabelecidos (de alguns meses a anos). Esse tipo de mobilidade é diferente da mobilidade específica do programa SWT (já que este não inclui, de fato, nenhuma atividade de estudo), mas guarda seus pontos em comum e por isso são relevantes em uma breve revisão.

King, Findlay e Ahrens (2010, p.2) discutem a “mobilidade internacional de estudantes” argumentando que globalmente a “migração de estudantes” cresce em ritmo superior ao da migração no geral e criticam a falta de atenção dada ao tema.

Three of the most widely-cited textbooks on migration – Cohen’s Cambridge Survey of World Migration (1995), Boyle, Halfacree and Robinson’s Exploring Contemporary Migration (1998), and Castles and Miller’s Age of Migration (1993, 4th edition 2009) – all either fail to

mention students or discuss their mobility in a few lines. (p.4)<sup>19</sup>

De forma semelhante, Williams e Baláz (2004) criticam o fato de que migração internacional de estudantes, sobretudo no que tange o retorno destes estudantes, continue um campo pouco pesquisado dentro dos estudos migratórios.

Sobre a escolha de terminologia, ao invés de “migração”, King, Findlay e Ahrens (2010, p.4) optam por falar em “mobilidade” internacional de estudantes argumentando que “mobilidade” implica movimentos com menor duração temporal e uma alta probabilidade de retorno, como em intercâmbios nos quais o estudante tem de voltar a origem para concluir seus estudos. Estas características são as mesmas do programa SWT.

Williams e Baláz (2004) analisam a experiência de estudantes internacionais após seu retorno, vindos do Reino Unido de volta à Eslováquia, analisando qual leitura os estudantes fazem de suas experiências e sua aquisição de "capital humano". Os autores concluem que a avaliação é positiva e apontam para vários benefícios da experiência, tais como: aprendizado de segunda língua, desenvolvimento de competências interpessoais e estabelecimento de networking. Aponta-se que a escolha pelo tipo de mobilidade vai bastante além do simples interesse por um diploma ou domínio de uma segunda língua.

Donata Bessey (2007) faz uma análise da migração internacional de estudantes que chegam à Alemanha, mostrando como a mobilidade internacional estudantil tem crescido em número nos últimos 25 anos e defendendo a ideia de que a educação superior se tornou um “negócio global”. Ela afirma que a Globalização e o maior índice de mobilidade incrementaram o conjunto de opções disponíveis para um estudante que está na fase de decidir sobre sua carreira futura. Neste contexto, os governos adaptam seus sistemas de ensino de modos a incentivar esta mobilidade, como é o caso do Processo de Bolonha e do Programa de Intercâmbio Universitário Europeu (ERASMUS). Para além disso, pautadas por interesses acadêmicos ou comerciais, as universidades passam a se adaptar aos novos processos de forma a melhor disputar o recebimento dos melhores alunos (e por melhores entende-se ambos: os

---

<sup>19</sup> "Todas as três fontes mais amplamente citadas nos estudos sobre migração, ou não mencionam a mobilidade de estudantes ou a discutem em poucas linhas."

com melhor perfil acadêmico bem como os mais dispostos a pagar por altas taxas acadêmicas).

Dentro deste mesmo contexto, a edição da Revista Metropolis Canadian Diversity, publicada em 2011 (BELKHODJA, 2011), sobre migração internacional e mobilidade estudantil aponta que até recentemente intercâmbios estudantis tinham pouca relação com imigração, os intercâmbios serviam para os intercambistas aos seus anseios de sucesso no país de origem, isto é, poucos intercambistas eram motivados a permanecer no país após seus estudos e poucos o faziam. Ao longo da última década isto mudou. O Canadá, segundo a autora, está atualmente investindo e criando políticas para a atração de estudantes estrangeiros. Em 2006, por exemplo, foi criada lei que permite a estudantes universitários estrangeiros trabalharem durante seu intercâmbio. Como aponta Bookman (2006), certos governos perceberam a demanda criada pela crescente internacionalização de estudantes e passam a explorar o mercado dos intercâmbios (universitários, de curso de língua, de trabalho), adaptando-o aos interesses locais, regionais ou nacionais.

Aqui no Brasil podemos notar esta nova tendência através das feiras de intercâmbio, as quais são, hoje em dia, tomadas por stands canadenses. No caso da "Feira do Estudante" ocorrida em Florianópolis em 2010 os canadenses somavam 50% do total de stands.

Cabe indagar sobre como se relacionam os interesses por avanço da ciência, e conseqüente desenvolvimento social, com interesses de outras ordens, como o interesse dos grupos que exploram comercialmente as mais variadas formas de mobilidade estudantil.

Dreher & Poutvaara (2005) analisam que impacto tem sobre a migração o fluxo de estudantes para os EUA oriundos de 78 países diferentes no período entre 1971 e 2001. Afirma-se que o abastecimento de estudantes estrangeiros é um importante indicativo de migração subsequente. Além disso, os autores argumentam que os estudos sobre migração têm tendido a focar apenas a migração permanente, mas muitos dos fluxos migratórios são temporários, por exemplo, um grande número de estudantes realizam seus estudos no exterior.

De forma semelhante, King & Ruiz-Gelices (2003), chamam a atenção para a escassez de literatura sobre 'migração internacional de estudantes' dentro da área de geografia da população em seu artigo intitulado "A migração internacional de estudantes e o 'Ano de Intercâmbio' europeu: efeitos sobre a identidade europeia e comportamento migrante subsequente", Mesmo assim, os estudantes

representam um importante elemento para a mobilidade global ou europeia, especialmente dentro da mobilidade de pessoas altamente qualificadas. A pesquisa confirma que os alunos ingleses que realizaram intercâmbios de um ano em outro país europeu pelos programas Erasmus ou Sócrates têm uma maior propensão a continuar suas carreiras/migrar para a Europa continental.

Como fica claro, a mobilidade de estudantes, sobretudo a mobilidade de universitários com objetivo de estudo no exterior, aparece com frequência dentre as discussões sobre a mobilidade internacional contemporânea e se confunde, em termos de nomenclatura ou abordagem, com as discussões sobre a migração de trabalhadores, por mais que frequentemente se oponha os dois processos distintos tentando estabelecer qual a relação entre os dois. Isto é, são comuns as pesquisas que procuram identificar qual a propensão de ex intercambistas a emigrarem, isto é, mudarem de residência definitivamente.

#### **1.2.4 Pensando a mobilidade internacional em um sentido amplo e os programas SWT como um novo tipo de mobilidade**

Barretto (2009) afirma que existe um imaginário popular e científico que atrela turismo a prazer e inclusão, ao passo que a migração estaria atrelada a desenraizamento e exclusão. Isso explicaria o afastamento acadêmico e teórico entre os grupos que se debruçam sobre estas duas temáticas distintas. Contudo, argumenta a autora, "turismo e migrações são duas manifestações de um fenômeno maior, qual seja o da mobilidade ou deslocamento geográfico, que inclusive compartilham motivações e objetivos" (p.1).

Este distanciamento acadêmico dentro dos vários ramos que estudam a mobilidade fica evidente quando se analisa, por exemplo, o conteúdo de certas revistas.<sup>20</sup> Defende-se, aqui, pensar a mobilidade internacional em um sentido amplo, no qual a noção de "rede migratória", por exemplo, possa ser adaptada para pensar a mobilidade

---

<sup>20</sup> A "Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana" a qual conta com 18 volumes publicados e com a participação de autores de reconhecimento internacional da área da migração não tem, em seu banco de resumos, nenhum artigo com os termos turista/turismo, intercambista ou estudante (Ver: <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/issue/archive>). O mesmo se repete com a Revista Mobilities, indicada a mim pelo Professor Helion Povia Neto, quando perguntado sobre como abordaria o tema dos programas SWT.

de grupos de difícil categorização, que participam de novas formas de mobilidade, como os “intercâmbios SWT”.

O fato de que a população dos participantes dos intercâmbios SWT parece se adaptar, ao mesmo tempo, a diferentes categorias comumente encontradas dentro dos estudos sobre mobilidade espacial internacional (turista, estudante estrangeiro, “imigrante”, etc) configurou um verdadeiro “obstáculo teórico”. Sobretudo pelo fato de que a migração internacional de trabalhadores está amplamente estudada, e de que as noções de redes sociais migratórias nos permitem compreender, também, o fluxo de estudantes que se entendem como “intercambistas” e são tratados como tais pela sua sociedade de origem.

As pesquisas sobre novas formas de mobilidade, ou “mobilidades híbridas” nos apontaram uma solução para este problema e passamos, então, a entender este fenômeno a partir de suas várias facetas, e fazendo uso de ferramentas teórico metodológicas já tradicionais, como os estudos sobre redes migratórias por um lado. Utilizou-se, também, os estudos sobre novas mobilidades que incluem a análise das motivações em um sentido amplo, englobando enfoques das pesquisas, por exemplo, em turismo e educação internacional.

No Capítulo 3 apresentamos o resultado desta análise sobre o intercâmbio SWT a partir do enfoque sobre as novas formas de mobilidade ou “mobilidades híbridas” (HALL & PAGE, 2002) e do que foi revelado pela pesquisa de campo. Propomos uma saída para a dificuldade de enquadramento do intercâmbio SWT tendo em vista que seus participantes podem ser vistos, ao mesmo tempo, como migrantes de trabalho temporário, intercambistas culturais e turistas.

### 1.3 A NOÇÃO DE REDE

Nossa pesquisa se propõe a fazer uma análise de um processo de mobilidade em perspectiva reticular. Introduz-se aqui a discussão teórica sobre esta perspectiva que embasará a análise dos dados de campo.

Na última década foram vários os autores os quais analisaram diferentes tipos de mobilidade internacional apoiados na categoria de rede (ASSIS, 2004; SANTOS, G. 2005; SOARES, 2002). Estes autores se posicionam contra a perspectiva economicistas anteriormente popular e defendem que a dinâmica das redes de contato são tão importantes

quanto os fatores econômicos para explicar a mobilidade espacial da população (BURGOS, 20008).

Leila Dias (2005, p. 11) inicia sua discussão sobre a categoria de rede ressaltando que o termo, seja enquanto conceito teórico ou noção empregada pelos atores sociais, continua a se popularizar. Para além disso, em seu texto anterior a autora deixa claro que "o estudo das redes passa obrigatoriamente por um trabalho que se desenvolve na fronteira com outras disciplinas, seja com a Engenharia, a Sociologia, a Física, a Economia, ou a História" (1995, p.159). Dias (2005) aponta a aceleração de quatro grandes fluxos que atravessam o espaço geográfico os quais estão, cada vez menos, contidos dentro dos limites dos territórios nacionais. Estes fluxos seriam os movimentos de pessoas ou fluxos migratórios; os movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias; os fluxos informacionais, que hoje seriam os mais voláteis e menos controláveis; e, por último, os fluxos monetários ou financeiros.

Com a intensificação de todos esses fluxos a representação do mundo social emprega cada vez mais a noção de rede para apontar a complexidade das interações entre os nós. Nas ciências humanas a rede tem sido pensada como forma de organização social, urbana, transacional, ou técnica. Milton Santos, por exemplo, chama atenção para o fato de que a chamada "pós-modernidade", este período técnico-científico-informacional, marca um terceiro momento na evolução da produção e vida das redes.

Os suportes das redes encontram-se, agora, parcialmente no território, nas forças naturais dominadas pelo homem (o espectro eletro magnético) e parcialmente nas forças recentemente elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos (por exemplo, o computador...). Desse modo, quando o fenômeno de rede se torna absoluto, é abusivamente que ele conserva esse nome. Na realidade, nem há mais propriamente redes; seus suportes são pontos. (SANTOS, p. 264)

Dias faz apanhado histórico da evolução do conceito que provém do latim *retis* e é empregado inicialmente no século XII para designar conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós. A representação para designar tanto o corpo, com seus fluxos e tecidos, quanto como cérebro é presente em toda a história do conceito. No século XVIII a rede passa, também, a ser utilizada como referência a técnica, para tratar de infra-

estruturas rodoviárias, telegrafia, etc. Com Saint Simon, após a Revolução Francesa, se forma o conceito moderno de rede, fazendo analogia entre os fluxos que mantém um organismo vivo e aqueles os quais deveriam ser reproduzidos no território para garantir sua vida e seu melhor funcionamento. As redes que garantem a circulação dos fluxos seriam elemento fundamental para pensar uma sociedade mais eficiente e mais justa socialmente, isto é, a rede seria mediadora da mudança social (MUSSO apud DIAS, 2005). Os discípulos de Saint Simon, contudo, continuaram a caminhada na direção oposta, passando a tratar as redes como a própria mudança social, adotando um discurso de determinismo da técnica.

Com o avanço das técnicas de informação, sobretudo com a difusão do uso de computadores e da Internet, a rede passa a ser representada como organismo planetário, como em "A sociedade em rede" de Castells:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de denominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social. (CASTELLS, 1999 apud DIAS, 2005).

Castells estaria assim propondo pensar a rede como nova figura do poder, mas estaria (OFFNER apud DIAS 2005) projetando "as redes em um universo de auto-regulação, sucumbindo ao determinismo tecnológico que ele pensa combater".



Na tentativa de romper com este paradigma e pensar a construção de um caminho teórico-metodológico para integrar a rede na análise geográfica, a autora sugere a revisão das propostas de Milton Santos. Como coloca o autor, "uma das características do mundo atual é a exigência de fluidez para a circulação de ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, interessando aos atores hegemônicos" (SANTOS, 2000, p. 275). O autor defende, assim, que estamos em busca voraz por mais fluidez, mas esta não é categoria técnica, e sim sociotécnica, pois não pode se ignorar o conjunto das ações. O entendimento da fluidez perpassa, assim, não só a análise das inovações técnicas, mas também das novas normas vigentes que a condicionam.

A interação entre as redes e territórios se dá, assim, na soma destas duas lógicas distintas: a das redes definida pelas ações dos atores e a lógica dos territórios, que dão suporte a estas redes, que é resultado dos mecanismos endógenos (relações no lugar entre agentes conectados em proximidade espacial) e mecanismos exógenos (que ligam lugar a várias escalas de organização espacial) (SANTOS, 2000). Assim somam-se novos arranjos institucionais e espaciais à tradicional combinação das escalas de organização espacial (aquele no qual se vai da cidade à região, da região a nação):

Graças aos progressos técnicos e às formas atuais de realização da vida econômica, cada vez mais as redes são globais. (...) As redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo (SANTOS, 2000, p. 269).

Ainda em contraposição a posturas sansimonistas, Dias (2005) propõe que se desenvolvam ferramentas conceituais e metodológicas que permitam efetivamente analisar a natureza das mudanças em curso:

A rede como qualquer outra invenção humana é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou empresas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escala das ações sociais (DIAS, 2005).

A rede chama, assim, atenção para

a complexidade das interações espaciais, resultantes do conjunto de ações desencadeadas em lugares mais ou menos longínquos. Assim, a rede representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo. (idem, p.23)

### 1.3.1 Uma introdução a noção de Redes Sociais

Ilse Scherer-Warren (2005) introduz a discussão sobre as redes sociais afirmando que a sociologia dialoga com diversas áreas, incluindo a Geografia, para a construção do conceito. A noção de redes sociais recebe vários significados que vão se modificando na passagem de um autor para outro passando por conseqüentes adequações às particularidades dos diferentes problemas de pesquisa.

Para Matos (2011, p.167-8), uma rede social é, basicamente,

um conjunto de relações resultantes da articulação de grupos de pessoas, ou instituições sociais, segundo motivações específicas mas ou menos duráveis no tempo (...) pode se desdobrar por localidades contíguas ou distantes.

Scherer-Warren (2005) defende que pode-se falar em duas vertentes teóricas principais. A primeira seria a teoria da explicação da realidade, que busca na noção de rede uma explicação para estruturação social, esta tida como rede de relações realmente existente. A segunda, seria o modelo teórico-metodológico para pesquisas empíricas, ela encontra na noção de rede "uma forma para descrever as relações sociais primárias do cotidiano, tipificando essas relações em fechadas ou abertas, elos fortes ou fracos e assim por diante", interessada assim "na constatação empírica das diferentes formas ou intensidade das relações sociais num determinado campo social" - parentesco, amizade, etc. A autora acrescenta que estas duas perspectivas encontram-se hoje, com frequência, no enfoque de Análise de Redes Sociais (Social Network Analysis) (SCHERER-WARREN, 2005. p.30).

A autora revisa alguns enfoques teórico-metodológicos, iniciando pela distinção entre o foco da análise nas relações sociais em oposição

ao foco nos atributos. Quando o foco da análise está nas relações sociais estabelecidas em um rede, se atenta para quais os tipos de ligações entre os sujeitos (elos fracos ou fortes, etc) ou quais mecanismos de reciprocidade ou troca que conectam os sujeitos (solidariedade, intercâmbios, relações de poder, etc). Em outra perspectiva, as variáveis atributivas do relacionamento entre sujeitos são o objeto para caracterizar a rede, podendo ser de parentesco, amizade, migração, etc; ou por redes intencionalmente construídas, como movimentos sociais, grupo político, etc. Costuma-se, contudo, cruzar este dois enfoques na pesquisa.

A autora destaca dois paradigmas principais na trajetória do estudos das redes sociais: as análises de processos históricos (abordagem idiográfica) e as análises de estrutura ou sistemas sociais (abordagem nomotética). Dentro da abordagem nomotética, temos a Análise de Redes Sociais (Social Network Analysis), a qual surge como campo disciplinar na década de 1970 e para o qual se desenvolvem novas técnicas investigativas tais como: blockmodelling, power-law or scale-free link distribution, small-world networks, social capital; structure x agency (SCHERER-WARREN, 2005. p.35).

### **1.3.2 Introduzindo a noção de redes sociais migratórias**

A perspectiva das redes sociais migratórias embasará a análise ao longo do Capítulo 2, por entender-se que os participantes do SWT são, também, migrantes de trabalho temporário. Além disso, as redes sociais migratórias serão empregadas para entendermos como a rede do *Summer Work Travel* se estrutura em Florianópolis e em nível mundial, pois se percebeu, a partir de estudos, por exemplo, sobre o papel de agências de turismo na emigração de brasileiros (FAZITO, 2005) percebeu-se que a mobilidade do SWT pode ser analisada de forma semelhante, apontando-se para o papel das redes sociais dos participantes (laços estabelecidos com amigos, retornados, familiares) somado a rede SWT estabelecida (envolvendo a intermediação de agências, *Sponsors*, governos).

A partir do tema da crescente complexidade da mobilidade humana, em específico das migrações internacionais contemporâneas, Gislene dos Santos (2005) revisa as noções de rede social e rede social

migratória para propor uma articulação com a categoria território em uma perspectiva geográfica.

Sobre as diferentes abordagens e usos das redes sociais da migração, G. Santos reconhece que, em um primeiro momento, as teorias migratórias apoiaram-se principalmente em análises macroeconômicas. Ao dar pouca consideração à dimensão política, social e cultural do processo migratório, essa perspectiva se caracterizava por ser limitada a teoria da repulsão e atração de determinadas regiões, baseadas na oferta e procura de empregos ("Push & Pull").

Segunda a autora, a rede social é reconhecida como importante para a migração em 1920, mas só é incorporada às pesquisas de migração internacional no fim da década de 1980. É a partir de autores como Massey (1987), Tilly (1990), Sassen (1988) e Sales (1999) que se passa a perceber a migração internacional como um fenômeno que

ocorre ancorada nos laços das redes pessoais de relações, as quais, por sua vez, propiciam a circulação de informações e pessoas, aliciando, amenizando e facultando a travessia e o alojamento do migrante desde o seu lugar de origem até o país de destino. Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais (SANTOS, 2005, p.53).

Massey e Tilly defendem que a presença e o fortalecimento das redes sociais são tão decisivos quanto a oferta de trabalho para o impulso da migração.

Massey (1987) reconstrói o processo de formação das redes sociais mexicanas a aponta que, além da crise e das mudanças socioeconômicas nos locais de origem, a política do "Bracero Program" (o qual concedia vistos a imigrantes para o trabalho na agricultura) é elemento fundamental para entender o que impulsionou a migração. Isto é muito interessante para minha pesquisa, pois enfoco o programa "*Summer Work Travel*" (no qual governo dos EUA incentiva e possibilita que jovens de todo o mundo venham aos EUA para trabalho) como elemento chave para o entendimento da rede que, ao que parece, se adapta em torno das normas deste programa. Massey defende que a migração é um processo social estruturado sendo que após iniciado,

torna-se cumulativo, sendo mantido e alimentado pelas idas e vindas de migrantes entre as comunidades de origem e o país de destino. Dentre as várias tipologias de ligações sociais que dão base a este processo, o autor destaca como mais importante as formas de parentesco e as conexões familiares. Ao defender que os laços sociais herdados de certa organização social (redes pessoais que existiam antes da ação migratória) se apresentam como recursos e estratégias para operacionalizar a migração, Massey articula duas escalas, a dos locais de partida com a dos pontos de chegada.

Tilly (1990), contudo, aponta o fato de que o processo migratório é seletivo, nem todas as pessoas de um mesmo local pertencem a organização social, ou rede social, na qual se oportunizam recursos e informações que ajudam na travessia e garantem emprego e moradia no destino.

Aqui, para além dos laços de parentesco, de amizade e de origem comum, parece fundamental analisar o meio universitário (sobretudo na rede social composta por estudantes e professores) e o papel das redes formais, compostas, por exemplo, pelas agências de intercâmbio, como elemento importante para compreender a organização social que influencia na operacionalização da mobilidade dos intercambistas de trabalho.

Tilly aponta ainda que a "solidariedade étnica" auxilia na migração mas também aprisiona, pois as relações sociais que se reproduzem ou se criam no destino tendem a perpetuar a desigualdade ou criar laços de exploração, explicando por que é comum casos de imigrantes que auxiliam mas também exploram seus conterrâneos. As agências de intercâmbio (no caso do programa SWT) parecem reproduzir esta dinâmica. Sem elas a mobilidade dos intercambistas SWT seria impraticável, mas, por outro lado, as agências cobram um preço alto pelos programas deixando duas opções para os intercambistas: serem financiados por seus pais ou trabalhar muito para conseguir, basicamente, pagar o investimento.<sup>21</sup>

Piselli considera que a identidade cultural múltipla, deslocada entre dois países, é o que caracteriza o migrante dos tempos atuais e, nesse sentido, a abordagem de redes sociais é rica em possibilidades analíticas. Já que origem e destino possuem contextos distintos, cria-se

---

<sup>21</sup> Para participar do programa SWT, o participante tem de investir, no mínimo, cerca de US\$3720 (incluindo passagem, visto, a taxa do programa, moradia e alimentação por três meses). Se este participante trabalhar 40 horas semanais, sem férias e com salário na média de US\$8 por hora ele ganhará, em três meses de trabalho, cerca de US\$3840.

uma terceira identidade, uma nova identidade do estar na rede, isto é, "as redes se tornam portadoras de uma identidade construída entre dois lugares" (1998).

Gislene dos Santos apresenta as propostas de Lazega (1998 apud SANTOS, 2005), teórico das redes sociais não de migração, mas de organizações profissionais. Para Lazega

o estudo das redes sociais prioriza sempre grupos, pessoas, organizações, instituições que se relacionam entre si e com outros atores, em troca de informações, que visam atingir certos objetivos. Ou seja, a rede social implica uma ação em concerto para atingir objetivos comuns ao grupo (idem, p.57).

A rede, para Lazega, pode ser concebida como uma estrutura simplificada, na qual se concentram normas e regras de uma sociedade no seu conjunto, tanto como pode ser um método de estudo. Gislene Santos critica a falta de mais estudos na Geografia sobre as redes sociais na migração, mas por outro lado aponta que as dimensões territoriais estão, por sua vez, quase ausentes nas teorias das redes sociais migratórias, ainda que a experiência de habitar entre dois espaços seja a situação limite do migrante.

A proposta de Offner e Pumain (1996) é de que a Geografia pode contribuir para o debate das migrações contemporâneas internacionais articulando as redes sociais à categoria de território. Sendo assim, Offner e Pumain, iniciam a discussão apresentando as noções de rede social e território em separado. A rede social é concebida como "um conjunto de indivíduos ou de grupos que entretêm relações binárias permitindo a circulação de oportunidades" (idem, p.58). Já o território, o qual carrega uma dupla dimensão (os atributos espaciais e os atributos simbólicos), é colocado como uma construção social, um momento de negociação, é apropriação, memória, regulação. Em um mesmo espaço pode-se construir territórios múltiplos, disjuntos ou superpostos. As mensagens, informações, pessoas que circulam através da rede não dispensam base territorial. A circulação em redes mobiliza e altera os territórios onde tem seus pontos de referência e conexão. Por conta desses atributos espaciais e simbólicos é que se torna possível articular a rede ao território.

Gislene dos Santos (2005) aponta que a junção das filiações teóricas do pesquisador, com o que ele quer conhecer e com as variáveis

que ele escolhe definirá a rede que se identifica. Nesse sentido é preciso estar bem definido o que se quer que a rede social identifique. Nossa pesquisa emprega a noção de rede social para entender o trabalho em rede que possibilita a mobilidade do programa SWT, buscando compreender como os laços estabelecidos e as relações de poder (SANTOS, 2000) determinam a capacidade de diferentes grupos de se deslocar no espaço.

## 1.4 QUESTÃO CENTRAL E OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.4.1 Questão central da Pesquisa

Como se configura a rede social que garante a mobilidade espacial dos participantes do programa “*Summer Work Travel*” entre Florianópolis e EUA e o que ela contribui para o entendimento das novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional da população?

### 1.4.2 Objetivo Geral

Analisar o tipo específico de mobilidade dos intercambistas participantes no programa “*Summer Work Travel*” entre Florianópolis e EUA, buscando compreender, a partir da análise estrutural da rede que a dá suporte, como eles se situam no contexto das novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional, marcadas por contexto um contexto no qual discurso de incentivos a mobilidade contrasta com a diferenciação dos direitos a mobilidade e a partir do qual surgem novas formas de mobilidade.

### 1.4.3 Objetivos específicos

1 – Focando na experiência das Agências de Intercâmbio locais e de ex-participantes, analisar como surge e se desenvolve a rede que possibilita esta mobilidade entre Florianópolis e EUA, para que se possa

situá-la no novo contexto das mobilidades internacionais.

2 – Propor, a partir da Análise de Redes Sociais e Teoria de Grafos, um modelo estrutural do sistema dos intercâmbios *Summer Work Travel* a partir de Florianópolis.

3 – A partir dos objetivos 1 e 2, analisar como os intercâmbios SWT se situam em contexto de enrijecimento das fronteiras nacionais frente a mobilidade espacial da população e descrever, a partir da análise da experiência dos ex-participantes, como se define esta nova forma de mobilidade.

## 1.5 PERCURSO METODOLÓGICO

Como exposto, o objetivo desta pesquisa é realizar uma análise qualitativa dos intercâmbios SWT a partir da rede que lhes permite acontecer. Esta pesquisa se propõe a seguir um caminho interdisciplinar, integrando a noção de rede social à análise geográfica. Para tal, no capítulo 2, utilizo a perspectiva das redes migratórias (empregando, por exemplo, o conceito de "sistemas de migração" trabalhado por Fazito, 2005) para analisar a mobilidade do programa SWT. Por outro lado, faço uso, também, de literatura que pensa a mobilidade internacional a partir de suas novas facetas, fazendo interagir perspectivas dos estudos da migração de trabalho, intercâmbios culturais e turismo.

Em primeiro momento, foi levantada a literatura em relação ao fenômeno específico. Ao longo de três anos de pesquisa pode-se constatar um número reduzido de trabalhos, o que apontou para as lacunas que esta pesquisa tenta preencher. Os trabalhos de conteúdo mais significativo (maior quantidade de dados relevantes) são, na verdade, de cunho político e não científico (KAMMER, 2011; COSTA; 2011). Nesta etapa foi realizado também um levantamento documental, a partir, sobretudo, de relatórios oficiais do Governo dos EUA, os quais apontaram os objetivos, regulamentos e estatísticas em relação a este programa de intercâmbio.

Tendo-se munido de instrumentos teórico-metodológicos a partir da revisão de literatura sobre mobilidade e redes sociais, empregou-se metodologia de tipo qualitativa que consistiu principalmente na aplicação da técnica de “entrevistas semi-estruturadas” (MINAYO, 1993 e 1996).



Weber Soares (2004) afirma que o interesse teórico pela migração internacional tem se concentrado sobre três tópicos principais: (a) as causas de fluxos populacionais dessa natureza; (b) os determinantes que a eles, fluxos, conferem estabilidade/continuidade; (c) a adaptação dos migrantes à sociedade de destino.

Nas entrevistas, a primeira parte das perguntas seguiram este três tópicos principais enfocando sempre o trabalho em rede e os processos de intermediação. Mais especificamente, com as entrevistas se esperava<sup>22</sup>:

a) Identificar as estratégias dos participantes para lidar com os desafios básicos desta mobilidade como escolher agência de intercâmbio, conseguir suporte financeiro, visto, emprego e moradia. Estas perguntas apontaram para as posições estruturais deste sistema de intercâmbio e os diferentes "mecanismos de intermediação" de modos a formular um modelo estrutural do funcionamento em rede destes intercâmbios (FAZITO, 2005);

b) Determinar os tipos de vínculos estabelecidos bem como os interesses e estratégias de cada ator, considerando a relevância da rede social para entendimento do atual contexto de diferenciação de acesso a mobilidade espacial (HANNAM, SELLER & URRY, 2006);

c) Analisar a mobilidade dos intercâmbios SWT a partir das motivações e experiências dos intercambistas, levando em consideração contexto atual de diversificação das formas de mobilidade (HALL & WILLIAMS, 2002).

Com as entrevistas procurou-se, assim, compreender a mobilidade específica dos intercâmbios SWT em um contexto atual de diferenciação de acesso a mobilidade espacial (POVOA NETO, 2007) marcado por incentivo generalizado a mobilidade e discursos controversos (MASSEY, 2007).

A partir das entrevistas o processo de análise dos dados teve dois momentos.

No primeiro momento, como será visto no Capítulo 2, aplicou-se os instrumentos básicos de Análise de Redes Sociais. Entendo que a análise de redes não constitui um fim em si mesma. Ela é, apenas, como coloca Marteleto (2001), "o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados" (p. 72). Optou-se por esta metodologia como uma ferramenta que possibilitaria se identificar o conjunto de relações que os indivíduos estudados estabelecem através das interações uns com os

---

<sup>22</sup> Para o roteiro de Entrevistas com agências e ex-participantes, vide Anexos.

outros, estudando seus comportamentos e opiniões como dependentes das estruturas nas quais se inserem (MARTELETO, 2001). Procurou-se caracterizar a configuração da rede dos intercâmbios SWT a partir de Florianópolis, descrevendo-a através da análise de cada posição estrutural (tipo de ator). A partir da descrição das diferentes posições estruturais, se produz um modelo estrutural do sistema de funcionamento destes intercâmbios (FAZITO, 2005) o qual aponta para a relevância dos mecanismos de intermediação. Esta discussão introdutória ao método de Análise de Redes Sociais está no início do Capítulo 2.

Em um segundo momento, no Capítulo 3, se caracteriza estes intercâmbios a partir dos relatos de mobilidade e da especificidade destas experiências, apontando para o surgimento de novas formas de mobilidade e relevância do trabalho em rede como elemento chave para compreensão das novas dinâmicas da mobilidade internacional, marcadas pela diferenciação de acessos a mobilidade.

A população-alvo das entrevistas foram as agências de intercâmbio, ex-participantes de Florianópolis e acadêmicos ou especialistas que tenham se dedicado a estudar o tópico.

A partir de pré-entrevistas o foco de análise foi ampliado. Assim se em um primeiro momento se resumia à configuração da rede e as estratégias de mobilidade, se ampliou para focar, também, a experiência vivida pelos participantes, a apontou um fenômeno mais complexo (HALL & WILLIAMS, 2002) e mais peculiar do que esperado. O foco desta pesquisa seria analisar a configuração da rede e como a interação entre atores possibilitava a mobilidade. Após entrevistas iniciais, contudo, o foco de análise foi ampliado e passou-se a abranger na análise a experiência vivida pelos participantes. Isto é, analisou-se a multiplicidade de motivações destes intercambistas SWT, com base em autores como Hall & Williams (2002)<sup>23</sup>.

Foram realizadas 16 entrevistas semi-estruturadas em profundidade com ex-participantes. Partindo de 3 contatos iniciais previamente estabelecidos, utilizou-se o método de "bola de neve"<sup>24</sup> o qual identificou 48 potenciais entrevistados. Destes 48, foram entrevistados 16 ex-participantes de acordo com a disponibilidade dos

---

<sup>23</sup> Buscou-se analisar se os participantes do SWT tinham como motivações, por exemplo, a busca pela experiência de vida e de intercâmbio, o aprendizado da língua inglesa, o consumo de experiências e produtos, o aprendizado em sentido mais amplo, poder trabalhar como forma de financiar o intercâmbio e assim por diante.

<sup>24</sup> O método de "bola de neve" para a seleção da amostragem possui limitações as quais foram levadas em consideração ao longo da análise dos dados.

mesmos para marcar uma entrevista presencial. A amostra de 16 entrevistados foi considerada suficiente na medida que expressa uma grande diversidade de elementos: participantes de nove "temporadas" diferentes, entre 2000 e 2010, de 4 universidades diferentes, com idades entre 18 e 26 anos, com motivações e experiências distintas. Não foi considerado o elemento de diferença de gênero na escolha dos entrevistados, os quais são 9 mulheres e 7 homens. A maior quantidade de mulheres pode ser um fator relevante para a compreensão do SWT mas não foi foco desta pesquisa.

Apresenta-se, no Quadro 3, uma descrição dos ex-participantes entrevistados a partir dos dados básicos: descrição pessoal (idade na primeira participação, curso universitário) e descrição da primeira participação no programa SWT (agência de intercâmbio, destino, emprego, principal motivação).

<b>Participantes SWT</b>	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°
<b>Nomes fictícios</b>	<b>Joel</b>	<b>Valéria</b>	<b>Luciano</b>	<b>Breno</b>	<b>Camila</b>	<b>Geórgia</b>	<b>Carina</b>	<b>Bárbara</b>
<b>Idade</b>	22	20	19	20	23	23	20	18
<b>Gênero:</b>	Home m	Mulher	Home m	Home m	Mulher	Mulher	Mulher	Mulher
<b>Estudante de:</b>	Admini s. UFSC	Turismo ASSESC	Eng. Mecân. UFSC	Direito Unisul	Geografia UDESC	Letras Alemão UFSC	Letras Inglês UFSC	Admin. Empres . UDESC
<b>Qual ano participou do SWT</b>	2000	2003	2004	2005	2006	2006	2007	2007
<b>Participou novamente do SWT em</b>	2001, 2002, 2003, 2004	2004, 2005, 2006, Green card	Não	2007, 2008, 2011	Não	Não	Não	Não
<b>Através de qual agência</b>	Inter cultural	Inter cultural	AF - Intercâ mbio	World Study	Inter cultural	STB	STB	Cultura l Adven ture
<b>Primeiro emprego nos EUA</b>	Garçon	Atende nte de caixa	Segura nça em eventos	Garçon em Cassino	Hostess Restaur ante	Salva Vidas em Parque Indoor	Garçon ete	Busser, Limpez a de mesas
<b>Principal motivação para participar do SWT</b>	Juntar dinheiro se divertindo	Curiosi dade pela cultura	Intercâ mbio fácil	Ter experiê ncia de vida	Fazer intercâ mbio	Viajar barato	Intercâ mbio barato	Intercâ mbio/fé rias para repensa r futuro
<b>Cidade de destino nos EUA</b>	Fort Lauderdale, Flórida	Aspen, Colora do	Los Angeles, Califór nia	Lake Tahoe, Califór nia	Maples , Flórida	Wisconsin Dells, Wisconsin	Hot Springs , Virgíni a	Pensilv ânia

Quadro 3 (Primeira parte): Participantes entrevistados<sup>25</sup>.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em entrevistas, 2012

<sup>25</sup> Todos os nomes de entrevistados utilizados no artigo são fictícios, mesmo que todos tenham dado autorização para reproduzir seus nomes, declarações e fotografias.

<b>Participantes SWT</b>	9º	10º	11º	12º	13º	14º	15º	16º
<b>Nomes fictícios</b>	<b>Rafaela</b>	<b>Silvia</b>	<b>Guilherme</b>	<b>Felícia</b>	<b>Dalila</b>	<b>Andrei</b>	<b>Paulo</b>	<b>Leandro</b>
<b>Idade</b>	18	26	22	19	18	19	20	19
<b>Gênero:</b>	Mulher	Mulher	Homem	Mulher	Mulher	Homem	Homem	Homem
<b>Estudante de:</b>	Secret. Execut. UFSC	Letras Italiano UFSC	Comér. Exterior UNISUL	Ed. Física UDESC	Rel. Interna. UNISUL	Oceanografia UFSC	Geografia UDESC	Geografia UDESC
<b>Qual ano participou do SWT</b>	2007	2008	2008	2008	2008	2009	2010	2010
<b>Participou novamente do SWT em</b>	Não	Não	Não	Não	Sim 2010	Não	Não	Não
<b>Através de qual agência</b>	World Study	Cultural Adventure	Inter cultural	Cultural Adventure	Inter cultural	Cultural Adventure	Inter cultural	Cultural Adventure
<b>Primeiro emprego nos EUA</b>	Hostes, Restaurante Cassino	Auxiliar de cozinha	Operador de Gôndola	Salvas-vidas em Parque Indoor	Vendedor Loja de Departamento	Auxiliar de cozinha	Faxineiro	Faxineiro
<b>Principal motivação para participar do SWT</b>	Intercâmbio barato	Intercâmbio para repensar futuro	Morar novamente nos EUA	Intercâmbio para repensar futuro	Fazer outro intercâmbio com amigas	Intercâmbio com amigos	Intercâmbio "Fast Food" (barato, rápido e fácil)	Ter que "me virar"
<b>Cidade de destino nos EUA</b>	Escondido, Califórnia	Park City, Utah	Aspen, Colorado	Green Belt, Maryland	Norden, Califórnia	Jackson Hole, Wyoming	Stow, Vermont	Park City, Utah

Quadro 3 (Segunda parte): Participantes entrevistados<sup>26</sup>.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em entrevistas, 2012

<sup>26</sup> Todos os nomes de entrevistados utilizados no artigo são fictícios, mesmo que todos tenham dado autorização para reproduzir seus nomes, declarações e fotografias.



Foram, também, contatadas todas as 11 Agências de Intercâmbio as quais anunciavam o intercâmbio SWT (nos seus vários nomes comerciais), a partir de levantamento por conta própria e por indicação das próprias agências. Foram realizadas 10 entrevistas, a 11ª agência, na verdade, tem apenas um agente representante (não tem sede física) e não respondeu aos telefones, possivelmente estando inativa.

No Quadro 4 apresenta-se uma breve descrição das 10 agências entrevistadas<sup>27</sup>, as quais concederam autorização para divulgação dos nomes, mas preferiu-se alterá-los, em quase todo o texto, para códigos aleatórios de A1 a A10.

---

<sup>27</sup> Todas as agências, com exceção da Global Experience, fazem parte de franquias. Por conta disto menciona-se onde está a agência sede da franquia. No caso da Cultural Adventure há apenas outro escritório, além de Florianópolis, o qual foi recentemente criado em São Paulo. A Travel Mate tinha sua sede em Curitiba mas mudou-se para Florianópolis.

Agências de Intercâmbio Analisadas	Intercultural	STB - Student Travel Bureau	Cultural Adventure	Travel Mate	World Study	EGALI	CI - Central de Intercâmbio e Viagens	Information Planet	Global Experience	IE Intercâmbios
Agência sede da franquia:	Florianópolis	São Paulo	Florianópolis	Florianópolis	Curitiba	Porto Alegre	São Paulo	Sydney, Austrália	Florianópolis	São Paulo
Sobre entrevistado	Diretor, desde 2002	Funcionária	Proprietária	Proprietário	Funcionário	Funcionária	Funcionário	Funcionária	Funcionária	Funcionária
Promove SWT em Florianópolis	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Parou em 2010	Sim
Desde quando?	Desde 1998 (pioneiros em SC)	2002	2001	2004	2005	2009	2006	?	2008 -	2000
Nome comercial do SWT	Work Experience USA	Experience USA	Work Adventure USA	Work and Travel USA	TRUE — Trabalho Remunerado para Universitários no Exterior	FREE Férias Remuneradas Para Estudantes nos EUA	Trabalho de Férias nos EUA	?	Work & Travel	Work Experience USA

Quadro 4: Agências Entrevistadas.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em entrevistas.



Todos os entrevistados, tanto ex-participantes quanto agências se mostraram muito solícitos e acessíveis. A duração média das entrevistas foi de 1 hora e 15 minutos com ex participantes, e de 50 minutos com as agências.

As entrevistas com ex-participantes e agências foram marcadas por momentos de tomada de consciência (chegando, de fato, a algo novo), na qual durante os relatos os entrevistados chegavam a conclusões novas (CARDOSO, 1986), pois nunca haviam se indagado sobre certas questões. Estes momentos foram o ponto alto da pesquisa, pois apontaram pontos de vista os quais o pesquisador, igualmente, desconhecia e levaram a várias das principais conclusões.

A principal limitação desta pesquisa foi lidar com um programa que é, acima de tudo, um produto. Os interesses comerciais envolvidos tornaram mais difícil o acesso aos dados, sobretudo os dados que apontam a quantidade de participantes do SWT. A segunda limitação foi o discurso das agências, o qual, por vezes esteve mais próximo de um discurso de “marketing”, fazendo uma leitura possivelmente dúbia sobre a conjuntura do programa SWT. Por exemplo, as agências que apostam no programa, defendem que ele crescerá e as que decidiram focar em outros programas, ressaltam os problemas do SWT. Felizmente, como todas as agências foram ouvidas, traçou-se uma leitura que soma ambas estas leituras contrastantes, possibilitando uma análise qualitativa aparentemente satisfatória. A terceira limitação foi entrevistar funcionários os quais, comumente, estavam na agência ou no ramo há pouco tempo. Este foi o caso de cinco das dez entrevistas, mas a falta de conhecimento se limitou a desconhecer dados mais antigos em relação ao SWT em Florianópolis (ex: quando agência começou a operar, quantos participaram).



## **CAPÍTULO 2 - A ANÁLISE DA REDE DOS INTERCÂMBIOS SWT A PARTIR DO CASO DE FLORIANÓPOLIS**

O que se pretende neste capítulo é analisar, a partir de uma perspectiva relacional, a participação de estudantes de Florianópolis no programa *Summer Work Travel* (SWT) nos Estados Unidos para que melhor possa se compreender a dinâmica deste tipo de mobilidade.

Para tal realizou-se uma “análise estrutural formal” (FAZITO e RIOS-NETO, 2008), apoiada na teoria de Análise de Redes Sociais e a Teoria dos Grafos, a qual possibilita a compreensão desta mobilidade por meio de suas propriedades básicas, com base em entrevistas com agências, ex-participantes, especialistas no assunto, bem como levantamento da literatura sobre o fenômeno. Foca-se em uma descrição da rede a partir dos processos de intermediação e tem-se como base para tal as entrevistas e a literatura já mencionadas.

A primeira parte deste capítulo trata da descrição do funcionamento do intercâmbio SWT em geral e descreve o tipo de mobilidade do SWT de forma genérica, focando os processos de intermediação. Faz-se uma caracterização das “posições estruturais” (principais tipos de atores integrando a rede) e o papel dos “mecanismos intermediários” (em especial o papel das Agências de intercâmbio) no processo dos intercâmbios SWT. Propõe-se, por fim, a partir da caracterização das “posições estruturais”, um “modelo estrutural” do funcionamento desta mobilidade.

Emprega-se, para esta análise, o software Ucinet 6 (BORGATTI, 2002) e as noções básicas da Análise de Redes Sociais para obter as características principais da rede dos intercâmbios SWT entre Florianópolis e EUA, dando-se enfoque especial a medida de “centralidade da intermediação” oferecida pelo software.

Na segunda parte se analisa o caso específico das agências de Florianópolis, mostrando como se inicia o fluxo de intercambistas SWT, se desenvolveu e as perspectivas do programa na cidade, a partir do que foi relatado através de entrevista com todas as agências as quais realizam o programa atualmente. Foca-se, tendo como apoio as noções de mecanismos de intermediação e laços fortes e fracos, nas diferentes estratégias em rede, que permitiram o surgimento e aumento do fluxo de participantes do programa SWT na cidade.

## 2.1 A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS E O ESTUDO DOS INTERCÂMBIOS SUMMER WORK EXPERIENCE

Para análise do funcionamento da rede dos intercâmbios SWT empregamos o software Ucinet 6 (BORGATTI, 2002) a partir das noções básicas da Análise de Redes Sociais. Entende-se aqui que os intercambistas SWT são, também, migrantes de trabalho temporário e emprega-se, assim, as pesquisas sobre redes sociais migratórias como base para nossa análise sobre a dinâmica desta mobilidade em rede.

Silva e Zanata Jr. (2011) apresentam a teoria de Análise de Redes Sociais (ARS) como corrente que defende que a relação ilumina o ser e não o contrário. Para a ARS, a rede social seria "um conjunto de atores ligados por uma relação" (STEINER, 2006). A rede seria assim, o sistema formado por vínculos diretos e indiretos entre os atores, os quais podem ser indivíduos, organizações, nações, etc. Assim, ao contrário da rede de Castells (em "A sociedade em rede", 1999), para a ARS a rede não é algo novo mas, sim, a estrutura de todas as sociedades, tendo características diferentes em cada contexto. Assim, na perspectiva relacional (ou abordagem estrutural) dessa corrente, qualquer organização constitui conjuntos de atores e pode ser analisada como rede social. Granovetter (1973) argumenta, ainda, que a análise de redes sociais se apresenta como uma ferramenta que permite conectar os níveis micro e macro da teoria sociológica.

A ARS enquanto corrente surge da Sociologia Relacional, onde o entendimento é de que o que as pessoas sentem, pensam e fazem têm origem ou se manifesta na relação entre atores. Nesta abordagem as relações estabelecidas importam mais do que atributos como raça, idade, sexo<sup>28</sup> e assim por diante. Defende-se que uma análise de comportamento, por exemplo, requer análise de como atores estão conectados (SILVA e ZANATA Jr, 2011).

Segundo Hanneman (2001) há várias formas de considerar os dados captados a partir de um estudo de rede e diferentes correntes têm se dedicado a diferentes enfoques. Neste sentido a corrente dos analistas estruturais têm se voltado a tentar definir categorias e variáveis em termos da semelhança dos modelos de relações entre os atores. Ou seja, a definição de uma categoria, ou papel social, ou posição social depende

---

<sup>28</sup> A ARS é utilizada nesta pesquisa como uma ferramenta para a caracterização de uma rede específica. Ao longo da análise que se segue, contudo, os atributos os quais descrevem os participantes serão fundamentais para descrever qualitativamente a mobilidade do SWT.

de suas relações com outra categoria, são inerentemente relacionais. O que define um papel, ou lhe dá significação, é a relação entre os ocupantes dos papéis<sup>29</sup>. Assim em uma pesquisa desta natureza o pesquisador poderia se perguntar, por exemplo, qual o papel social de um marido, e a definição dependeria da relação estabelecida com outros papéis sociais como o de esposa ou filho.

O diferencial da ARS, como coloca Eduardo Marques (2000), está na possibilidade de construir estudos muito precisos nos aspectos descritivos

sem impor uma estrutura a priori à realidade e aos atores, criando um tipo muito particular de “individualismo relacional”. Esta análise permite a realização de investigações sofisticadas e diretas de nível intermediário dos padrões de relação entre indivíduos e grupos, de forma a chegar aos tão decantados micro fundamentos sem a perda da visão da estrutura social (2000).

O autor ainda aponta que, mesmo oferecendo interessantes resultados, esta metodologia não substitui de forma alguma a utilização de atributos e

o estudo de instituições, a análise de decisões e a investigação do espaço, entre outras dimensões, para o que inúmeras outras perspectivas como o neo-institucionalismo, a escolha racional e a análise espacial e urbana continuam tendo muito a contribuir (idem, p.36).

Em nossa pesquisa, da mesma forma, a Análise de Redes Sociais é entendida como metodologia auxiliar a uma análise perspectiva espacial da mobilidade internacional e se pretende com ela poder explicitar de forma mais objetiva as relações de poder e a dinâmica das interações entre diversos atores em torno de um tipo específico de mobilidade de popularidade crescente.

---

<sup>29</sup> O autor brinca, inclusive, apontando que a base analítica de Marx é relacional, está voltada para as relações de classe através das quais se definem os papéis de “trabalhador” e “capitalista” pela relação estabelecida entre os dois.

### 2.1.1 Estruturando uma pesquisa em Análise de Redes Sociais

A pesquisa em ARS se inicia com uma pergunta: quem se relaciona com quem? A partir disto se analisa a configuração formal da rede, seu tamanho, distâncias e proximidades entre atores. Em segundo momento a atenção se volta para o conteúdo das relações entre atores. Isto é, os vínculos estabelecidos são de que tipo, intensidade, localização, duração, e assim por diante (SILVA e ZANATA Jr, 2011).

As informações relacionais nos levam a duas possibilidades de análise na ARS: qualitativa (onde se estudam pequenos grupos em profundidade) ou quantitativa (análise formal, onde se faz o processamento e análise sistemática, geralmente através da Teoria de Grafos e com auxílio de software).

Em uma análise qualitativa assim, se pode fazer o estudo de uma rede parcial, ou seja, se investiga a fundo as relações de parte dos atores de uma rede maior ("total"). A abrangência deste recorte da rede se deve ao problema de pesquisa

A delimitação de quais atores serão incorporados na rede se daria, assim, em duas etapas: a rede formal (previamente definida) e a rede informal (a qual se desvela ao longo do processo de pesquisa, sobretudo pela técnica de “bola de neve”).

Silva e Zanata Jr (2011) chamam a atenção para fato de que os laços em análise não ocorrem no vácuo, existem processos, mecanismos e estruturas externos à rede e relevantes a compreensão da mesma. Os contextos socioculturais estabelecem as condições fundamentais de conectividade.

Jeroen Bruggeman (2008) aponta que a Análise de Redes Sociais tem foco diferente, porém complementar, sobre padrões de relações, em geral esta abordagem complementa a abordagem de outras áreas, um exemplo são os processos de mobilidade populacional em perspectiva espacial, como nesta pesquisa.

Cabe aqui aprofundar algumas noções básicas da Análise de Redes Sociais que serão fundamentais para a análise que se segue.

### 2.1.2 Laços Fracos e Fortes

O foco da ARS está nos vínculos (laços, ligações) estabelecidos entre atores (nós, pontos). Granovetter, com seu artigo "A força dos laços fracos" ("The strength of weak ties", 1973), populariza a discussão sobre as ligações sociais fortes ("strong ties") e ligações sociais fracas ("weak ties"). A diferença entre um laço forte e laço fraco, para Granovetter, seria o grau de "proximidade" entre os atores, o qual pode ser definido de várias formas. A força de um laço varia como função de sua intensidade emocional, confiança, tempo gasto e reciprocidade. Marsden e Campbell (1984) ressaltam que atributos relevantes para esta distinção entre laços fracos e fortes são a duração e a intensidade dos contatos (por exemplo: quantidade de trocas entre os dois pontos) e a frequência na qual ocorrem. Com as novas formas de sociabilidade (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1997) é fundamental considerar as várias formas nas quais estes laços são mantidos, como através da Internet. Isto é, estes laços podem ser mantidos por contatos face a face ou muitos outros meios não presenciais, como documentos, telefone, e-mail, e mais recentemente os websites de relacionamento (Orkut, Facebook, Youtube) os quais foram bastante mencionados nas entrevistas por parte dos intercambistas e das agências.

O argumento de Granovetter (1982) é de que os laços sociais fracos têm um papel mais relevante para a transmissão de informação através das redes sociais do que os laços sociais fortes (família, amigos próximos). Defende-se a ideia, por exemplo, de que quanto maior a força da ligação entre dois indivíduos mais ligações ele terão em comum com outras pessoas ("overlap"), isto é, por exemplo, há uma grande chance de que uma pessoa e seu melhor amigo conheçam muitas pessoas em comum. Os laços fracos nos conectam a indivíduos circulando em ambientes distintos e permitem estabelecer contato ou ter acesso, mesmo que limitado, a informações e oportunidades preciosas as quais não teríamos acesso através de nossos laços fortes. Permitem assim a geração de oportunidades e ideias e amenizam a fragmentação e concentração social.

Vemos, na Figura 2, exemplo de laços interligando grupos (laço fraco, laço forte e laço ausente, onde há ausência de um laço possível).

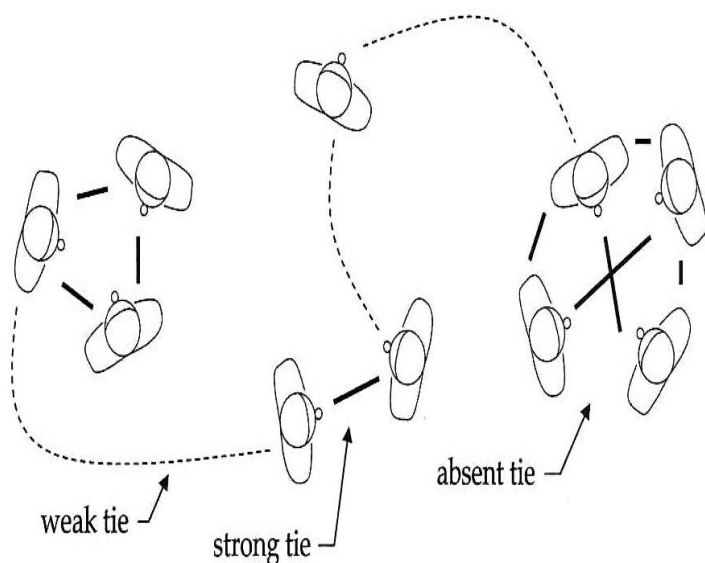


Figura 2: Laços fortes, laços fracos e laços ausentes.

Fonte: Easley & Kleinberg, 2010, p.24.

### 2.1.3 Laços fracos e fortes em nossa pesquisa

Em nossa pesquisa definiram-se as ligações com "amigos" e "familiares" como laços fortes. As ligações com pessoas apontadas como "conhecidos" (colegas não amigos, amigos de amigos) bem como as várias Agências, Empregadores e instituições envolvidas, foram definidas como laços fracos. Esta definição parece dar conta da maior parte dos casos, mas sabe-se que não esgotam toda a gama de nuances envolvidos na construção de uma ideia ou sentimento de proximidade (GARTON; HAYTHORNTWHAITE; WELLMAN, 1997).

A pesquisa apontou que os intercambistas SWT com maior número de laços fracos com pessoas envolvidas com o intercâmbio SWT (conheciam mais retornados, mais amigos de retornados ou tinham algum contato com funcionários de agências) tenderam a dois comportamentos: escolher a agência por conta destes laços (fecharam contrato com a agência indicada) e planejaram o "intercâmbio em grupo", isto é, planejaram participar do programa junto com amigos ou



conhecidos de Florianópolis, assim dividindo as tarefas de escolher agência, conseguir moradia, e trocar dicas de emprego.

Contudo, aqueles participantes que já tinham uma vaga de emprego antes de sair do Brasil (conseguiram vaga por indicação de um amigo Retornado) dependeram de laços fortes. Isto é, as pessoas que conseguiram um emprego antes de aderirem ao programa só conseguiram esta vaga através de um amigo próximo ou parente.

Os laços fracos (sobretudo o que intercambistas chamam de “conhecidos”), assim como indicado por Granovetter (1982), potencializam a circulação de informação sobre oportunidades e tornam o processo de decisão mais rápido, mas o comprometimento e a solidariedade em níveis mais profundos (como negociar com um empregador uma vaga de emprego para um familiar ou parente) depende dos laços fracos.

### **2.1.4 Centralidade de Intermediação**

A medida de centralidade de intermediação é descrita por Hanneman (2001) como aquela que envolve um ator posicionado entre outros dois atores agindo como meio para que um alcance o outro. Mesmo tendo poucas ligações fortes o intermediador assume papel de poder pois pode controlar, em maior ou menor intensidade dependendo do número e qualidade de suas ligações e do fluxo envolvido, a circulação dos fluxos delimitando por onde podem percorrer.

A centralidade de intermediação (Betweenness Centrality) indica se um ator 'A' está em vantagem porque se situa entre um par de outros atores e não existe nenhum outro ator entre 'A' e os demais. 'A' pode negociar os contatos entre os demais atores, cobrar uma ‘tarifa de serviços’, isolar atores ou prevenir contatos (PINTO & JUNQUEIRA, 2008).

No caso dos intercâmbios SWT os processos de intermediação são fundamentais e, por serem fundamentais e fazerem parte de um comércio (a "indústria dos intercâmbios SWT" como colocado por Kammer, 2011), várias "tarifas de serviços" são cobradas.

Na Figura 3 apresenta-se uma possibilidade de apresentação da rede estabelecida a partir da participação no SWT dos 16 intercambistas entrevistados. Limitou-se a representação de cada ator/vértice da rede a um novo laço com outro ator. Este laço seria o primeiro laço formal estabelecido exclusivamente para que o intercâmbio SWT aconteça (o primeiro contrato assinado, no exemplo do intercambista, é com a agência de intercâmbio). Como resultado desta forma de representação, temos o Departamento de Estado dos EUA (o qual inclui, nesta representação, os Consulados e Dep. de Estado em apenas um vértice, entendendo-os como parte de um mesmo órgão) como vértice de maior "centralidade de intermediação" ("betweenness centrality"). O caminho entre o Participante e o Empregador, contudo, passa pelos vértices Agência e *Sponsor*, indicando a relevância destes atores, mesmo

Mais à frente, veremos que a atuação dos Consulados é diferenciada (estabelecem laço direto com agências) e consideraremos estes como vértice diferente do Departamento de Estado (o qual está ligado aos *Sponsors*), apresentando outra configuração da rede. Esta representação da rede a partir de laço contratuais apresenta, contudo, uma boa ideia inicial da hierarquia da rede mas não o que motiva o fluxo. Isto será visto através da representação por meio de um "modelo estrutural" (FAZITO, 2005).

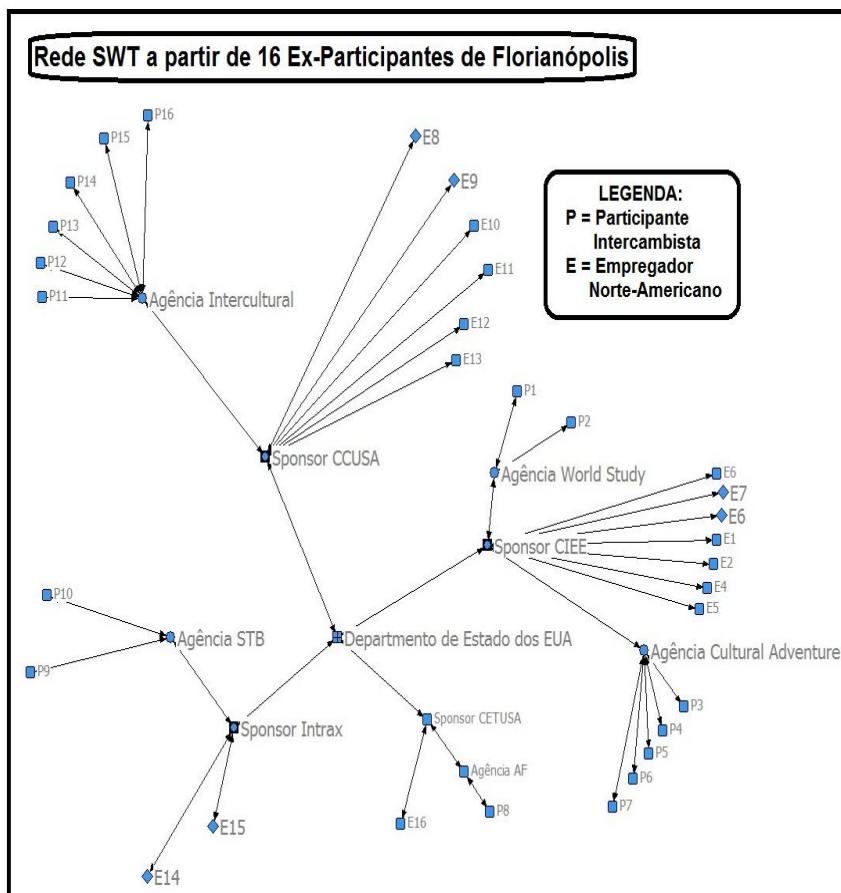


Figura 3: Sociograma da Rede SWT a partir de 16 ex-participantes entrevistados. Elaborado por: Tiago Welter Martins com base em entrevistas e uso do Software Ucinet 6.

Será fundamental para a análise do modelo estrutural proposto, as noções de "vértice-obstáculo" (o qual, se removido da rede, divide o grafo em dois sub-componentes isolados um do outro) e "arco-obstáculo" (cuja remoção ocasiona a mesma alteração na topologia do grafo original).

O conceito de vértice-obstáculo e arco-obstáculo é crítico para análise dos grafos porque a remoção de um vértice ou arco de intermediação pode

alterar completamente a topologia do grafo original. Por isso tais vértices e arcos, que ocupam posição estrutural exclusiva em um sistema (uma rede de relações), recebem atenção especial quanto às suas propriedades formais (acessibilidade, intermediação, brokerage) e identificação com os papéis dos agentes e pontes em uma rede social (FAZITO, 2005)

A Figura 4 ilustra estes dois conceitos.

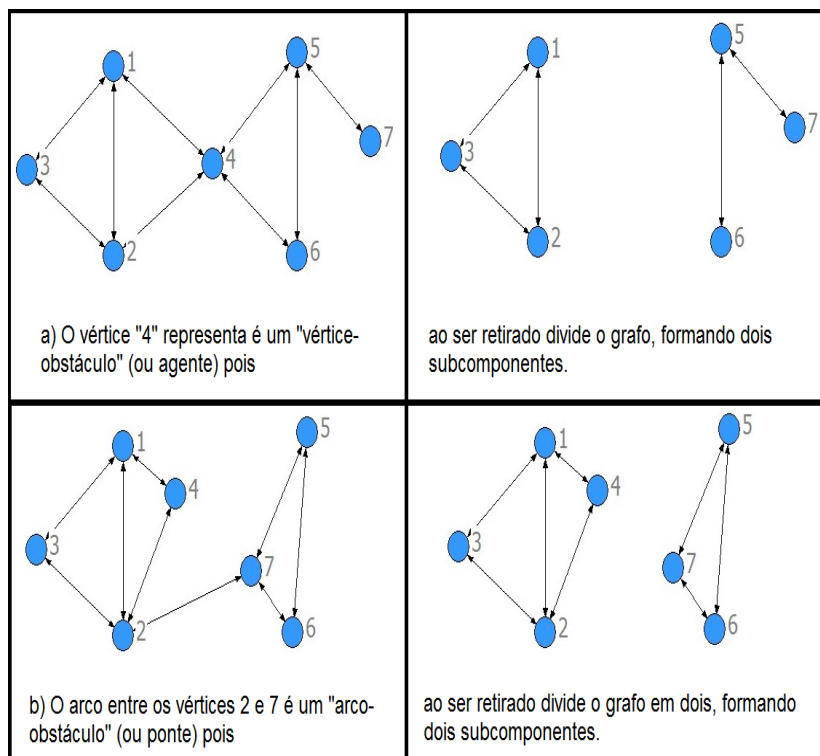


Figura 4: Estruturas intermediárias, agentes e pontes.

Fonte: Wasserman e Faust (1994) e Fazito (2005).

## 2.2 ANALISANDO UM FLUXO DE MOBILIDADE A PARTIR DE UM "MODELO ESTRUTURAL" DO SISTEMA DOS INTERCÂMBIOS SWT

O método aqui empregado para analisar os mecanismos de intermediação na rede dos intercâmbios SWT a partir de Florianópolis está bem descrito em Fazito e Rios-Neto (2008). Será empregado o Modelo de Grafos para a criação de um "modelo estrutural", o qual possa ilustrar uma interpretação do funcionamento desta rede e das posições estruturais que a compõe a dinâmica da mobilidade dos intercambistas SWT.

Esta abordagem dos sistemas das migrações, proposta por Fazito e Rios-Neto, possibilita uma compreensão relacional e dinâmica dos deslocamentos somada a operacionalização das análises dos dados coletados através de um "modelo estrutural das migrações". Este "modelo estrutural" focaliza, assim, "relações" (laços) entre "pontos" (vértices) num espaço qualquer, os quais são suficientes para determinar estruturalmente a dinâmica e evolução das configurações iniciais. Cada sistema pode levar a uma configuração estrutural invariante (a chamada topologia) passível de formalização.

A ARS tem mostrado que os mais diversos sistemas (de transporte, da Internet, etc) se auto-organizam como uma "rede de relações" que pode ser identificada formalmente (NEWMAN, 2003).

A formalização de um sistema empírico de migração em modelo estrutural particular deve observar critérios e objetivos" (FAZITO e RIOS-NETO, p.307, 2008), para tal, existem três diferentes estratégias metodológicas possíveis para modelagem. A primeira seria o Modelo de Redes Totais (Full Network Model, rede de fluxos). A segunda o Modelo de Redes Egocentradas (Egocentered Network Model, perspectiva micro), o qual é empregado quando "não se dispõe de de informações sobre todos os nós e laços de um sistema. Nesse caso adota-se uma perspectiva micro, centrada na visão particular de um nó ou ator da Rede (Ego).

Por fim temos o Modelo de Grafos (Graph Model):

Nesse tipo de modelagem, os vértices/nós da rede não devem ser confundidos com atores sociais concretos (regiões ou pessoas), pois indicam, de fato, "posições" ocupadas ou latentes dentro dos sistemas empíricos. Os vínculos (arcos/laços)

entre as posições correspondem às relações estruturais possíveis ou prováveis segundo a natureza do sistema. (2008)

Os arcos, como vemos nos sociogramas apresentados na Figura 5, representam o "repasso" ou fluxo de pessoas, as setas indicam a orientação dos fluxos, por exemplo, de um vértice de origem para um vértice de destino (FAZITO, 2005). Os vértices (atores) do modelo proposto são chamados de "posições estruturais" e representam um tipo de ator. Para o modelo dos intercâmbios SWT, por exemplo, não se falará em Agência de Intercâmbio A ou B, mas apenas em "Agência de Intercâmbio". Outro exemplo: os "emigrantes" ou "dekasseguis" da Figura 5 estão em posições semelhante a que os "intercambistas SWT" assumirão no modelo proposto, pois são a posição estrutural referente aos atores que realizam a travessia internacional, sendo auxiliados ou motivados por diferentes outros atores.

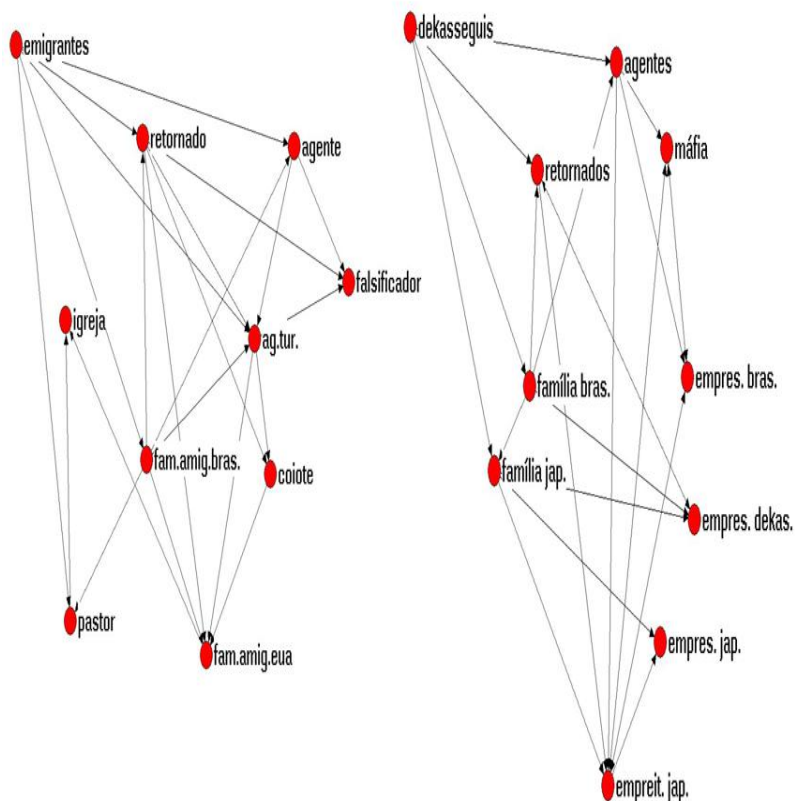


Figura 5: Exemplos de Sociogramas/Modelos estruturais de dois sistemas de migração.

Fonte: Fazito (2005).

Fazito e Rios-Neto (2008) descrevem o papel dos "mecanismos intermediários" (em especial o papel ativo das agências de turismo) no processo de emigração internacional de brasileiros para os EUA. Eles abordam o fenômeno migratório a partir da perspectiva relacional e realizam análise estrutural formal (fundamentada na Análise de Redes Sociais e Teoria dos Grafos) a qual possibilitou a compreensão da emigração por meio de suas propriedades básicas.

Como resultado de sua interpretação, os autores propõem um modelo estrutural do sistema de emigração brasileira para os Estados Unidos, reproduzido na Figura 6. A análise do modelo aponta que as

agências de turismo em Minas Gerais ocupam importante posição estrutural de intermediação das travessias dos emigrantes, desempenhando papel preponderante na regulação dos fluxos migratórios através das redes sociais estabelecidas no sistema da migração internacional brasileira.

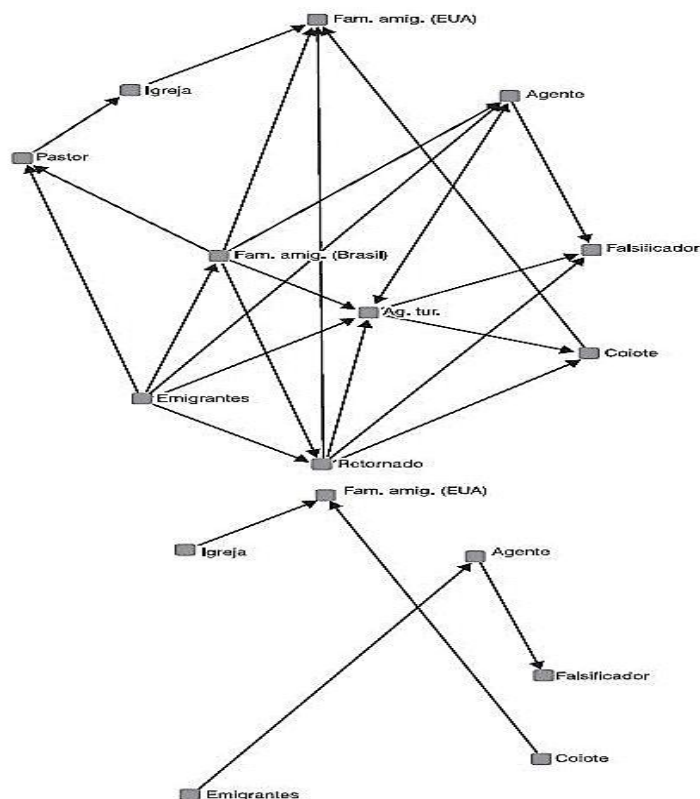


Figura 6: Modelo estrutural do sistema de emigração brasileira para os Estados Unidos.

Fonte: Fazito e Rios-Neto (2008)

### 2.2.1 Construindo um "modelo estrutural" dos intercâmbios SWT

Ao observar o papel exercido pelas Agências de Intercâmbio e de outros atores da rede em relação aos intercâmbios SWT em



Florianópolis, percebeu-se a relevância de se realizar um estudo, assim como em Fazito (2005), que buscasse compreender, formalmente, o papel desempenhado pelos "mecanismos intermediários" no processo de mobilidade de intercambistas SWT. A opção por este enfoque se dá pela possibilidade de focar os processos de intermediação de forma mais objetiva, ilustrando e hierarquizando as conexões que definem a natureza deste tipo de mobilidade. Estas conexões evidenciadas nos ajudam a compreender, entre outros elementos, as relações de poder estabelecidas.

O primeiro passo desta metodologia (FAZITO, 2005) consiste em determinar as possíveis posições constitutivas desse sistema empírico de migração, aqui no caso o dos intercâmbios SWT. Para tal foram utilizados dados coletados em entrevistas com ex-participantes e agências de intercâmbio bem como uma série de publicações sobre o assunto, a maior parte delas relatórios produzidos por diferentes instituições de cunho político destacando, em especial, os laços e interações entre os diversos atores desta rede.

Nosso modelo estrutural deve conformar um resumo no qual as informações sobre os atores e suas relações se complementam a partir de fontes variadas, iniciando com os 16 relatos de intercâmbio e as 10 entrevistas com agências e sendo complementados pelos artigos e relatórios coletados analisados.

Através destes dados, realizou-se uma configuração do "sistema dos intercâmbios SWT". As posições estruturais foram determinadas tendo como base os trajetos ou estratégias percorridas para que o intercambista consiga chegar aos EUA pelo intercâmbio SWT (isto pressupõe conseguir emprego para então conseguir visto J-1). Assume-se como hipótese que para tal, as 9 posições estruturais seriam suficientes para descrever os aspectos topológicos desse sistema de intercâmbio.

Dados os constrangimentos da rede formal, identificou-se que as estratégias alternativas de deslocamento são limitadas a duas, pois estão condicionadas a aceite do empregador, isto é, só se desloca quem já tem emprego (e assim consegue o documento DS2019<sup>30</sup>, pré-requisito para o visto). As estratégias, assim, se resumem a duas:

---

<sup>30</sup> Veja, em Anexo A, exemplo de DS2019 preenchido, extraído de um dos milhares de blogs criados para narrar e compartilhar as experiências de Intercâmbio. Em seu blog, a participante que postou foto do documento em comemoração ao seu recebimento, narra toda a ansiedade e a alegria em torno de cada detalhe da experiência.

1 - Chega-se à Agência de Intercâmbio por indicação de outra posição estrutural (Retornados, Amigos, Família) ou motivação própria, paga-se a taxa do programa para que a Agência auxilie encontrando emprego (seja em Feira de Empregos ou através das ofertas já disponíveis pela Agência) para cumprir com as outras etapas necessárias para se chegar aos EUA com visto.

2 - Conseguir emprego através do contato de um Retornado ou através de contato pessoal com o empregador, em vários casos por ser Retornado. Procura-se a Agência de Intercâmbio para pagar taxa do programa e, assim, cumprir com as outras etapas necessárias para se chegar aos EUA com visto.

### **2.2.2 Análise das posições estruturais do sistema dos intercâmbios SWT**

A seguir, os tipos de atores, ou posições estruturais, identificados a partir desta pesquisa são descritos a partir de sua relação com as outras posições.

#### ***2.2.2.1 Intercambistas:***

Os 16 ex-participantes universitários entrevistados (Vide Quadro 3) tinham idade média de 20 anos, quando participaram pela primeira vez do SWT, sendo a menor idade 18 (3 participantes) e a mais velha uma participante de 26. Participaram do programa entre os anos de 2000 e 2010 através de 5 diferentes Agências de Intercâmbio de Florianópolis. Dos 16, apenas 4 participaram novamente do programa, sendo que uma destes permanece nos EUA até hoje, tendo obtido visto de permanência ("Green Card").

Assim como em outros estudos sobre as redes sociais estabelecidas por migrantes (SALES, 1999; ASSIS, 2004; SANTOS, 2007), as entrevistas tentaram apontar para a identificação dos laços que são estabelecidos antes e depois da travessia com intuito de atender a necessidades tais como a) decidir participar do intercâmbio SWT; b) escolher uma Agência de Intercâmbio em Florianópolis; c) conseguir uma vaga de emprego nos EUA; d) conseguir visto norte-americano; e)

conseguir moradia nos EUA; f) estabelecer uma vida social nos EUA. As necessidades A, B, C e D são pré-requisito para que se consiga chegar aos EUA e, por isso, são foco deste modelo estrutural e serão brevemente comentadas a seguir<sup>31</sup>:

**a) decidir participar do intercâmbio SWT;**

As motivações para participação no intercâmbio serão melhor exploradas no Capítulo 3. Cabe aqui apontar quem contribuiu para esta motivação e, neste sentido, todos os intercambistas mencionaram conhecer ou já ter familiaridade com o intercâmbio SWT, mas menos da metade deles tinha laços fortes (Amigos ou Parentes) com ex-participantes (Retornados). Quando mencionado alguém específico que tenha sido fundamental para a decisão de participar foram mencionados "amiga do ex-namorado da minha amiga" (Valéria), "amiga da minha mãe já tinha mandado filho" (Silvia), "irmã do meu amigo incentivou eu, ele e mais 4 amigos a irmos juntos" (Leandro).

Os entrevistados Valéria (2003) e Luciano (2004) mencionaram que, antes de participarem do programa, o "*Work Experience já era moda*" e "*vários amigos de amigos já tinham participado*". Para argumentar por que o SWT era bastante conhecido os estudantes mencionaram a intensa divulgação que é feita nas universidades e, sobretudo, que "ouviam falar" de amigos de colegas ou amigos de parentes que já haviam participado (Retornados).

Fica evidenciado o papel da rede de relacionamentos, sobretudo através do pertencimento ao ambiente universitário, no recebimento de informações sobre o SWT. O fato de que todos os entrevistados conheciam o intercâmbio SWT mas poucos tinham laços fortes com Retornados aponta para a importância dos laços fracos no acesso a informações e oportunidades tal qual apontado por Granovetter. "Os indivíduos com maior número de laços fracos têm, assim, mais oportunidades de mobilidade." (GRANOVETTER, 1982)

**b) escolher uma Agência de Intercâmbio em Florianópolis;**

A escolha entre uma ou outra Agência se dá de várias formas. Quatro entrevistados apontaram ter escolhido agência por indicação de Retornados (tanto amigos quanto conhecidos de amigos), três apontaram ter escolhido Agência por ter contato através de Amigo ou Parente com algum funcionário da mesma. O restante apontou não ter indicação

---

<sup>31</sup> As respostas se referem à primeira participação no programa a não ser quando mencionado o contrário.

nenhuma e nesta decisão ter pesado o "nome" da Agência ("Escolhi por que era a mais famosa", diz Silvia), o preço do pacote ("Eles ofereciam desconto grande para quem fechava já em Março", diz Paulo) e o atendimento oferecido ("Eu vi a placa no Centro, entrei, e me passaram tanta confiança que já fechei o pacote", diz Geórgia)

Cabe ressaltar que três dos participantes relataram ter planejado o intercâmbio e escolhido a agência junto com outros amigos, pois tinham intenção de irem todos para mesma cidade. Assim a escolha da Agência a partir de uma indicação resultou em que grupos inteiros de amigos escolhessem a mesma agência.

### **c) conseguir uma vaga de emprego nos EUA;**

Há duas formas de se conseguir Emprego: por conta própria ou com auxílio da agência de intercâmbio. Dos 16 entrevistados, 10 conseguiram emprego através da Agência de Intercâmbio (tanto a partir de um menu de vagas, ou por feiras de contratação organizada por eles no Brasil) e 6 conseguiram uma vaga de emprego por conta própria (posteriormente encaminhando declaração de aceite do Empregador para a Agência de Intercâmbio). A primeira opção deixa claro o papel de intermediação das Agências. Na segunda opção, até 2010, havia duas formas de conseguir emprego, sendo elas:

I) por conta própria: tendo uma vaga de emprego antes da viagem (*Independent*) e daí o papel de intermediação dos Retornados é fundamental, pois indicam seus amigos. E os próprios Retornados podem conseguir novamente um emprego nos EUA retornando a Empregadores com os quais estabeleceram laços.

II) ou buscando uma vaga de emprego após chegar aos EUA.

As Organizações *Sponsor* se responsabilizavam perante o Departamento de Estado dos EUA de que auxiliariam Intercambistas a procurar emprego e que estes não conseguissem retornariam ao seu país de origem.

As estratégias envolvidas na busca por uma vaga de emprego apontam para a identificação de vínculos estabelecidos entre as várias posições estruturais e o papel fundamental de "mecanismos intermediários" (FAZITO, 2005) como, por exemplo, as Agências de Intercâmbio.

**d) conseguir um visto norte-americano;**

Todos os 16 entrevistados apontaram ter conseguido visto de forma bastante rápida e fácil por conta do auxílio (intermediação) das Agências de Intercâmbio, as quais auxiliam na organização da documentação, organizam viagens de ônibus para que seus participantes sejam entrevistados todos no mesmo dia e assim por diante.

### **2.2.2.2 Amigos**

Os Amigos são aqui considerados todos aqueles colegas próximos ou amigos próximos os quais repassam indicam contatos, estratégias e repassam informações as quais contribuem, de alguma forma, para motivar ou facilitar a participação no programa SWT. São considerados assim os "conhecidos" (bem como amigos de amigos ou colegas) e "amigos próximos" na mesma posição estrutural.

A menção a "Amigos" aparece em todas as entrevistas, principalmente pelo fato de metade dos entrevistados ter decidido participar do intercâmbio junto com outros amigos próximos. Assim este projeto de mobilidade é geralmente compartilhado com os amigos mais próximos (laços fortes). A informação geralmente circula entre grupos, por meio dos muitos conhecidos (laços fracos) que se têm pela dinâmicas das redes sociais estabelecidas no meio universitário. Isto é, amigos próximos geralmente frequentam grupos diferentes (ex: cursos de graduação distintos) criando "pontes" (GRANOVETTER, 1973) as quais fazem circular a informação entre um e outro grupo.

Como aponta o representante da Agência A10, a modalidade *Independent* (na qual Intercambista procura emprego por conta própria, antes ou depois de chegar aos EUA) permitia que este intercâmbio se tornasse um projeto de mobilidade em grupo, opção muito menos provável em qualquer outro tipo de intercâmbio:

*Até o ano da crise todo mundo queria ir pelo Independent por quê: podia ir com uma turma de amigos, por que pelas outras opções fica mais difícil conseguir que "eu, minha irmã, meu namorado e meu vizinho consigamos emprego no mesmo lugar", isso fica difícil pelo 'Placement' [opção na qual Agência oferece vaga de emprego]. (Agência A10)*

Após 2008 encontrar emprego se torna mais difícil, o que dificulta a ida em grupo sem emprego para mesma cidade. Mesmo assim isto continua a acontecer.

O entrevistado Andrei juntou-se a outros 4 dos seus melhores amigos de Florianópolis em 2010 e "*fizeram intercâmbio juntos*", isto é, foram a mesma agência, aderiram ao mesmo pacote (*Independent*) e moraram todos juntos na mesma casa. A escolha da Agência A8 e da cidade (Jackson, WY) foi por influência do irmão de um membro do grupo de amigos, o qual era Retornado.

"*Fazer Work Experience juntos*" é uma expressão que se repete bastante e aponta para o costume de se juntar amigos e pensar todas as etapas em conjunto. A entrevistada Bárbara relata que 8 de seus colegas de turma combinaram de "fazer intercâmbio juntos". Uma amiga do grupo pesquisou, indicou a Agência A8 para o grupo e todos acataram. Carla foi aos EUA com 5 amigas de Florianópolis através do SWT. Uma das amigas era funcionária da Agência A10, influenciando todas a irem pela mesma agência pois teriam um pequeno desconto em grupo.

### **2.2.2.3 Família:**

Os diferentes familiares ocupam aqui todos a mesma posição estrutural "Família" no nosso modelo estrutural pois são todos parentes. Os parentes ex-participantes do SWT serão considerados na posição de Retornados, os mesmos não foram considerados na posição Família para não haver sobreposição de categorias.

Quando os Intercambistas foram indagados sobre "Quem" é mais imprescindível para que o intercâmbio SWT ocorra, familiares (sobretudo pais e irmãos) foram os mais mencionados. Dos 16 entrevistados, 4 mencionaram a Família em primeiro lugar, e outros 4 mencionaram a Família em 2º ou 3º lugar. A razão mencionada é de que a Família foi fundamental ao oferecer apoio financeiro e incentivo a participar. 13 entrevistados tiveram todo o investimento inicial (tarifa do intercâmbio, taxas com visto, passagem, dinheiro para as primeiras semanas) financiado pelos pais ou familiares próximos. Destes 13, apenas 2 devolveram algum dinheiro aos pais.

Assim como na emigração já estudada de brasileiros para os EUA (MARTES, 2000; SALES, 1999; ASSIS, 2004), os arranjos

familiares desempenham papel fundamental na intensificação e manutenção dos fluxos migratórios. No caso de brasileiros que utilizam redes informais e pagam altos valores para cruzarem a fronteira do México, o investimento é financiado por familiares empobrecidos, os quais investem em um membro da família na expectativa de que seu sucesso econômico nos EUA reverta em uma melhor situação para toda a família na origem. No caso dos migrantes oriundos de Criciúma, por exemplo, 39,5% dos homens e 54% das mulheres emigrantes contaram com a ajuda de parentes para realizar a primeira travessia internacional (ASSIS, 2011, p. 140).

No intercâmbio também se pode pensar esta mobilidade, ou migração, como "projeto coletivo" (TILLY, 1990; SAYAD, 1998) que não depende apenas de decisões individuais. Os contextos sociais são diferentes, mas da mesma forma se investe em um membro da família visualizando um retorno. Na ótica da Família o intercâmbio SWT aparece como a chance economicamente viável de garantir ao filho uma experiência internacional que, se acredita, incrementa as chances de sucesso profissional futuro bem como trará mais maturidade e realização pessoal.

#### **2.2.2.4 Retornados:**

Assim como em outros sistemas de migração, os Retornados (SASAKI, 1999) dos intercâmbios SWT possuem conhecimento especializado e têm contatos e informações que potencializam a participação de outros intercambistas.

As principais "redes migratórias estabelecidas entre o Brasil e os EUA" (ASSIS, 2004; SANTOS, 2007; SALES, 1999) tem sua origem e crescimento explicados pela importância da atuação dos migrantes retornados. Estes, ao retornar dos EUA, exaltavam o aspecto de sucesso e de aventura de suas experiências, e minimizavam os aspectos negativos de desafio e riscos, assim motivando um grupo acumulativamente maior de pessoas a participar.

parece evidente que os retornados desempenham funções singulares e essenciais a todo o processo social da migração. Seja quanto aos aspectos simbólicos e de legitimação social dos deslocamentos, seja quanto aos aspectos

operativos dos fluxos. Além disso, como ficou demonstrado, os retornados têm a função primordial de "fechar" o sistema de migração e conferir o sentido decisivo aos projetos de deslocamento, garantindo a circularidade dos movimentos populacionais e a legitimidade dos eventos nos ciclos de vida de indivíduos e grupos sociais. (FAZITO, 2010)

No caso dos intercâmbios SWT, o tipo de mobilidade tem duração inferior e a rede está estruturada de forma a forçar o retorno (por meio do contrato DS2019). Tem-se uma população de Retornados maior em número e mais presente na sociedade de origem pois a maioria absoluta dos participantes retorna<sup>32</sup> apenas quatro meses após terem deixado o país. Este fator, como apontam os próprios donos de agência, foi elemento fundamental para o crescimento acelerado do fluxo a partir de 1998, como relata Joel, de forma que em 2003 este tipo de mobilidade já havia se estabelecido como bastante conhecido entre jovens universitários da cidade, como relata Valéria.

### **I) Retornados incentivam ou desmotivam a participação**

As entrevistas apontam para a presença de uma expressiva população de Retornados do SWT em Florianópolis, elemento que teria auxiliado a tornar o intercâmbio SWT algo bastante conhecido em poucos anos, desde o seu início em 1998. Esta difusão se deu através dos laços fracos estabelecidos entre amigos, colegas de universidade e as redes familiares, como relata entrevistado Retornado e hoje empregado pela Agência A10:

*Quando volta pro Brasil já volta empolgado, quer fazer programa de novo. Daí já volta, já leva dois amigos, mais vizinho e a namorada. Eu gostei tanto que eu fui cinco vezes no Work Experience. Meu irmão foi três vezes, minha irmã foi duas, a grande maioria dos meus amigos já viajaram também (Agência A10).*

---

<sup>32</sup> Dados da diplomacia norte-americana revelados pelo site WikiLeaks (WIKILEAKS, 2009) indicam a taxa de ucranianos "Overstayers" (participantes que não retornam ao país de origem no prazo previsto) em torno de 11%.



O papel das mídias on-line foi fundamental para disseminação dos relatos de Retornados, através, por exemplo, de Blogs e websites de relacionamento (*Fotolog, Orkut, Facebook*). Há um volume enorme de relatos de participantes na Internet por intermédio, sobretudo, de Blogs. Os entrevistados também relatam que se tornou normal se deparar com fotos de amigos em websites de relacionamento (como o Facebook) se divertindo na neve, em Resorts dos EUA, sem nem mesmo saber de antemão que eles planejavam participar do programa. A alta rotatividade de intercambistas e o alto nível de compartilhamento das experiências gerou, por meio da dinâmica dos laços fracos, uma divulgação acelerada e intensa e, consequentemente, um crescimento deste tipo de mobilidade.

Com a Crise Econômica de 2008 muitos tiveram experiências negativas naquela temporada ano e na condição de Retornados relataram e difundiram comentários de desestímulo. Segundo relato das Agências, este comportamento, somado a outros fatores, fez com que a procura pelos intercâmbios SWT caísse drasticamente, diminuindo a participação pela metade em 2009.

O relato do Retornado e também representante da Agência A10 durante palestra realizada na UDESC em 2011 ilustra a influência dos Retornados sobre a expansão e a retração (por conta da Crise de 2008) da rede em Florianópolis:

*E pelo Independent podia ir todo mundo, então cada um que voltava falava "vamos é fácil, eu consegui um, dois, três empregos!". Então tinha muito essa propaganda, não da nossa parte, mas de quem já tinha ido de que ir pros EUA conseguir emprego era fácil, nunca isso foi dito por nós. E naquele ano... isso foi meio que uma bola de neve, o intercâmbio Work Experience começou com 8, depois 18, 84, 200, 300, então cresceu. Foram muitos estudantes, não só da nossa agência, mas do Brasil e América Latina inteiros. Justamente por ter ido tanta gente diminuiu um pouco as vagas. Assim no ano da crise [2008/2009] algumas pessoas acabaram não conseguindo emprego, isso em termos de porcentagem não acredito que chegou a 10% das pessoas que foram na modalidade Independent. Por mais que a gente tenha ouvido que muitos nem se empenharam tanto assim em buscar*

*emprego, esses desempregados reclamaram bastante e por isso de tanta gente ter se assustado. Mas nesses 3 anos para cá melhorou bastante." (Representante da Agência Intercultural)*

## **II) Retornados e o mercado dos intercâmbios SWT**

Em outros tipos de migração (SOARES, 2002) é comum que Retornados se envolvam com os fluxos, muitas vezes passando a atuar como agentes ou criando suas próprias agências de turismo.

Nas entrevistas com Agências de Intercâmbio, cerca de metade dos entrevistados já participou do programa SWT. Uma das agências entrevistadas faz parte de franquia que está hoje presente em vários estados do Brasil e foi fundada por um Retornado do intercâmbio SWT. Este fundador da franquia foi entrevistado durante uma Feira de Intercâmbios em Florianópolis. O mesmo mencionou que os contatos que estabeleceu com Empregadores e Organizações Sponsor nos EUA, durante sua participação no SWT, foram fundamentais para que tivesse condições de criar uma nova Agência de Intercâmbio no Brasil, a qual cresceu em poucos anos se expandindo para o Sul e Sudeste. Um outro agenciador entrevistado, Joel, participou do SWT no ano 2000 e nas 4 temporadas seguintes. Já em 2002 ele começou a trabalhar na agência pela qual participou do SWT e hoje é dono de duas filiais da mesma franquia em outras cidades de Santa Catarina.

Quando não são formalmente empregados pelas Agências, é muito comum que a experiência dos Retornados seja reproduzida nos materiais de divulgação ou que os mesmos sejam convidados a participar de palestras ou indicar amigos, em troca um desconto para participar novamente no programa.

## **III) Retornados intermediam busca por emprego**

Como mencionado acima, entre os participantes da modalidade *Independent*, na qual Intercambista consegue emprego por conta própria, é bastante comum contato com o empregador se dê por meio do Retornado. Mesmo assim intercambista tem de ir à Agência, então em nosso "modelo estrutural" o Retornado leva à Agência todos que influenciarem a participar.

### **2.2.2.5 Agências de Intercâmbios:**

Foram entrevistadas 10 Agências de Intercâmbio em Florianópolis, sendo que 8 realizam o intercâmbio SWT, uma não realiza e outra deixou de realizar em 2010. (Ver descrição das Agências no Quadro 4).

As Agências de Florianópolis fazem, todas, parte de franquias. Algumas são filiais, outras representantes, algumas são gerenciadas por funcionários, outras pelos donos. A dinâmica de funcionamento da própria rede das agências de intercâmbio no Brasil é interessante por si só, mas neste estudo se entenderá a franquia como uma coisa única, já que o contato com o *Sponsor* e com Empregadores geralmente se dá pela matriz.

As Agências de Intercâmbio, enquanto posição estrutural, estabelecem vínculos com uma maior variedade de posições estruturais diferentes. Considera-se assim pertinente a atuação das mesmas e de seus "esquemas reticulares" (FAZITO e RIOS-NETO, 2008) para a compreensão da estrutura do sistema dos intercâmbios SWT.

Soares (2002) aponta que a lucratividade da intermediação dos fluxos, no caso da emigração a partir de Governador Valadares (MG), se nota pelo aumento da atividade das agências de turismo. No caso dos intercâmbios SWT se apresenta no Capítulo 3 uma leitura do crescimento deste mercado.

As Agências de Intercâmbio tem como função essencial "recrutar" intercambistas e para isso utilizam-se várias estratégias em rede, estabelecendo vínculos com diferentes posições estruturais, vejamos a seguir:

#### **I) As Agências e a "rede universitária": estratégias de divulgação**

##### **a) Cartazes**

A utilização de cartazes de divulgação nos murais das universidades é tática adotada por quase todas as agências e é um ícone interessante deste laço estabelecido entre Agências e o "meio universitário". Três dos entrevistados mencionaram ter escolhido a Agência por "ter renome" e apontaram conhecê-las por conta de cartazes em suas universidades.

A Figura 7 apresenta 6 cartazes<sup>33</sup> de 6 das agências entrevistadas, encontrados em murais da Universidade Federal de Santa Catarina no período entre 2009 e 2011.



Figura 7: Cartazes em murais da Universidade Federal de Santa Catarina.  
Fonte: Fotografado por Tiago Welter Martins no período entre 2009 e 2011.

<sup>33</sup> O texto presente nos mesmos: "Está mais para férias do que para trabalho" (Travel Mate). "Faça das suas férias uma oportunidade inesquecível." (Cultural Adventure). "O trabalho é temporário, a experiência é pra sempre" (Intercultural Intercâmbios).

## **b) "Palestras sobre Intercâmbios" em universidades públicas**

Por conta do trabalho de campo desta pesquisa se participou de diferentes eventos organizados pelas Agências de Intercâmbio fazendo utilização de salas ou auditórios de universidades públicas. Estes eventos eram anunciados como "Palestras sobre Intercâmbios", mas na verdade eram sessões de divulgação dos produtos da Agência de Intercâmbio. Para alocação dos espaços se utiliza a intermediação de estudantes das universidades (os quais têm autorização para alocar espaços gratuitamente) os quais têm contato direto com a Agência.

- Palestra 1 - Centro Ciências Sócio Econômicas da UFSC, 8 de Abril de 2010.

Através do canal de comunicação oficial interna da UFSC ("Informes UFSC"), dois alunos divulgaram a criação do "Grupo Intercâmbio UFSC" e conseguiram trazer cerca de 50 alunos para uma sessão de divulgação da Agência A7. Na palestra se apresentou o intercâmbio SWT e os serviços da Agência durante uma hora.

- Palestra 2 - Sala de aula, ESAG, UDESC, 9 de Junho de 2011.

A Agência Intercultural ofereceu a uma turma de formandos um valor em dinheiro por cada pessoa que conseguissem trazer para participar de "palestra". Além disso receberiam um valor destinado a um projeto social ("Projeto Acorde") promovido pela turma de estudantes. Assim o termo "Palestra Solidária" se refere ao fato de que comparecendo à palestra você está realizando uma ação de solidariedade, pois um projeto social será beneficiado. Cerca de 50 alunos compareceram à "palestra" na qual assistiram a uma apresentação sobre intercâmbio e os pacotes da Agência, com foco no programa SWT, durante uma hora. A "palestra" foi anunciada nos murais através do cartaz da Figura 8.



Figura 8: Cartaz de “palestra solidária” na Universidade do Estado de Santa Catarina.

Fonte: Fotografado por Tiago Welter Martins em 2011.

### c) Utilização de meios internos de comunicação das universidades

Esta pesquisa fez um levantamento do banco de dados de mensagens enviadas pelo "Núcleo de Processamento de Dados" da UFSC, os e-mails que são recebidos por todos os alunos através do "Informes UFSC". A UFSC conta com quase 30 mil alunos, todos os novos alunos são cadastrados para receber este e-mail.

Em 2008 um aluno divulga criação do "Grupo Work & Travel UFSC", para reunir alunos interessados em conseguir descontos com as Agências para participação no intercâmbio SWT. Em 2009 o mesmo aluno, agora se declarando Retornado, anuncia a segunda edição do grupo, divulgando-o pelo "Informes UFSC". No mesmo ano este mesmo aluno da UFSC passa a constar como Diretor/proprietário de uma Agência de Intercâmbio (filial) em Florianópolis.

Em 2010 o mesmo grupo, com nome "Grupo Work & Travel" é proposto por um dupla de outros dois alunos pelo mesmo canal, "Informes UFSC". Poucos dias depois estes alunos enviam novo e-mail alterando o nome do grupo e declarando que estão atendendo à crítica do antigo "criador" do grupo, o qual seria agora dono de uma agência de intercâmbios. Este grupo de 2010 reuniu cerca de 40 estudantes na Palestra 1 (mencionada acima), durante a qual o representante da

agência disse que em 2008 e 2009 teriam reunido mais de 100 alunos através do "Grupo da UFSC".

## **II) As agências e as novas mídias**

Uma das estratégias de divulgação das Agências, como aponta Jerry Kammer (2011), é a utilização de websites como Youtube (através do qual muitos vídeos comerciais são postados pelas Agências, com filmagens dos próprios intercambistas), Twitter, e Facebook (onde Agências criam campanhas e promoções, pedindo aos clientes ou intercambistas que compartilhem com seus amigos).

## **III) Agências e Retornados**

As Agências contratam Retornados ou são criadas pelos mesmos, como já mencionado.

## **IV) Agências e *Sponsors***

Agências estabelecem contratos de cooperação comercial com as Organizações *Sponsor*, estas encontram Empregadores nos EUA e negociam vagas de empregos a serem comercializadas em Florianópolis pelas Agências.

## **V) Agências e Consulados**

Agências têm contato direto com Consulados, e agendam dias para a entrevista de visto dos intercambistas dividindo-os por Agência. As viagens à São Paulo para entrevista do visto e toda a orientação para obtenção do mesmo é fornecida pelas Agências, tornando o processo muito rápido e simples pro intercambista.

Vemos, assim, que as Agências acumulam um número maior de estratégias e vinculados se comparados com outras posições estruturais, o que será relevante para nossa análise final.

### **2.2.2.6 Organizações *Sponsor***

As Organizações *Sponsor* são hoje, cerca de 50 agências privadas (GUESTWORKER ALLIANCE, 2011) que assumem a função de agenciar e supervisionar os intercâmbios do "Programa de Intercâmbio Estudantes Visitantes" dos EUA (SEVP, Visto J-1). Por mais que caiba

ao Estado a responsabilidade de regular o programa SWT, a administração diária do programa se dá por meio do trabalho de Organizações *Sponsor* designadas pelo Departamento de Estado. Muitas destas são organizações sem fins lucrativos que administram uma variedade de programas de intercâmbio e recebem isenção de impostos. Em função do sucesso do programa SWT, várias destas organizações têm prosperado e aumentado seu poder de lobby junto do governo dos EUA (KAMMER, 2011; COSTA, 2011).

A relação entre os *Sponsors* e o Departamento de Estado é marcada por uma estranha dualidade, afirma Kammer (2011). Por um lado, cabe ao Departamento de Estado, enquanto regulador do programa SWT, supervisionar a atuação dos *Sponsors* e estar disposto a aplicar medidas corretivas. Por outro, os oficiais freqüentemente se referem a relação com os *Sponsors* como "parceria" descrevendo-os como "nosso principais parceiros na linha de frente do engajamento internacional" (idem, 2011).

No programa SWT a relação Estado-Sponsor é complicada pelo fato de que o Estado permitiu que os *Sponsors* repassem muitas de suas funções e responsabilidade para Agências de Intercâmbio ("parceiras") em países estrangeiros. Estas agências estrangeiras não estão sob a jurisdição do Governo dos EUA e, mesmo assim, realizam a seleção e supervisão de participantes e a orientação de como devem comportar-se durante sua estada nos EUA (KAMMER, 2011).

O *Sponsor* se encarrega de oferecer seguro saúde e assistência ao estudante nos EUA (U.S. GAO, 2005) além de emitir a permissão de trabalho (DS2019). Logo que chega aos EUA, o Intercambista deve contatar o *Sponsor* por telefone para que ele o cadastre no SEVIS<sup>34</sup> e os *Sponsors* pressionam para que isso seja feito o quanto antes, pois é norma do programa.

Poucos dos entrevistados, contudo, souberam indicar com clareza qual é a função das Organizações *Sponsor*. Mesmo a participante Rafaela, a qual trabalhou como agente de intercâmbio, não soube informar hoje qual o nome de sua Organização *Sponsor*. Isto, ao que parece, aponta para a importância do papel de intermediação exercido

---

<sup>34</sup> Sistema eletrônico utilizado para administrar a concessão de vistos e a estadia de visitantes e estudantes de intercâmbio nos EUA (SEVP).



pelas Agências de Intercâmbio, as quais se encarregam de intermediar quase todos os contatos com outras instituições envolvidas, tornando simples e objetiva, para o intercambista, toda a parte burocrática do intercâmbio. Quanto mais caro o preço do programa menos o Intercambista tem de pensar ou se preocupar, pois as Agências de fato se encarregam de quase todo o processo.

A ligação entre os Empregadores e os *Sponsor* pode ser melhor compreendida pelo forma como os *Sponsor* anunciam seus serviços:

You as an employer don't pay anything, it's we at Jobofer.org who deliver seasonal employment solutions hiring exchange students under the Work And Travel USA program and the J1 visa which allows international students legally work in USA for 4 months (JOBOFER, 2011)<sup>35</sup>.

As vantagens continuam:

Why do employers hire seasonal international workers? Exchange students can work for the entire season. It's economically advantageous. Workplace gets international. Perfect commitment to employers.<sup>36</sup> (idem, 2011);

### **2.2.2.7 Empregadores:**

Como se verá no Capítulo 3, os empregadores nos EUA têm interesses variados em contratar os intercambistas. São mão de obra 8% mais barata (DE SOCIO, 2012), mais motivada, trabalham mais horas e assumem um compromisso em contrato de permanecer no emprego até o fim da temporada (através do contrato DS2019). Quando não são

---

<sup>35</sup> “Na condição de empregador você não pagará nada. Nós da Jobofer.org nos encarregamos de atender as necessidades de mão de obra temporária contratando estudantes intercambistas através do programa Work and Travel USA e o visto J-1, o qual permite que estudantes internacionais trabalhem legalmente nos EUA por 4 meses”. (JOBOFER, 2011).

<sup>36</sup> “Por que empregadores contratam trabalhadores internacionais temporários? Estudantes estrangeiros podem trabalhar durante toda a temporada. É economicamente vantajoso. O ambiente de trabalho se internacionaliza. Total comprometimento aos empregadores.” (idem, 2011).

procurados pelas Organizações *Sponsor*, os Empregadores podem procurar estas para oferecer vagas de emprego.

Para os Empregadores é vantajoso, como foi apontado pelas Agências e Intercambistas, contratar novamente os mesmos bons empregados. Por isso é comum que Intercambistas retornem ao mesmo emprego, retornem com um amigo ou indiquem amigo, como relata a entrevistada Camila: "A minha amiga tinha participado em 2007, então em 2008 nós fomos as duas juntas pela modalidade Indepent pois ela já tinha trabalho para a gente".

Os Empregadores têm papel bastante relevância na intermediação de duas necessidades dos intercambistas: moradia e obtenção de documento de identificação nos EUA ("Social Security Card").

#### **2.2.2.8. Consulados:**

Cabe aos Consulados aplicar as determinações da legislação de visto repassadas pelo Departamento de Estado. Os Consulados aplicam as normas adaptando a realidade dos países e das agências. A relação entre Consulados e Agência ainda não está tão clara, mas sabe-se que ela é de cooperação, pois há, segundo entrevistas, reuniões anuais com representantes das principais Agências brasileiras para discutir as regras do ano para o intercâmbio SWT.

*"Nossa relação com o Consulado é ótima, por isso seguimos todas as regras para não prejudicar nossa imagem e para que esta parceria não seja afetada" (Agência A7).*

Segundo a Presidente da BELTA - Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais (em entrevista por telefone):

*o consulado norte-americano agenda horários para os vistos J-1 para facilitar para os grupos que vêm, organizados pelas agências. Este atendimento diferenciado é por que o governo dos EUA tem interesse neste programa (Presidente da BELTA).*

A Agência A8, que chegou a realizar, em 2008, 450 intercâmbios SWT somente em Florianópolis, comenta a relação com o Consulado como positiva pois selecionam bem candidatos:

*Por ano, entre os participantes que mandamos, o número de vistos negados é muito baixo, 1 ou 2 vistos negados no máximo. A gente sabe que muita gente do Leste Europeu usou o SWT para poder imigrar e Obama diminuiu o número de intercâmbios SWT exatamente para não entrar no perfil imigratório. Por isso a nossa seleção aqui é bem rigorosa, se a gente achar que o candidato está com essa intenção [de permanecer nos EUA] a gente já corta (Agência A8).*

Uma das Agências, de menor porte, mencionou que há relação extra-oficial entre Agências e Consulado na qual algumas são mais beneficiadas que outras. Alegou-se inclusive que uma das funcionárias do Consulado teria sido dona de Agência de Intercâmbio/Viagens por se beneficiar destas vantagens. Isto foi negado ou não comentado pelas outras Agências, mas o importante é ressaltar a relação Estado-Intercâmbio privado por intermédio do Consulado.

#### **2.2.2.9 Departamento de Estado dos EUA:**

Por fim, o Departamento de Estado dos EUA é o criador do programa e define as regras de participação e emissão de vistos. São várias, contudo, as críticas em relação a forma como o mesmo "terceirizou" seu papel de regulador do programa (COSTA, 2012; KAMMER, 2011; U.S. GAO, 2005).

As Agências entrevistadas apontam os *Sponsor* como atores mais importantes da rede (pois possibilitam que as Agências participem da rede através da parceria estabelecida) mas argumentam que "Governo dos EUA" (referindo-se a quem regula o programa, isto é, o Departamento de Estado) é que de fato permite o programa existir. Com uma alteração de lei, exemplificam, o programa poderia ser extinto, assim como já foi reduzido em 2010, quando se cortou a possibilidade de poder chegar aos EUA sem emprego definido (GUESTWORKER ALLIANCE, 2011).

Por conta destas novas regras a Agência A10 declarou ter tido uma queda de 70% nas vendas do SWT na temporada 2010/2011, pois a modalidade na qual a Agência oferece uma vaga de emprego se torna muito cara para a maioria dos interessados e por isso apontou o papel do Departamento de Estado como ator de peso:

Coisa mais importante para que o programa aconteça é a autorização legal pelos EUA, isso regula tudo. O resto são conexões com as quais se pode lidar, dá-se um jeito (Agência A10).

O discurso do entrevistado sobre "conexões" remete a forma como diferentes atores (sobretudo Agências e *Sponsors* em cooperação) trabalham em rede em torno de certas possibilidades oferecidas pela legislação vigente. A Agência A8 comenta do poder de influência das Agências e *Sponsors* sobre as leis que mantém e que guiam o programa SWT:

*Em 2011 houve debate grande<sup>37</sup> para ver se mantinha programa SWT ou não e nós, as Agências, e os Sponsors tivemos que brigar muito pra manter programa. No final ficou tudo como estava quase (Agência A8).*

Fica evidenciado que a atuação do Departamento de Estado é resultado de um conjunto complexo de relações de poder o qual, aparentemente, tem favorecido o programa SWT.

### **2.2.3 Proposta de "modelo estrutural" do sistema dos intercâmbios SWT**

A partir de uma análise dos dados se chegou a uma definição das principais posições estruturais do intercâmbio SWT e, a partir destas, a uma caracterização e formalização com arcos entre as posições

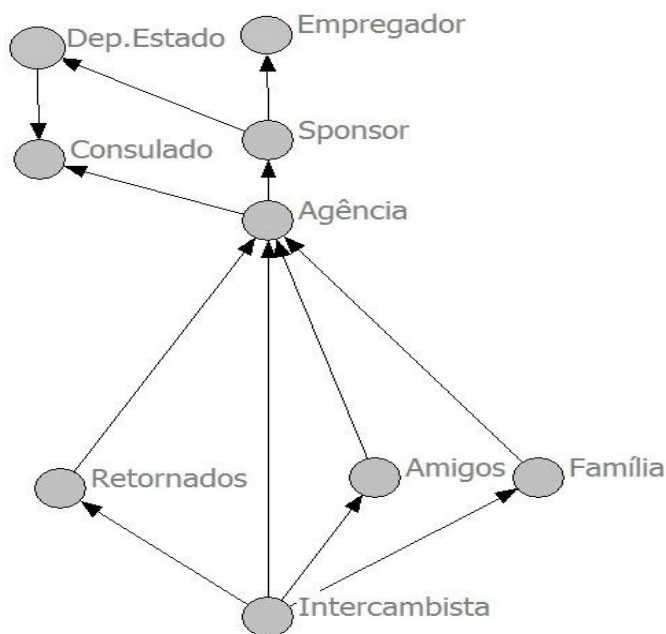
---

<sup>37</sup> O “debate” a que se refere é tensão criada vários relatórios críticos ao programa SWT (KAMMER, 2011; COSTA, 2011; BRUNO, 2012; VAUGHAN, 2009) aos quais o Departamento de Estado reagiu descredenciando algumas Organizações Sponsor e aumentando o número de regras para seleção dos intercambistas, sem afetar a continuidade do programa ou estabelecer número máximo de participantes.

estruturais. A direção dos arcos levou em consideração quem repassa o intercambista para quem, através de quem ele realiza sua travessia até chegar aos EUA, tendo o estabelecimento de contato com o Empregador como pressuposto para tal. O modelo gerado é assim modelo de referência baseado nos dados empíricos coletados pelas entrevistas e também aqueles coletados a partir da literatura. A análise é sincrônica, produz apenas um modelo desconsiderando alterações decorridas ao longo do tempo.

A Figura 9 apresenta o modelo gerado. As posições estruturais foram determinadas tendo como base os atores necessários para que o trajeto de intercambistas SWT fosse percorrido (isto é, que chegassem aos EUA com visto J-1) Em síntese, elas podem ser enumeradas como: 1. Intercambista; 2. Amigos; 3. Família; 4. Retornados; 5. Agências de Intercâmbio; 6. Organizações *Sponsor*; 7. Empregadores; 8. Consulado; 9. Departamento de Estado. Assumiu-se por hipótese, que essas nove posições estruturais seriam suficientes para descrever os aspectos topológicos desse sistema de intercâmbio.

### Modelo estrutural do sistema dos intercâmbios Summer Work Travel



Dados pesquisados e organizados por Martins, 2012.

Figura 9: Modelo estrutural do sistema dos intercâmbios SWT entre Florianópolis e EUA

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em dados de pesquisa.

Com base no modelo estrutural proposto, a Agência de Intercâmbio representa um "vértice-obstáculo"<sup>38</sup> para o sistema dos intercâmbios SWT pois, se a mesma for removida (como ilustrado na Figura 10), divide-se o grafo em dois sub-componentes isolados um do outro. A ligação entre o *Sponsor* e o *Empregador* pode ser considerada um "arco-obstáculo", pois remoção deste laço ocasionaria, também, uma alteração na topologia do grafo original, e impossibilitaria o objetivo final do sistema: conectar *Intercambista* e *Empregador*.

<sup>38</sup> Conceitos apresentados anteriormente e ilustrados na Figura 4.

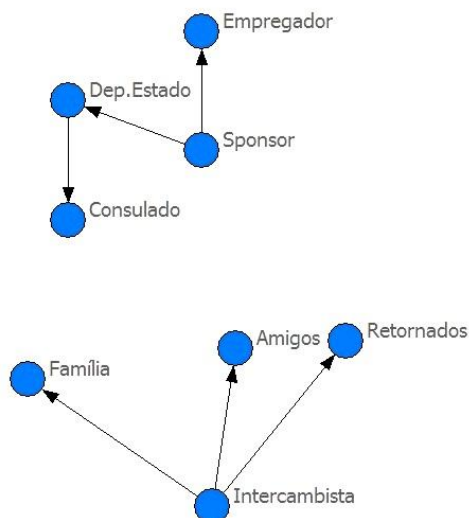


Figura 10: Modelo estrutural do programa SWT sem a Agência de Intercâmbio (“vértice-obstáculo”)

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em dados de pesquisa.

Seguindo linhas gerais na interpretação das informações a partir das entrevistas e dos estudos analisados, pode-se dizer que o intercambista chega aos intercâmbios SWT por motivação ou intermédio de Amigos, Retornados e Família, mas somente através da Agência de Intercâmbio consegue participar deste deslocamento (como pode ser visualizado no sociograma da Figura acima).

Este argumento se fortalece pela indicação da medida de centralidade intermediação como vemos no Quadro 5. O índice de centralidade de intermediação mede o quanto um vértice ou aresta está no caminho entre outros vértices, isto, é: ele é a soma de probabilidades de o mesmo vértice estar no caminho geodésico entre todos os demais vértices da rede. Ele indica quais vértices tem o papel de mediador, ou seja, agem como “ponte” (“broker”) na rede e têm poder de controlar e filtrar as informações que circulam entre “grupos” (“clusters”). (BALANCIERI, 2010).

Centralidade de Intermediação	
Agência	18,5
<i>Sponsor</i>	9,5
Consulado	2,5
Intercambista	1,5
Dep.Estado	1
Família	0
Amigos	0
Retornados	0
Empregador	0

Quadro 5: Índice de centralidade da intermediação no Modelo Estrutural dos intercâmbios SWT.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em dados de pesquisa e com auxílio de Software Ucinet 6 (BORGATTI, 2002).

O papel da Agência de Intercâmbio e do *Sponsor* como “mecanismos intermediários” desta mobilidade é evidenciado pelo seu maior grau de “centralidade da intermediação”. Assim, na prática, quem está mais diretamente ligado a realização desta mobilidade e a amarração destes vários atores em rede são estas três posições estruturais, sem as quais não se estabeleceria a ligação final, objetivo de todo o sistema, entre Intercambista e Empregador.

A "indústria dos intercâmbios SWT" (KAMMER, 2011) está, assim, fortemente alicerçada e alimentada pelas redes pessoais dos intercambistas (Retornados, Família, Amigos) e, com base no trabalho de intermediação das agências recrutadoras (Organizações *Sponsor* e Agências de Intercâmbio), ampliou-se paulatinamente e consolidou esquemas complexos e dinâmicos.

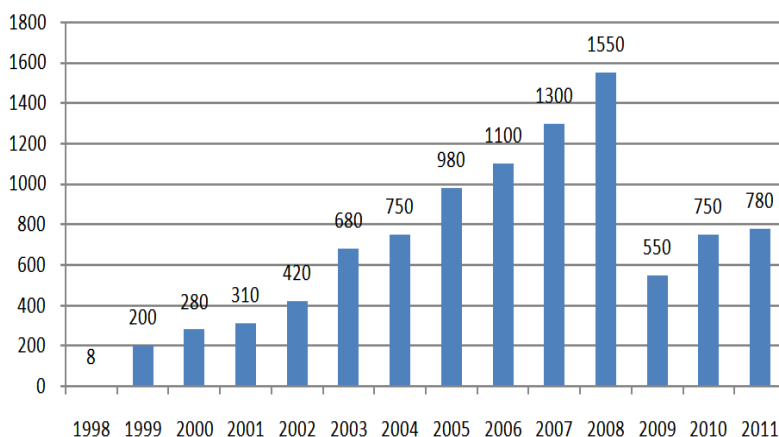
### 2.3 A REDE DOS INTERCÂMBIOS SWT EM FLORIANÓPOLIS (1998-2011)

As entrevistas com agências nos apontam que, desde 1998, cerca de 9 mil participantes já foram aos EUA através de agências de intercâmbio de Florianópolis, como ilustra o Gráfico 5. Comparado com o número de participantes em todo o Brasil, Florianópolis representou



13,8% em 2004, 11,1% em 2006, 13% em 2008 e 12,5% em 2010<sup>39</sup>. Estes números são significativos se considerarmos que, neste período, o intercâmbio SWT já havia se popularizado entre agências de intercâmbio de todas as capitais do Sul e Sudeste brasileiro. Como apontado pelas agências em entrevista, em Florianópolis o intercâmbio SWT teve o maior sucesso proporcional ao número de habitantes<sup>40</sup>. Isto se deve, entre outros fatores, a presença da agência Intercultural a qual é sediada na cidade e é uma das pioneiras do programa, sendo ainda hoje uma das que mais manda participantes aos EUA.

**Estimativa do número de participantes do programa Summer Work Travel em Florianópolis 1998 - 2011**



Fonte: Elaborado por Martins (2012) com base em entrevistas com 10 agências de intercâmbio de Florianópolis em 2012.

Gráfico 5: Estimativa do número de participantes de Florianópolis no programa SWT entre 1998 – 2011.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins (2012) com base em entrevistas com 10 agências de intercâmbio.

A "história" da rede dos intercâmbios *Summer Work Travel* na cidade pode ser contada a partir do oferecimento deste tipo de intercâmbio pelas agências e dividida em três fases: Início e Popularização (1998-2003), Crescimento Acelerado (2004-2008) e Crise

<sup>39</sup> Levando em consideração que o número de participantes brasileiros nestes anos foi, respectivamente, 5477 (2004), 9806 (2006), 11797 (2008) e 6024 (2010).

<sup>40</sup> Como mencionado, este é um dos fatores que motivaram esta pesquisa focando o caso de Florianópolis no SWT.

e Reestruturação (2009-2012). Apontam-se, ainda, algumas perspectivas em relação ao futuro do programa indicadas pelas agências.

### 2.3.1 Início e Popularização (1998-2003)

A "história" dos intercâmbios SWT em Santa Catarina inicia em 1998 quando a Agência Intercultural decide experimentar esta modalidade e envia apenas 8 participantes de Florianópolis aos EUA. A dinâmica das redes sociais para o crescimento do programa, como indicado pela divulgação e motivação entre Amigos e Retornados, foi fundamental como aponta a entrevista:

*Nos primeiros anos do programa ele dependeu muito de "divulgação familiar", dependia da indicação de um amigo ou familiar para outro. Eu falo isso por quê se estas pessoas procurassem no Google elas não encontravam informações sobre o programa, hoje em dia se você vai no Google tem milhões de páginas, não precisa perguntar pra ninguém como é. Então foi assim que a rede cresceu, "um primo chamava o outro para ir, e cada pessoa que retornava motivava outras 3 a participarem. (Agência Intercultural).*

Em 1999 a Intercultural enviou 200 participantes e em 2000 foram 500 participantes (considerando já as outras franquias da Agência).

*A Intercultural tinha só a matriz em Florianópolis, mas o Work Experience teve tanto sucesso que foi o carro chefe da nossa expansão. Em 1998 mandamos 8, em 2001 já tínhamos expandido e em Setembro de 2011 tínhamos 2000 inscritos para ir no Work Experience. Mas daí com os ataques terroristas nos EUA metade dessa gente desistiu (Agência Intercultural).*

Já em 2000 outras Agências de Florianópolis iniciam a operar o mesmo programa. Começando pelas Agências STB, CI Intercâmbios e IE Intercâmbios. O crescimento do mercado de intercâmbios marca o

surgimento de novas Agências e também a divisão de agências existentes em duas novas. São várias as histórias de donos de agência que se dividem, dando início a uma nova agência. O papel das franquias é relevante, das agências entrevistadas apenas três surgiram em Florianópolis (Intercultural, Cultural Adventure e Global Experience) o restante são filiais de franquias que estão no Brasil todo<sup>41</sup>.

Neste processo a CI se separou, tornando-se Cultural Adventure. A IE Intercâmbios era, inicialmente, parceira da Intercultural trabalhando com o mesmo *Sponsor* norte-americano (CCUSA, do qual vem o nome comercial mais popular do SWT: o "Work Experience USA"). Intercultural e IE hoje são concorrentes em Florianópolis. A AF Intercâmbios, com sede em Curitiba, vem para Florianópolis em 2001, começa a operar o "Work Travel" em 2002 e altera seu nome para agência Travel Mate em 2005, hoje sendo ainda uma das principais agências do SWT em Florianópolis. As agências sofrem com a alta do Dólar em 2002, mas relatam que em 2003 o programa se recupera e só cresce até 2008.

### 2.3.2 Crescimento Acelerado - 2003-2008

A popularização dos intercâmbios SWT em Florianópolis já estava estabelecida no meio universitário em 2003 e este "já era moda", segundo entrevistados. Os relatos das agências são de que era difícil dar conta da demanda criada pelo programa e que entre 2005 e 2008 tinham equipes trabalhando o ano inteiro exclusivamente com o programa SWT.

*Em 2006 nós tínhamos aqui nesta parte de trás da agência uma seção com 3 pessoas só para o Work Experience, trabalhavam o ano inteiro por que as pessoas interessadas começam a vir já em Março. Depois de 2009 mudou bastante, hoje não temos ninguém trabalhando só com o programa (Agência STB).*

As agências indicam que se considerado o tamanho da população da Grande Florianópolis esta é a cidade onde o programa SWT teve,

---

<sup>41</sup> Veja no Quadro 4 onde estas estão sediadas.

proporcionalmente, mais participantes no Brasil. As razões apontadas para a popularidade desta modalidade em Florianópolis foram uma grande população universitária e as estratégias baseadas na indicação. Além disso, o perfil específico dos universitários de Florianópolis foi ressaltado, envolvendo questões comportamentais, de classe socioeconômica, nível de Inglês e, até mesmo, questões de fenótipo, tópicos mencionados porém evitados pelos entrevistados.

O clima de popularização e até certa banalização na participação no SWT pode ser percebido a partir de cartazes de 2008 encontrados em murais das universidades em Florianópolis (ver Figura 11) os quais ressaltavam a ideia de que "todos estavam participando":

*"Eu vou de Egali!"* (EGALI)

*"Esse ano eu vou"* (Global Experience)

*"E aí? Quando você vai?"* (Cultural Adventure)



Figura 11: Cartaz da Agência Cultural Adventure em mural da UFSC em 2011 aponta popularização do SWT.

Fonte: Fotografado por Tiago Welter Martins, 2012.

Os participantes entrevistados apontaram que a participação no programa, devido a ser tão fácil e existirem tantos retornados, virou uma coisa banal, não tão especial quando uma experiência mais longa e, talvez, mais profunda.

Em 2005 a Agência Intercultural enviou quase 2000 participantes (somando diferentes estados do Brasil) aos EUA, muitos dos quais Retornados. A possibilidade de ir aos EUA sem emprego prévio motivava Retornados a voltarem para o mesmo emprego da temporada passada e levar consigo amigos. Desta forma o programa só cresceu até 2008, ano no qual cerca de 1500 participantes de Florianópolis foram aos EUA (maior quantidade já registrada).

Ao longo deste período houve uma mudança de foco do programa e das motivações dos participantes. Ele sempre foi visto como forma de intercâmbio no qual o foco está em ter experiência internacional, mas no período 1998 a 2005 os participantes costumavam acumular mais dinheiro do que no período de 2007 a 2012. As razões para tal, em primeiro lugar, foram a cotação do Dólar e da economia favorável. Além disso, o fato de que se viajava individualmente, e não em grupos de amigos como se tornou popular após 2007, mantinha os intercambistas mais focados no trabalho.

*Desde quando eu fui a primeira vez [2000], o foco do programa mudou, por quê: quando o pessoal procurou em 2000/2001 a turma tinha essa ideia 'Eu quero ir lá nos EUA para fazer dinheiro.' E a gente oferecia isso: "Ok, você vai lá, junta esse dinheiro, paga o que tu gastou, e depois tu volta no ano seguinte. Foi isso que aconteceu comigo em todas as temporadas. Porém naquela época o dólar era 4 para 1. Então uma ideia que mudou nos últimos cinco anos [2007-2011] é de que não é um programa para fazer dinheiro. O programa, como eu falei, é para ter um intercâmbio, experiência de vida, vivência numa nova cultura (Agência A10).*

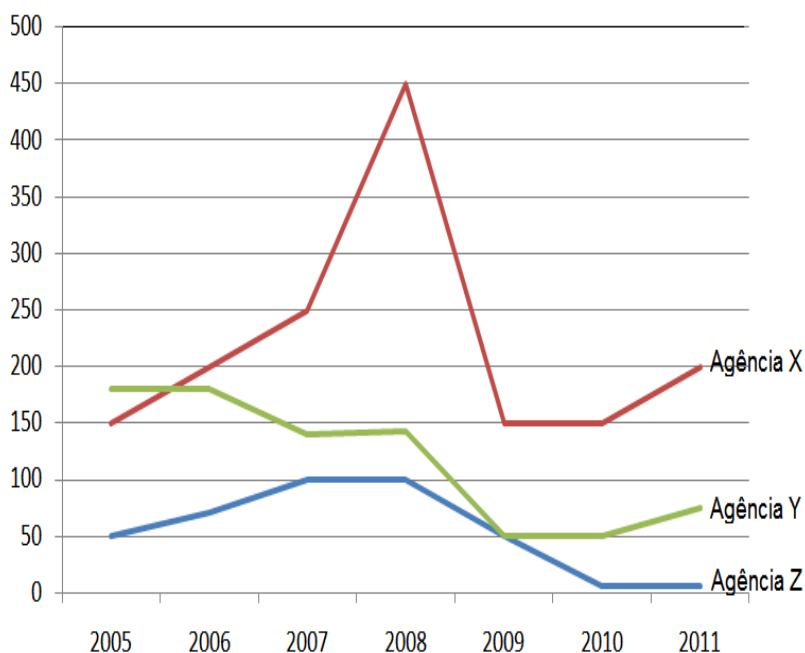
Na Figura 12 temos, para fins meramente ilustrativos, a localização das 10 agências de intercâmbio entrevistadas, todas presentes na região central de Florianópolis. Não se identificou, além destas, outras agências realizando o intercâmbio SWT em Florianópolis.

### 2.3.3 Crise e Reestruturação (2009-2012)

<sup>42</sup> Todas estas agências realizam (em 2012) os intercâmbios SWT com exceção das agências Information Planet e Global Experience (a qual deixou de realizar o SWT em 2010). Este mapa produzido pode ser acessado em: <http://goo.gl/maps/2cb4>.

O Gráfico 6 ilustra, com base no número de intercâmbios SWT realizados por 3 das agências entrevistadas, a diminuição de participantes após o baque causado pela Crise de 2008.

Quantidade de intercâmbios SWT realizados por 3 agências de Florianópolis: 2005-2011



Fonte: Elaborado por Martins (2012) com base em dados coletados em entrevistas com agências.

Gráfico 6: Quantidade de intercâmbios SWT realizados por 3 agências de Florianópolis: 2005 e 2011.

Fonte: Elaborado por Martins (2012) com base em dados coletados em entrevistas com agências.

A explicação dada para a diminuição do número de interessados em participar do SWT em 2009 e 2010 se dá, segundo as agências, pelo fato de que, até o ano da Crise, os Retornados repassavam a seus amigos apenas relatos positivos, o que ajudou a manutenção do fluxo. Com a Crise, os poucos<sup>43</sup> participantes que tiveram problemas com falta de emprego influenciaram muitos outros. Segundo a Agência A10 “isto freou o clima de Oba oba”. Isto é, como explica a Agência A9,

<sup>43</sup> Uma agência menciona 4% dos participantes, outra menciona 10%.

*Até 2008 era fácil ir, havia muita oferta de emprego, a seleção de candidatos era menos rigorosa. A partir de 2008 se inverte a relação, passa a se ter bem menos vagas do que candidatos, os preços do programa aumentaram, assim como o nível de Inglês exigido e a exigência de desempenho no trabalho, tudo isso se torna mais elevado, levando a um aumento da despolarização do programa (Agência A9).*

As agências afirmam terem se reestruturado para lidar com o menor número de interessados no SWT, e alegam que com o dólar em baixa os cursos de Inglês se popularizaram e, assim, parte do público interessado anteriormente no SWT agora tem preferido estudar Inglês, sobretudo no Canadá e EUA. As agências, dessa forma, não foram impactadas economicamente e a perspectiva em relação ao futuro do programa SWT gera discursos diversos.

### **2.3.4 Perspectivas do programa SWT em Florianópolis**

Devido aos problemas causados aos participantes do SWT por conta da Crise, em 2011 se lançam novas regras do programa (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2012). A mais relevante é a que obriga o intercambista a chegar aos EUA com emprego.

As agências de Florianópolis têm se dividido, algumas tem tentado abandonar o programa, como a Agência A9 (tenta direcionar interessados para outras modalidades), outras pararam de operar o SWT, como a Agência A2) e outras continuam apostando no programa, sem deixar de manter outras modalidades como cursos de línguas em vários países. A principal crítica ao SWT hoje é de que a obrigatoriedade de vaga de emprego torna o programa mais caro. Além disso não se sabe o que esperar do Departamento de Estado, pois este tem poder de alterar novamente regras ou mesmo encerrar programa.

A Agência A10 vê possibilidade de recuperação no programa:

*Com as novas regras deste ano as coisas mudam, todos já sairão do Brasil empregados. Assim, não é que a crise não vá afetar, pode ser que afete e pode ser que não, mas você não vai passar aquele*



*período inicial difícil que é o de procurar emprego. A grande vantagem é que não tendo aquele volume de pessoas que chegam lá sem emprego, agora o programa vai permitir novamente que a grande maioria das pessoas que já tem um emprego consigam um segundo emprego. Sendo assim quem for este ano, se comparado com estes 5 últimos anos, terá uma das melhores experiências para quem quiser trabalhar, pois terá mais de um empreg (Agência A10).*

O Gráfico 7 ilustra a quantidade de agências de intercâmbio trabalhando, em Florianópolis, com o programa SWT desde 1998. Esta estimativa tem base nas entrevistas com as agências. Observa-se que, ao longo destes 14 anos, e de acordo com a variação do mercado, algumas agências deixaram de realizar este intercâmbio. Por conta disto, das 10 agências entrevistadas hoje, apenas 8 ainda realizam o intercâmbio SWT, como indicado pelo gráfico.

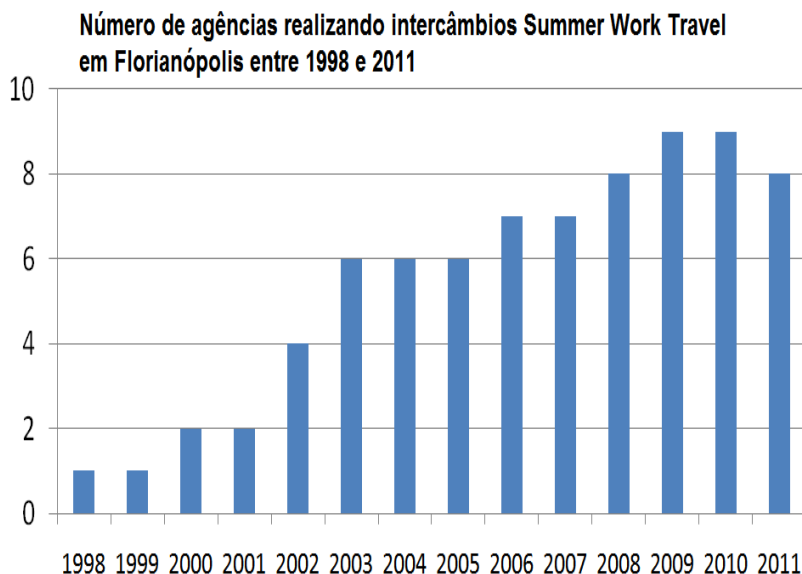


Gráfico 7: Número de agências de intercâmbio realizando intercâmbios SWT em Florianópolis entre 1998 e 2011

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em entrevistas com agências.

Esta pesquisa identificou e contatou 11 agências de intercâmbio em Florianópolis das quais 10 realizam o programa SWT. O mercado de agências de intercâmbio tem crescido uma média fixa de 20% ao ano nos últimos 6 anos segundo as agências.

*"Com esse crescimento da oferta daqui a pouco alguém vai quebrar!"* afirma a Agência A10, defendendo que quem irá "quebrar", no caso dos programas SWT, são os que não mantêm índices de qualidade, selecionando bem os participantes do SWT e sendo responsáveis. Todos os anos o Departamento de Estado dos EUA recebe relatório indicando problemas ocorridos e agências podem ser vetadas por má conduta.

As agências apontaram uma melhora na procura ao programa SWT no ano de 2011 e uma expectativa de manutenção da procura para 2012. As expectativas do número de participantes na cidade em 2011 e 2012 variam em torno de 800 intercambistas.

## 2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DO CAPÍTULO 2

Empregamos neste capítulo o método de Análise de Rede Sociais, no qual o foco está nos vínculos estabelecidos entre atores, para analisar a rede que se estabelece possibilitando a participação de jovens no programa *Summer Work Travel*. Esta rede soma as redes sociais dos participantes (Amigos e Familiares, bem como os Retornados que eles conheçam) com a rede estabelecida pelos que gerem o programa, chamada por Kammer (2011) de "indústria do SWT" (Agências, *Sponsors*, Consulados, Departamento de Estado dos EUA), formando, assim, o que chamamos de "rede dos intercâmbios SWT".

Foi empregado o Modelo de Grafos para a criação de um "modelo estrutural", o qual possibilitou ilustrar uma interpretação do funcionamento desta rede enquanto sistema, a partir da descrição das posições estruturais que permitem que o Intercambista chegue aos EUA, isto é, estabeleça um vínculo empregatício legalizado, através da rede SWT, com um Empregador

Neste sistema, motivado por sua rede social o Intercambista chega a Agência de Intercâmbio, e somente através dela consegue participar deste deslocamento. O papel Agência de Intercâmbio e *Sponsor* como "mecanismos intermediários" importantes desta

mobilidade é evidenciado pelo seu maior grau de “centralidade da intermediação”. As Agências de Intercâmbio e o *Sponsor* representam “vértices-obstáculo”, pois são imprescindíveis para que o sistema permaneça conectado. Conclui-se que a posição estrutural mais fundamental ao longo do processo de mobilidade é a Agência, por ter maior índice de centralidade de intermediação e, também, por ter sido apontada pelos participantes como imprescindíveis ao longo de todo o processo de mobilidade.

No caso dos intercâmbios SWT o processo de intermediação das Agências é fundamental e assim inclui várias “tarifas de serviços”, o que gera uma rede comercial complexa, a qual se ampliou paulatinamente e consolidou esquemas complexos e dinâmicos, em diferentes escalas, para motivar e garantir este fluxo de participantes.

A Análise de Redes Sociais, como visto, representa uma ferramenta relevante para a caracterização dos laços estabelecidos e qualificar as relações de poder entre atores os quais interagem para promover fluxos populacionais.

Em Florianópolis, segundo estimativa das agências entrevistadas, cerca de 9 mil participantes já foram aos EUA através desta rede. A “história” da rede do SWT na cidade pode ser dividida em três fases: Início e Popularização (1998-2003), Crescimento Acelerado (2004-2008) e Crise e Reestruturação (2009-2012). Os números de participantes têm se mantido alto, mas o futuro deste fluxo depende da regulação e normatização desta mobilidade por parte do Departamento de Estado dos EUA.

Com base nesta análise desta complexa rede que garante os intercâmbios SWT, pretende-se apontar, no Capítulo 3, como o contexto atual da mobilidade espacial internacional aponta para a relevância da análise das relações de poder em torno dos processos de fluidez. Esta fluidez dependendo, cada vez mais, do estabelecimento de novas estratégias em rede, que se complexificam e dinamizam em um contexto de Globalização.



### **CÁPIULO 3 – AS NOVAS DINÂMICAS DA MOBILIDADE ESPACIAL INTERNACIONAL E OS INTERCÂMBIOS SWT**

Este capítulo se inicia com uma discussão sobre como a diferenciação dos direitos a mobilidade (o crescente controle da mobilidade internacional) contrasta com um discurso hegemônico sobre a Globalização como espaço de fluxos. Apontamos, na segunda parte, que novos enfoques da mobilidade têm sido empregados apontando para o surgimento de novas formas de mobilidade. Inserem-se os intercâmbios SWT neste contexto, descrevendo sua faceta de turismo, intercâmbio e migração de trabalho temporário. A partir de uma revisão sobre as novas formas de mobilidade se apontam as características que nos levam a, por fim, construir uma interpretação da experiência de mobilidade do SWT, e de uma nova categoria para definir seus participantes.

O momento que vivemos, chamado por alguns de Globalização, tem sido alvo de várias interpretações. Trabalho aqui os autores que defendem que este processo seja analisado a partir das relações de poder estabelecidas (MASSEY, 2007) e que entendem este processo como fortalecimento de um contexto no qual as diferenças entre lugares se realçam ao invés de se homogeneizar (HALL & WILLIAMS, 2002). Estes autores apontam, assim, que o contexto torna a mobilidade espacial entre países cada vez mais condicionada a interesses de "agentes hegemônicos" (POVOA NETO, 2007; SANTOS, 2000). O foco desta primeira parte é, assim, analisar alguns aspectos relevantes da globalização que dizem respeito à dimensão da mobilidade espacial de populações, apontando para uma leitura do caso singular dos intercâmbios *Summer Work Travel*.

Doreen Massey (2007) argumenta que há muitas formas de se imaginar a globalização e que estas variam em seu conteúdo empírico, nas estruturas de suas conceitualizações, e assim por diante. Defende-se que é impossível legislar a favor de uma ou de outra interpretação mas, alguns discursos, no entanto, precisam ser criticados pois reproduzem posições descuidadas e dão credibilidade a políticas que entendem a globalização como inevitável.

Diversos autores (HANNAM, SELLER & URRY, 2006; TESFAHUNEY, 1998) fazem, assim, críticas ao discurso recorrente da suposta liberdade de movimento que gera uma globalização marcada por "espaços livres e sem fronteiras".

A Globalização, assim,

é atualmente um dos termos mais usados e poderosos em nossas imaginações geográficas e sociais. No seu extremo (apesar de 'extrema' esta versão é altamente popular) o que chama a atenção é uma visão de total mobilidade sem grilhões, de espaço sem fronteiras (MASSEY, 2007, p. 47).

Reproduz-se, assim, o discurso da retórica neoliberal de livre comércio, criado e difundido pelas mesmas instituições interessadas (como a Organização Mundial do Comércio) em que o mundo descrito desta forma se torne, de fato, realidade. (MASSEY, 2007). Tem-se, segundo Povia Neto, uma banalização de um onipresente estímulo à mobilidade espacial em expressões publicitárias como a do “viver sem fronteiras” e em expressões tornadas populares, que denotam “dinamismo“, “fluidez“, “liquidez“. Contudo, apesar de que existam tantos impulsos à mobilidade, erguem-se barreiras contra deslocamentos de população. (POVOA NETO, 2007)

As imaginações geográficas em torno da globalização são duas, mobilizadas em momentos distintos, dependendo do que estiver de acordo com interesses. De um lado se ressalta a liberdade de fronteiras como positiva, mas se o tema imigração é evocado a imaginação geográfica se altera, clamando por uma defesa dos lugares, dos direitos das "pessoas do lugar" aos seus próprios "lugares locais". São duas facetas contrastantes, partes do mesmo discurso e interessantes somente aos poderosos (MASSEY, 2007).

Uma faceta desta realidade são as políticas migratórias, entendidas "tanto como as que propõem, explicitamente, atuar sobre a gestão das migrações, na escala nacional e internacional, quanto aquelas que, perseguindo outros objetivos, acabam também por incidir de forma decisiva na geração, direcionamento e contenção de movimentos populacionais (POVOA NETO, 2007b).

A leitura de que existe uma "diferenciação dos direitos a mobilidade" (POVOA NETO, 2007a) também é feita por Bauman, o qual argumenta uma sociedade pode ser distinguida de outra pela forma como estratifica seus membros em "classe alta" e "classe baixa", e em nossa sociedade atual (“sociedade de consumo”) isto se define pelo "grau de mobilidade" - a liberdade de um membro de escolher onde estar. Alguns se deslocam por opção, ao passo que outros são

deslocados. É o caso dos refugiados, segregados, habitantes das periferias. Neste contexto a facilitação de vistos para alguns (ex: turistas e aqueles oriundos de países desenvolvidos) contrasta com o aumento da rigidez das leis imigratórias e tem uma profunda significação simbólica. Anuncia que a "mobilidade global" é, agora, o fator de estratificação mais alto (BAUMAN, 1999).

Assim como Póvoa Neto (2007a), Bauman afirma que os controles de imigração passam a constituir "muros" que separam os "do Segundo Mundo" dos locais de desejo e sonhada redenção. Estes viajam às escondidas, por vezes ilegalmente, e são vistos com desaprovação. (BAUMAN, 1999). Haesbaert (2011a; 2011b) menciona os mesmos "muros" e aponta, citando Massey (2008), que a mobilidade diferencial se dá em função geometrias do poder desiguais:

O paradoxo entre um mundo cada vez mais fluido e multiterritorial e um mundo onde nunca se construíram tantos muros, e em tão diversas escalas, revela-se então nem tão paradoxal assim. Geometrias do poder (como diria Doreen Massey) profundamente desiguais marcam a mobilidade diferencial entre os diversos sujeitos contemporâneos, sejam eles ricos ou pobres, homens ou mulheres, negros ou brancos, jovens ou velhos, participantes desta ou daquela identidade nacional ou étnica. (HAESBAERT, 2011a)

Ao invés de "muros", pode-se pensar também em "pistas" diferenciadas. Para Winton (2005), analisar mobilidades envolve, então, examinar muitas consequências para diferentes pessoas e lugares localizados no que pode-se chamar de "pistas rápidas e lentas da vida social". Há uma proliferação de lugares, tecnologias e "portões" que aumentam as mobilidade de alguns enquanto reforçam as imobilidades de outros (WINTON, 2005).

Kaufmann (2002) aponta que a pesquisa no campo de mobilidades deve dar especial atenção a relação entre as mobilidades e imobilidades humanas e as relações de poder desiguais que distribuem, também desigualmente, a "motilidade"<sup>44</sup>. Os diferentes graus de "motilidade" segundo o autor se referem ao potencial de mobilidade. A

---

<sup>44</sup> "Motilidade" é termo da Biologia e se refere à habilidade de se mover espontânea ou ativamente, consumindo energia no processo.

"motilidade" seria uma dimensão crucial de relações de poder desiguais, em proximidade com a leitura de Massey (2007) sobre a relação entre a mobilidade e as "geometrias do poder".

Tesfahuney (1998) também aponta as relações de poder para descrever a diferenciação de "empoderamentos da mobilidade" ("mobility empowerments"), processo o qual reflete estruturas e hierarquias de poder e posição por raça, gênero, idade e classe, indo do local ao global. Assim, os direitos de se viajar, por exemplo, são altamente desiguais e distorcidos, mesmo entre dois países (TESFAHUNEY, 1998).

### 3.1 OS INTERCÂMBIOS SWT EM UM CONTEXTO DE DIFERENCIAÇÃO DE ACESSO À MOBILIDADE

As leituras deste contexto de mobilidade diferenciada são, como vemos acima, muitas e influenciaram os caminhos desta pesquisa. Um dos objetivos centrais aqui foi procurar caracterizar o grau de acesso à mobilidade dos intercambistas SWT.

Para tal análise, buscou-se identificar os agentes, agências e relações de poder (MASSEY, 2007) envolvidos neste processo de mobilidade e, neste sentido, a perspectiva reticular de análise foi fundamental. Olhou-se para além da estratificação social como forma de compreender esta mobilidade de jovens majoritariamente oriundos de classes médias. Focou-se, aqui, em tentar compreender esta capacidade de mobilidade a partir das redes sociais nas quais se inserem estes jovens.

Se inicialmente se julgou que estes intercambistas tinham uma facilidade de transitar, a partir da compreensão do funcionamento da rede SWT, nossa pesquisa aponta que o fluxo de intercambistas SWT tem liberdade tutelada, seu controle se dando de várias formas através de uma complexa rede que a motiva, gera e, sobretudo, regula. A interpretação da rede dos intercâmbios aponta, assim, para uma mobilidade profundamente em consonância com os interesses de agentes hegemônicos (SANTOS, 2000).



### 3.1.1 Os intercâmbios SWT como “mobilidade facilitada” e como “mobilidade controlada”

As entrevistas com os intercambistas SWT e os relatos de viagem somaram, inicialmente, para uma noção de "mobilidade facilitada". Elementos que apontavam para tal interpretação: a) facilidade de obtenção de visto pela intermediação da agência de intercâmbio; b) o pouco tempo necessário entre decisão de participar do programa e a data de chegada aos EUA com visto e emprego; c) o sentimento de liberdade e de "ser bem vindo" presente nos relatos de intercâmbio; e d) o número de possíveis retornos aos EUA através do mesmo programa após uma primeira experiência.

Contudo, a partir das entrevistas com as agências, análise da literatura e análise da rede de suporte aos intercâmbios SWT, chegou-se a uma interpretação que inclui outra faceta deste fluxo: a de “mobilidade controlada”.

Como visto anteriormente, Povia Neto (2007) defende que, apesar de que existam tantos impulsos à mobilidade, erguem-se barreiras contra deslocamentos de população e estas podem ser classificadas em três tipos:

- a) *barreiras político-institucionais;*
- b) *barreiras culturais e ideológicas;*
- c) *barreiras físicas e as territorializações forçadas.*

Analiso aqui a relação do fluxo dos intercâmbios SWT com estes três tipos de barreiras descritas por Povia Neto, apontando os interesses e relações de poder que facilitam ou constroem esta mobilidade:

***barreiras político-institucionais:** políticas migratórias restritivas ao ingresso de imigrantes segundo suas qualificações, e com limitações temporais à permanência (POVOA NETO, 2007).*

Fica evidente, através do caso dos intercambistas SWT que a concessão de visto específico é fundamental para se garantir a fluidez através das barreiras físicas representadas pelos aeroportos. Aponta-se assim, para o atrelamento entre a inserção em redes específicas e a condição da mobilidade como mais ou menos "facilitada".

Neste caso específico, o esforço da rede SWT (sobretudo Agências e *Sponsors*) em recrutar e selecionar jovens que se encaixem

no perfil autorizado pelo governo (ou seja, bons trabalhadores e consumidores e não propensos à imigração) é fundamental para os agentes interessados no modelo de sociedade que nos parece vigente.

A velocidade e facilidade de adesão ao programa e obtenção do visto é algo que chama a atenção. Alguns intercambistas relataram decidir participar do programa e então iniciar processo de procura da agência cerca de 2 meses antes de já estarem nos EUA trabalhando.

*Eu e 8 pessoas da minha turma da universidade fomos todos no mesmo ano pela mesma agência. (...) A gente decidiu ir em Setembro, daí já fomos na agência e fechamos e daí a maioria foi pra lá final de Novembro (Bárbara)*

*Eu decidi bem de última hora que queria ir, lá por Outubro, daí foi correria pra fazer o visto e tal (...) Em dezembro eu já estava trabalhando. (Felícia)*

Vemos, contudo, que o mesmo visto que facilita a mobilidade, sobretudo quanto ao processo de entrada nos EUA, serve como barreira político-institucional, na medida em que limita temporalmente sua permanência, pois prevê que não há possibilidade de estender a permanência. O número de intercambistas SWT os quais se arriscam a permanecer mais tempo no país (“*Overstayers*”) é mínimo, ao que as entrevistas e a literatura indicam. Os que decidem por ficar além do visto, o fazem, geralmente, através de meios legais, aplicando o “jeitinho brasileiro” às brechas do sistema, como se mostrará a frente.

O contrato de emprego (aceitação do empregador) gera o documento DS2019, o qual é emitido pelo *Sponsor* e depois utilizado pelo intercambista para se obter o visto, ainda no Brasil. Este documento DS2019 inclui uma data de início e fim do período de trabalho a qual é inserida no sistema SEVIS, pelo meio do qual o Departamento de Estado dos EUA pode acompanhar a situação dos intercambistas nos EUA passo a passo. Caso o intercambista rompa com este contrato (demita-se sem acordo empregador, por exemplo) ele tem a obrigação de retornar imediatamente ao Brasil.

No Blog da Agência EGALI se esclarece esta regra, traduzindo instrução do site do Departamento de Estado:

Se você pretende deixar o seu programa [abandonar emprego], você deve notificar o seu

Sponsor. O seu Sponsor irá então inserir esta informação no SEVIS e será esperado que você deixe os Estados Unidos imediatamente. Você não terá direito ao período de pós-conclusão de 30 dias, pois você não completou o seu programa com sucesso. (EGALI, 2012)

Ironicamente, o programa SWT da Agência EGALI é intitulado FREE<sup>45</sup> ("LIVRE" em Inglês). Esta é forma encontrada para "motivar" (ou: forçar, constranger, chantagear) intercambistas a permanecer nos seus empregos, e este quesito atrai os empregadores. Vemos, assim, que a liberdade destes intercambistas está constrangida pela dinâmica da rede na qual se inserem por meio do programa SWT.

O papel das agências de turismo, como apontado no Capítulo 2 é fundamental para tornar muito simples e rápida a obtenção de visto, da vaga de emprego, do documento DS2019, da passagem de avião e assim "facilitar" esta mobilidade para os participantes. Os lucros gerados por esta "indústria do programa SWT" (CIS, 2011), contudo, explicam por que esta rede é tão articulada, como veremos no próximo item.

*"A agência fez tudo, deram passagem aérea, vaga de emprego, todas as taxas, nesse sentido foi bem tranquilo... mas também cobraram 8 mil reais, né?" (Felicía)*

*barreiras culturais e ideológicas: tendo o migrante representado como inferior, indesejável ou ameaçador à segurança e ao bem-estar das sociedades de imigração (POVOA NETO, 2007);*

Quanto a barreiras culturais e ideológicas, temos a intensificação de um processo de representação do migrante como inferior, indesejável, uma ameaça as sociedades de recepção. Os meios de comunicação, como apontam Cogo (2003) e Barata (2006) tem um papel destacado na formação de um imaginário negativo sobre a imigração. No caso dos intercambistas SWT os relatos são de uma adaptação fácil a cultura local (cultura que em grande parte já é vivida por estes jovens através do consumo e da incorporação de elementos por meio da cultura de massa), mas de um contato social limitado com os norte-americanos limitado, geralmente, ao ambiente de trabalho. Se de uma maneira geral, em documentos oficiais e reportagens os

---

<sup>45</sup> "Férias Remuneradas para Estudantes nos Estados Unidos".

intercambistas SWT são sempre identificados como estudantes estrangeiros, quando se critica o programa se apontam estes mesmos estudantes como ameaça às chances de emprego de jovens norte-americanos e se clama pelo fim deste tipo de mobilidade (ver discurso de KAMMER, 2011; NORTH, 2011).

Sales (1992) descreve como o processo de alienação física e social marca o deslocamento de emigrantes brasileiros rumo aos EUA. Estes e outros relatos sobre as dificuldades encontradas no processo de migração, sobretudo sem visto, contrastam com os relatos dos intercambistas SWT. Contudo, as entrevistas apontam para um déficit de vínculos de amizade entre norte-americanos e os participantes brasileiros do SWT. A rede social estabelecida por estes nos EUA aponta uma explicação para tal, já que brasileiros do SWT também interagem em menor grau com participantes de SWT de outras nacionalidades. Os brasileiros no SWT se isolam em comunidades brasileiras, as quais são estabelecidas rapidamente através da conexão da rede SWT. Isto é, a dinâmica da rede leva brasileiros a trabalharem e morarem juntos, em função da dinâmica de vagas de trabalho oferecidas por um mesmo empregador a uma mesma agência de intercâmbio no Brasil ou mesmo em Florianópolis.

*barreiras físicas e as territorializações forçadas: estruturas que materializam políticas migratórias, apesar da materialidade evidente, tais barreiras representam "poderosos discursos simbólicos sobre a rejeição das sociedades de imigração aos chamados 'indesejados'" (POVOA NETO, 2007).*

O processo de entrada e saída dos EUA, no caso dos participantes do SWT, ocorre sem "alienação física" (SALES, 1992), desde que se sigam as regras estabelecidas pelo programa. Garante-se isto, sobretudo, pela obtenção de um visto específico por intermédio da rede SWT. Situação bastante diferente do caso de muitos migrantes com menor "capacidade de acesso a mobilidade" (MASSEY, 2007), os quais se sujeitam a travessias arriscadas ou a humilhações em aeroportos.

Contudo, como mencionado acima, o sistema SEVIS indica o status do intercambista nos EUA, caso o status esteja pendente, os registros de chegadas e partidas dos aeroportos são cruzados com as datas de duração do período de intercâmbio. Caso os participantes decidam permanecer além do permitido nos EUA, o Departamento de

Estado é o primeiro a saber por intermédio deste sistema (SEVIS), no qual o intercambista passará a constar como imigrante ilegal.

O intercâmbio SWT poderia ser visto assim, como uma "mobilidade protótipo", que surge como fruto de um contexto no qual a capacidade de mobilidade está cada vez mais condicionada aos interesses de "agentes hegemônicos". O direito de existir do SWT se dá por atender de várias formas a pauta de interesses hegemônicos que reforçam o discurso de fluidez e quebra de barreiras, ao mesmo tempo em que mantém seus participantes sob controle e monitoramento em níveis inovadores (vide sistema SEVIS). Estas e outras razões nos parecem ser as razões para a popularização tão rápida desta mobilidade ao longo da última década.

A análise dos intercâmbios SWT contraria o discurso do fim de barreiras, pois muitas barreiras estão presentes na mobilidade dos SWT, mas por um preço e com a ajuda de vários mecanismos intermediários eles as conseguem transpor de forma não traumática e notadamente prazerosa.

### **3.1.2 Rede, fluidez e o "lobby" da indústria *Summer Work Travel***

A rede formada a partir do programa SWT e descrita no Capítulo 2 é exemplo interessante para ilustrarmos a ligação que Milton Santos descreve entre a exigência, na atualidade, por mais "fluidez"<sup>46</sup> e, através de uma perspectiva reticular, sua ligação com a chamada desregulação já que a "a produção da fluidez é um empreendimento conjunto do poder público e do setor privado" (2000).

Os críticos do programa SWT têm se esforçado em identificar como os agentes desta rede estabelecem ligações de influência sobre o Departamento de Estado e, assim, possibilitam a continuidade do programa. As críticas ao programa SWT se concentram sobre dois pontos: o fato de que ele tira empregos de jovens norte-americanos e o fato de que os intercambistas SWT são explorados. Tudo isto, argumenta-se, em nome do acúmulo de capital por parte da "indústria do *Summer Work Travel*", a qual seria composta, em primeiro plano, pelas Org. *Sponsors* e as Agências de Intercâmbio. Esta indústria, argumenta-se, movimenta mais de 100 milhões de dólares por ano, já que o número de participantes tem sido na média de 100 mil por ano e a taxa média do

---

<sup>46</sup> Fluxo de mercadorias, pessoas, informações e capital por intermédio de redes.

programa (paga somente às agências) é de 1000 dólares por participante. (BRUNO, 2012)

Milton Santos propõe que "a existência das redes é inseparável da questão do poder". O mundo atual, por pressão dos atores hegemônicos, exige mais fluidez (para a circulação de ideias, pessoas, produtos, capital) e esta só alcança as consequências atuais com o apoio, além das inovações técnicas, "de um conjunto de novas normas de ação, a começar, pela chamada desregulação"(2000, p.275). A desregulação, elemento frequentemente citado como característica de um contexto de fim das fronteiras, significa então multiplicar o número de normas, que exige uma vigilância contínua, assegurada por legislações, tribunais mundiais e polícias operando de fato sem fronteiras. (SANTOS, 2000)

Cabe, assim, aos Estados e aos organismos supranacionais prover as condições para que as empresas, isoladamente ou associadas, estabeleçam "redes privadas, cuja geografia e funcionalização correspondem ao seu próprio interesse mercantil" (SANTOS, 2000, p.276). A desregulação por meio de criação de normas pode ser exemplificada pela legislação que regula o *Summer Work Travel*, criada não a partir do congresso mas sim de um número limitado de agentes do governo, e é a única condição que ele necessita para existir:

In the case of the Summer Work Travel (SWT) category, the State Department operated a temporary worker program for nearly 50 years without any specific congressional authorization, despite the fact that, arguably, it involves no educational or cultural component. (COSTA, 2012)<sup>47</sup>

As relações entre a rede mundial dos intercâmbios SWT e o governo dos EUA não são tão claras, mas diferentes relatórios e entrevistas apontaram para o poder de Lobby da rede SWT sobre a regulação do Departamento de Estado dos EUA (KAMMER, 2011; COSTA, 2012; U.S. GAO 2011; GUESTWORKER ALLIANCE; 2011).

---

<sup>47</sup> “No caso da categoria Summer Work Travel (SWT), o Departamento de Estado manteve um programa de trabalho temporário por quase 50 anos sem nenhuma autorização específica do Congresso, além do fato de que, na prática, o programa não tem nenhum componente cultural ou educacional.” (COSTA, 2012)

The lobbying organization for the Sponsors of federal exchange programs is the Washington-based Alliance for International Educational and Cultural Exchange. Its executive director, Michael McCarry, said in a 2010 speech that his job is to “look for program regulations that are permissive and allow people to come to the United States in a responsible way, and for visa policy that supports these goals. (CIS, 2011)48

Jerry Kammer<sup>49</sup>, autor do longo relatório crítico ao intercâmbio SWT (2011) respondeu, por e-mail, a minha hipótese de configuração desta rede com o seguinte sugestão:

*I would just suggest that you may want to consider two other categories of actors who are not involved directly in the operation of the Summer Work Travel Program, but who do exert influence. The first group, and by far the more powerful, comprises the members of the United States Congress who are involved either in overseeing the State Department or in representing states where the J-1 program has become important to businesses. The two senators from Alaska come immediately to mind. I blogged about them here<sup>50</sup>. The second group comprises residents of communities who are angry at the displacement of local workers by J-1 workers. I wrote about some of them in our report. Some of them try to persuade their members of Congress to restrict the SWT program. But their voices do not have the power of organized business groups who profit by hiring the J-1 workers. As I often*

---

<sup>48</sup> “A organização que promove o lobby para os Sponsors envolvidos com programas de intercâmbio internacionais é a Aliança para Educação Internacional e Intercâmbio Cultural, cediada em Washington. Seu diretor executivo, Michael McCarry, afirmou em 2010, durante um discurso, que seu trabalho objetiva ‘incentivar normas favoráveis aos programas de intercâmbio, que permitam que pessoas venham aos EUA de forma responsável, e políticas consulares que permitam alcançar estes objetivos’” (CIS, 2011).

<sup>49</sup> Jerry Kammer é pesquisador do Center for Immigration Studies dos EUA. Este centro de pesquisa lançou, em anos recentes, vários artigos os quais criticam o programa SWT.

<sup>50</sup> <http://www.cis.org/kammer/political-muscle-curtails-effort-reform-program-displaces-american-workers-name-cultural-exch>

*say, there is no lobby for unemployed American teenagers. (Jerry Kammer, por e-mail)*<sup>51</sup>

Kammer aponta para a importância do SWT para a economia de certas regiões, do ponto de vista dos empreendedores, os quais “economizam 8% contratando intercambistas SWT” (DE SOCIO, 2012). Ressalta, também, a influência exercida por estes empregadores sobre os congressistas com poder de influência sobre o programa, apontando para o processo chamado por Marques de “permeabilidade do Estado aos interesses privados”, apontando para dinâmica na qual a ligação entre atores específicos (dentro de empresas, instituições e setores legislativos) é relevante para o entendimento da criação e aplicação das políticas de Estado:

As políticas do Estado surgem então como produto de estratégias e ações de atores políticos específicos, moldados pelas instituições (herdadas, presentes e em construção), pelas posições relativas de cada um deles na rede social da comunidade profissional estudada, assim como pelas configurações espaciais da região metropolitana. (MARQUES, 2000)

A dificuldade em se conseguir acesso aos dados em relação a vistos emitidos especificamente para o programa SWT foi desafio. A razão pela qual esses dados não são disponibilizados pelo governo não é de todo clara, mas aponta para um receio de que se arme os críticos ao programa com dados estatísticos. O geógrafo norte-americano Mark de Socio iniciou em 2011 pesquisa sobre a “Geopolítica” do programa (DE

---

<sup>51</sup> “Tiago eu sugiro que você considere outras duas categorias de atores que não estão envolvidos diretamente na condução do programa Summer Work Travel, mas que possuem influência. O primeiro grupo, de longe o mais poderoso, é composto pelos membros do Congresso dos EUA os quais estão envolvidos em fiscalizar as operações do Departamento de Estado ou em representar estados onde o programa J-1 se tornou importante para a economia regional. Os dois senadores do Alaska vem imediatamente a mente. Eu escrevi um artigo sobre eles.

O segundo grupo é composto por moradores de comunidades os quais estão revoltados com a perda de vagas de emprego para trabalhadores com visto J-1. Eu escrevi sobre alguns deles em nosso relatório. Alguns deles tentam persuadir seus representantes no Congresso para que restrinjam o programa SWT. Mas suas vozes não tem a mesma força dos grupos organizados de empreendedores os quais se beneficiam da contratação de trabalhadores J-1. Como eu costumo dizer, não há lobby para os adolescentes Americanos.” (Jerry Kammer, por e-mail)



SOCIO, 2012) e contribuiu, por e-mail, com algumas sugestões a esta pesquisa, compartilhando, também, da mesma dificuldade.

*I've put in a Freedom of Information Act request via the State Department to pull out the Summer Work Travel Program visas from the rest of the J-1 visa data. That was a year ago and I am still waiting for the results. (Mark de Socio, entrevista por e-mail).*<sup>52</sup>

Por fim, cabe aqui uma comparação entre o programa SWT e os outros dois programas de trabalho temporário não qualificado nos EUA (Vistos H2A e H2B, para "Guestworkers"). Andorra Bruno mostra que como o programa SWT (Visto J1) não está categorizado como "programa de trabalho temporário" pelo Governo (e sim programa cultural) seus participantes não estão sujeitos a procedimentos burocráticos mais longos. Nos vistos H2A e H2B os interessados têm de procurar lidar com o processo burocrático por conta própria, ao contrário do J1 onde agências fazem todo trabalho. Além desta dificuldade, o J1 não tem um número máximo de emissões, ao contrário destes outros dois. Uma interpretação possível, com base em nossa pesquisa, é a de que o menor interesse econômico em torno dos vistos H1A e H2B não motivou mudanças na legislação que tornassem este tipo de mobilidade mais acessível, por conta de não necessitarem uma rede de agências para dar suporte ao mesmo. Assim, os números de participantes SWT são, hoje, maiores que o de vistos H2A e H2B somados.

### 3.1.3 Entre “turistas”, “vagabundos” e “intercambistas SWT”

Descrevemos acima o contexto no qual o discurso hegemônico de "quebra de barreiras" e "espaço de fluxos" (MASSEY, 2007) contrasta com a prática da "diferenciação dos direitos a mobilidade" (POVOA NETO, 2007a). Apresentou-se como a aparente facilidade de mobilidade percebida pelos intercambistas está condicionada

---

<sup>52</sup> “Eu submeti um pedido formal ao Departamento de Estado para conseguir os dados em relação aos vistos emitidos para o Programa Summer Work and Travel em separado dos dados do visto J-1 em geral. Isto foi há um ano atrás e eu estou ainda esperando pelo resultado.” (Mark de Socio, entrevista por e-mail)

profundamente aos interesses de vários atores interessados nesta mobilidade na forma específica como ela se dá. Temos assim uma liberdade tutelada de mobilidade.

Se, na descrição de Bauman (1999) da nossa sociedade de consumo se estratificam os membros de acordo com os diferentes "graus de mobilidade", tendo "turistas" como "classe alta" e "vagabundos" como "classe baixa", os intercambistas SWT surgem como grupo de difícil categorização. São pessoas que buscam o "sonho de ser turista" através da rede do SWT e, de fato, estão tão condicionados aos "interesses hegemônicos" (SANTOS, 2000) quanto estes "turistas". Pois ambos tem liberdade proporcional a sua capacidade de atender a interesses econômicos. As dinâmicas do interesse econômico, no entanto, são melhor compreendidas em uma lógica reticular, na qual a inserção em redes específicas (MARQUES, 2000), como a rede dos intercâmbio SWT, dá acesso a mecanismos para se acessar a mobilidade os quais são mais eficientes do que a posse de recursos financeiros por si só.

### 3.2 NOVAS FORMAS DE MOBILIDADE: AS INTERFACES ENTRE TURISMO, MIGRAÇÃO E INTERCÂMBIOS CULTURAIS

Apresento a seguir discussões que repensam a mobilidade internacional em sentido amplo e que apontam para o surgimento (ou o estudo) de novas formas de mobilidade. A partir de exemplos de novas mobilidades "jovens", apresento resultados de pesquisa que apontam para pensarmos o movimento de jovens do SWT como uma nova categoria de mobilidade.

#### 3.2.1 As interfaces entre turismo, migração e intercâmbios culturais

Como vimos aqui, são muitas as pesquisas interessadas em compreender como se dão os controles da mobilidade (por meio, sobretudo, de leis imigratórias cada vez mais restritivas). Michael Hall e Stephen Page (2002), por outro lado, apontam que boa parte destes estudos se limitam a utilização de categorias amplas como as de migrante e turista, generalizando-as e opondo-as.

Bookman (2006) aponta que ainda é pequeno o número de tentativas "no sentido de somar todos estes diferentes tipos de movimentos populacionais para observá-los na sua totalidade e globalidade, e desenvolver uma perspectiva internacional compreensiva" (2006, p.6).

Ao longo das últimas duas décadas, por outro lado, tem surgido movimento o qual aponta a importância de se pensar diferentes mobilidades, sobretudo na pesquisa em turismo e migrações, em uma perspectiva integrada, por mais que estes dois fenômenos sejam tradicionalmente estudados por áreas distintas. Aponta-se que, por várias razões, incluindo a "velocidade dos tempos atuais", o turismo e outras formas de mobilidade passam a se confundir (HALL e WILLIAMS, 2002; HANNAM, SELLER & URRY, 2006; WILLIAMS e HALL, 2002).

A maior parte dos países e instituições define turismo como uma estadia que dura entre um dia e um ano, mas migrantes de trabalho temporário se encaixam nesta categoria também. Mesmo os migrantes trabalhadores nas piores condições costumam, em algum momento, realizar alguma atividade turística (TORKINGTON, 2010). Turistas e migrantes têm motivações múltiplas, as quais podem sempre mudar logo que se chega ao destino, tornando móvel ou fluída a divisão entre uma e outra categoria (BOOKMAN, 2006).

Hall e Williams apontam que estudos da relação entre turismo e migração requerem uma abordagem holística, mas que

a interface turismo-migração representa um território fértil e ainda muito pouco explorado, oferecendo grandes recompensas aos pesquisadores de turismo e migração. Ele não é apenas uma interface potencialmente frutífera entre diferentes campos tradicionais de pesquisa, mas representa, também, um componente cada vez mais importante das novas formas de mobilidade (2002)

Em relação a estas "novas formas de mobilidade", Urry (1990) argumenta que se turismo pressupõe um oposto, o trabalho, como explicar que um jovem considere uma experiência prazerosa, até inesquecível, trabalhar nas férias? Como exemplo deste tipo de fenômeno, Williams e Hall (2002) citam o caso de um jovem estrangeiro trabalhando em Nova Iorque para pagar sua educação, mas

aproveitando os finais de semana para atividades turísticas, dessa forma podendo ser considerado ao mesmo tempo "um estudante, um migrante trabalhador e um turista".

### **3.2.2 Os intercambistas SWT como intercambistas, turistas e migrantes de trabalho temporário.**

Tendo como base este aporte teórico, o movimento dos intercâmbios SWT foi analisado aqui como uma nova forma de mobilidade. Nas três seções que seguem, veremos como os participantes do SWT se encaixam em três categorias tradicionais distintas (turista, intercambista cultural e migrante de trabalho temporário) para então propor, a partir da revisão de outras novas formas de mobilidade, que o intercâmbio SWT conjuga "múltiplas motivações" (BOOKMAN, 2006, p.26) e assim seus participantes transitam entre uma e outra categoria, criando uma nova categoria específica, a qual chamaremos de "intercambista trabalhador".

#### ***3.2.2.1 Participantes do SWT enquanto intercambistas culturais***

Os 16 ex-participantes entrevistados apresentaram múltiplas motivações para participar deste tipo de mobilidade. Contudo, a motivação mais mencionada foi a de poder realizar um intercâmbio, ter uma experiência no exterior. O intercâmbio SWT é, aqui, chamado de intercâmbio, pois é vendido como intercâmbio e "comprado" como intercâmbio cultural pelos seus participantes. Para além disso, o Departamento de Estado considera esta mobilidade, oficialmente, como intercâmbio cultural (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2011) pois indica que a troca intercultural é o objetivo do programa SEVP (Programa de Estudantes Visitantes de Intercâmbio: visto J-1).

O percentual de imigrantes internacionais com visto nos EUA, por exemplo, cresceu na seguinte proporção: 1990: 9.1%; 1995: 10.5%; 2000: 12.1%; 2005: 13%; 2010: 13,5% (UNITED NATIONS, 2012). Contudo os participantes do SWT não agregam a esta estatística pois possuem visto de "não-imigração" (U.S. GAO, 2011).

Insiro esta mobilidade como parte de um processo no qual, cada vez mais, jovens e adultos realizam intercâmbios culturais, sendo estes entendidos como cursos e oportunidades de experiência cultural em outros países (BELTA, 2012). Este fluxo de estudantes cresce, também, ao redor do mundo, como indicado no Capítulo 1 (BELKHODJA, 2011; BESSEY, 2007) por conta, como veremos a frente, de uma demanda crescente por experiências internacionais e de interesses privados e governamentais .

No Brasil, este crescimento é apontado por pesquisas:

No curso das últimas décadas, um elemento novo vem despontando com força no conjunto das práticas educativas das famílias das classes médias, sobretudo em suas frações mais elevadas: a valorização e a demanda por uma dimensão internacional na formação dos filhos. Essas experiências se revestem de formas as mais diversas: estágios lingüísticos de curta duração, intercâmbios de high school, programas de “mobilidade” para estudantes de graduação, etc. (NOGUEIRA, AGUIAR & RAMOS, 2008).

O crescimento também se percebe nos números do setor privado e pode ser observado na quantidade de intercâmbios realizados no últimos anos, como aponta a BELTA<sup>53</sup> (Ver Gráfico 8).

---

<sup>53</sup> "Criada há 19 anos, a Belta - Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais - é a primeira associação latino-americana do segmento de educação internacional. Com o objetivo de ampliar o mercado de educação internacional no país, a Belta investiu na promoção do segmento e na qualidade e confiabilidade dos programas internacionais oferecidos por suas associadas. A Belta avalia e credencia operadoras de intercâmbio. Possui mais de 70 empresas-membro entre operadoras no Brasil e organizações internacionais. A qualidade destas empresas é atestada pelo selo Belta, que faz com que sejam consideradas as melhores do País, dando credibilidade tanto no Brasil quanto no Exterior." (BELTA, 2012)

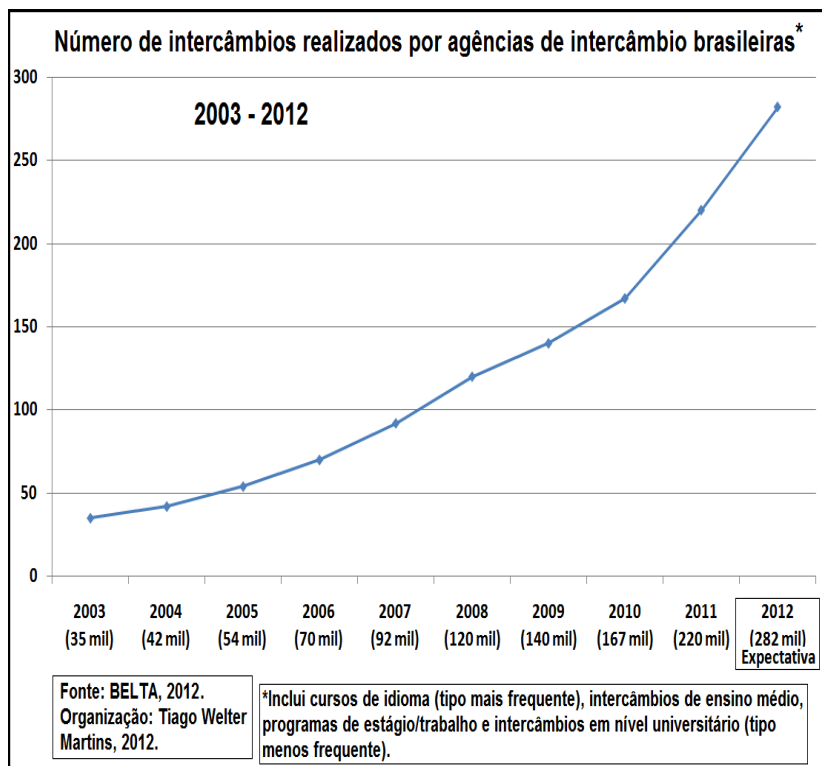


Gráfico 8: Número de intercâmbios realizados por agências de intercâmbio brasileiras.

Fonte: Elaborado por Tiago Welter Martins com base em dados da BELTA (2012).

As Agências entrevistadas apontaram que, desde 2004, o crescimento acelerado do mercado se manteve contínuo, sobretudo em função da cotação do Dólar e do crescimento/estabilidade econômica brasileira. Temos que os dois destinos mais comuns de intercâmbios são os EUA e o Canadá. Os discursos sobre o aumento de intercâmbios são reproduzidos todos os anos pelos meios midiáticos no Brasil, fortalecendo, como veremos a frente, um imaginário de grande necessidade em se participar, também, de um intercâmbio<sup>5455</sup>.

<sup>54</sup> "Viajar é preciso: Aumenta o número de jovens que vão estudar fora do País." Por Laila Mahmoud. 30/11/2005. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/reportagens/intercambio.htm> Acesso em: 20/01/2012

<sup>55</sup> "Brasileiros batem recorde em gastos com intercâmbios" Por Priscila Pariz. 27/2/2012 Disponível em: [http://www.diariodoturismo.com.br/18\\_32\\_0\\_36\\_20\\_brasileiros-batem-record-em-gastos-com-intercambios.html](http://www.diariodoturismo.com.br/18_32_0_36_20_brasileiros-batem-record-em-gastos-com-intercambios.html) Acesso em: 20/01/2012

Vemos no Quadro 6 um exemplo de crescimento dos intercâmbios universitários, abrangendo os números gerados por convênios entre universidades estrangeiras, públicas e privadas, com o Brasil. Aponta, também, que a popularidade dos EUA como destino EUA na migração e no turismo, se repete nos intercâmbios<sup>56</sup>.

Ano	1ª Destino	2ª Destino	3ª Destino	4ª Destino	5ª Destino	Total
2006	EUA (7799)	Alemanha (1801)	Portugal (1760)	França (1755)	Reino Unido (1110)	14225 de 19619
2007	EUA (7566)	França (1846)	Espanha (1837)	Portugal (1796)	Alemanha (1776)	14821 de 20778

Quadro 6: Universitários brasileiros no exterior: 2006 e 2007.

Fonte: Dados de Correia Lima & Betioli Contel, 2008.

Como apontado anteriormente, dos 16 participantes, 13 tiveram todos os custos do programa financiados pelos pais. Uma possível explicação para isso seria a de Nogueira, Aguiar e Ramos:

Uma expansão da demanda por esse bem cultural é detectada entre as camadas médias, que vêm na dimensão internacional do capital cultural um ingrediente indispensável à reconversão de seu patrimônio. Tais estratégias familiares inserem-se numa lógica de distinção, ou seja, de reforço das fronteiras entre grupos mais ou menos providos em capital econômico e cultural. (2008)

---

<sup>56</sup> Não se quer afirmar aqui que os EUA seja o destino “preferido” mas sim que é o destino mais comum. Leva-se em conta que a decisão de mobilidade (seja para migração, turismo ou intercâmbio) não dependem simplesmente de escolhas individuais, mas de todo uma soma de fatores. Como se aponta, nesta pesquisa, a inserção em diferentes redes sociais é elemento importante para compreender a definição dos locais de destino nos fluxos de mobilidade internacional.

### 3.2.2.2 Participante do SWT enquanto turistas

Mesmo dentro do contexto de maior rigidez das fronteiras no mundo, em especial nos EUA, sobretudo após os atentados de Setembro de 2011 (SANTOS, 2007), os EUA é o principal destino turístico internacional de brasileiros segundo a Revista Time (ROGERS, 2011).

Em 2010, 1,2 milhões de brasileiros visitaram os EUA injetando 5,9 bilhões de dólares na economia norte-americana. A média de dinheiro gasto nos EUA por cada turista brasileiro é de impressionantes 4940 dólares. De acordo com o Departamento de Comércio dos EUA (US EMBASSY, 2012), mais de 1,5 milhão de Brasileiros visitaram os Estados Unidos em 2011, número 25% maior que em 2010.

O Consulado dos EUA em São Paulo é o consulado que mais processa vistos do mundo<sup>57</sup>. Processou em 2011 uma média de 2300 vistos por dia. Os números de vistos para os EUA emitidos no Brasil aumentou 234% entre 2006 e 2010 (US Embassy, 2012).

Os participantes do SWT brasileiros apontam, pelas entrevistas, participarem desta aparente cultura de interesse nacional pelo turismo nos EUA. Viajar pelos EUA, para os destinos turísticos famosos, fez parte da experiência de todos os entrevistados. Na média, cerca de metade do dinheiro salvo pelos intercambistas (após contas com alimentação, moradia e festas) destina-se as viagens. Viaja-se, em quase todos os caso, apenas com amigos brasileiros e em carros alugados. Metade dos entrevistados mencionaram ter "viajado muito", apenas 2 entrevistados mencionaram ter "viajado pouco". As viagens duram de poucos dias a uma semana e os destinos mais mencionados foram a cidade de Nova Iorque (7 entrevistados), a Disney Land (4) e Las Vegas(4).

*"Eu consegui juntar uma boa grana nos três meses de trabalho [em 2005/2006] e daí quando*

---

<sup>57</sup> Dadas as pressões por tornar mais rápida a emissão de vistos para Brasileiros e Chineses (as duas nacionalidade que mais gastam nos EUA) o Governo atende a pressão. Em discurso na Walt Disney World Resort (19 Jan 2012) o Presidente Barack Obama anuncia: "Assim, hoje, orientei meu governo para me enviar uma nova estratégia nacional de turismo voltada para a criação de empregos. (...) "Mas queremos que eles venham para cá. Queremos que eles gastem dinheiro aqui, em Orlando, na Flórida, nos Estados Unidos da América, o que impulsione nossas empresas e nossa economia. (...) Portanto, hoje, estou orientando o Departamento de Estado para acelerar nossa capacidade de processar vistos em 40% na China e no Brasil este ano." (OBAMA, 2012)



*terminei o trabalho fiquei um mês e meio viajando por todo o país." (Breno)*

*"A gente ía sempre em sete amigas [brasileiras], sempre de van alugada por que daí cabia as sete. Assim deu pra ir na Disney, em Miami, em Fort Lauderdale, etc." (Carina)*

*Eu e o pessoal da casa [brasileiros] viajavamos sempre, a gente combinava de pegar Day Off [dia de folga] junto e ía pra algum lugar de carro alugado ou de ônibus mesmo, por que na Califórnia tem muito cidade massa e fica tudo meio perto. Eu fui pra Las Vegas, São Francisco, Los Angeles, todas as praias da Califórnia. Até festa em Tijuana [México] eu fui fazer! [risos] É que como eu era menor de idade nos EUA [18 anos] daí lá México eu podia entrar em clubes e beber (Rafaela)*

Desta forma, se, por um lado, os relatos de aprendizado cultural e de amadurecimento marcaram todas as entrevistas, os participantes não deixaram, também, de consumir as atrações turísticas famosas, como vemos na Figura 13.



Figura 13: Um dos primeiros intercambistas de Florianópolis no SWT, no topo das torres gêmeas em Dez/2000.

Fonte: Foto cedida pelo autor em anonimato.

Os registros fotográficos destas viagens são compartilhados com amigos e familiares pessoalmente ou por intermédio dos *websites* de relacionamento e são elemento marcante na divulgação do programa SWT como oportunidade de realizar turismo/viagem para lugares famosos onde, não fosse o programa, não teriam condições de visitar.

### ***3.2.2.3 Participante do SWT enquanto migrante de trabalho temporário***

Por mais que as agências de intercâmbio e os próprios participantes descrevam esta mobilidade como "intercâmbio nas férias", no qual você poderá viajar e aprender, a única atividade que é pré-requisito para que ele aconteça é um contrato de trabalho temporário. Assim, os participantes entrevistados se encaixam, também, na definição de migrante de trabalho temporário, segundo definição da Organização Internacional para Migração:

temporary migrant worker: Skilled, semi-skilled or untrained workers who remain in the destination country for definite periods as determined in a work contract with an individual worker or a service contract concluded with an enterprise. Also called contract migrantworkers. (IOM, 2012)<sup>58</sup>

Encaixam-se, também, na definição de Castles de migrante<sup>59</sup>, pois assentam moradia por um tempo mínimo de alguns meses e se inserem em um contexto de procura por mão de obra barata temporária e estrangeira (CASTLES, 2005).

As estimativas oficiais de 2009 sobre quantidade de brasileiros morando no exterior, “migrantes” segundo o Itamaraty (MRE, 2010), são as apresentadas na Figura 14, a seguir:

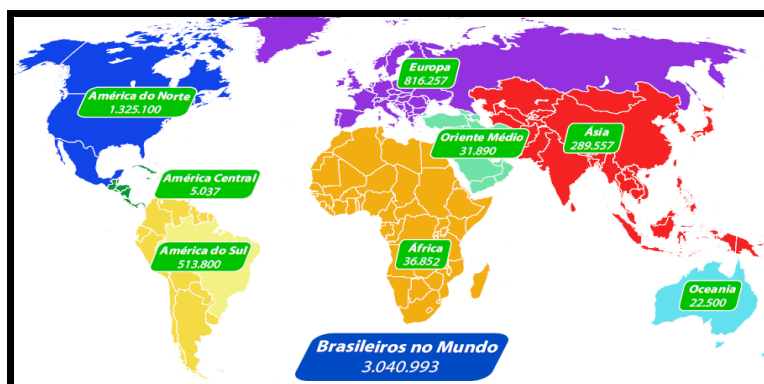


Figura 14: “Brasileiros no mundo” em 2009 segundo estimativas oficiais do Itamaraty

Fonte: MRE, 2010.

<sup>58</sup> "trabalhador migrante temporário: Trabalhadores qualificados, semi-qualificados ou sem treinamento os quais permanecem no país de destino por períodos determinados por contratos de trabalho com um trabalhador individual ou contrato de serviço estabelecido com uma empresa. Também chamados de trabalhadores migrantes contratados." (IOM, 2012)

<sup>59</sup> O número de migrantes internacionais no mundo passou de cerca de 150 milhões em 2000, para cerca de 214 milhões em 2010, de acordo com o relatório de 2010 sobre migração no mundo produzido pela Organização Internacional para Migração (IOM, 2012). Se este número continuasse a crescer na mesma proporção dos últimos 20 anos, poderíamos ter em 2050 cerca de 405 milhões de migrantes.(IOM, 2012). Por mais que os números possam impressionar, e talvez esta seja a intenção em muitos estudos, cabe apontar em relação ao percentual da população mundial, este aumento teria sido de 2,7% em 2000 e 3,1% em 2010 segundo a estimativa da ONU.

Vemos assim a forte conexão entre Brasil e EUA na migração, já notada no turismo e nos intercâmbios. Em 2010, como ilustrado na Figura 15, os números crescem, e os Estados Unidos da América, continua a figurar como o principal destino de brasileiros emigrantes.



Figura 15: “Brasileiros no mundo” em 2010 segundo estimativas oficiais do Itamaraty

Fonte: Elaborado por IG Notícias com base em dados do MRE (2010).

Mark de Socio aponta a relação entre os baixos salários pagos aos participantes do SWT (8% mais baratos que outros trabalhadores residentes permanentes e legalizados) e a popularização da contratação desta mão de obra.

J-1 workers have come to dominate the coastal resort town's seasonal summertime labor force. J-1 workers' wages are typically in the range of \$7.25 to \$9.00 an hour, and they are exempt from payroll taxes such as Social Security, Medicare, and federal and, in some states, state unemployment taxes, saving employers up to 8% of payroll expenses that can amount to tens of thousands of dollars annually. Consequently, the number of J-1 workers in Ocean City and other resort communities in the U.S. has surged in recent decades and J-1 workers have expanded into a range of job categories and geographically across the United States. (DE SOCIO, 2012)<sup>60</sup>

A capa da revista IstoÉ está reproduzida na Figura 16. Na reportagem intitulada "Intercâmbio escravo" (MARQUES & RABELO, 2007), se aponta o caso de brasileiros que participaram do intercâmbio SWT e acabaram sofrendo todos os problemas de exploração de mão de obra barata. Com péssimas condições de trabalho e moradia, e passando por situações de privação e baixíssimo salário.

---

<sup>60</sup> “Os trabalhadores com visto J-1 passaram a dominar a força de trabalho temporário durante o verão em Ocean City, cidade de resorts litorâneos. Os salários dos trabalhadores de visto J-1 geralmente variam entre 7,25 e 9 dólares por hora, e eles estão isentos dos impostos em folha de pagamento tais como Previdência Social, plano de saúde público e impostos federais. Em alguns estados eles estão, também, isentos dos impostos do seguro desemprego, permitindo que os empregadores economizem até 8% nas despesas com folha de pagamento o que pode representar uma quantia de dezenas de milhares de dólares anualmente. Consequentemente, tem aumentado nas últimas décadas o número de trabalhadores J-1 em Ocean City e em outras cidades com Resorts nos EUA. Expandiu-se o número de categorias de trabalho do programa J-1 e sua abrangência geográfica por todo os EUA.” (DE SOCIO, 2012)



Figura 16: Capa da Revista IstoÉ.

Fonte: Revista IstoÉ. Edição 1953, 4-Abr-2007.

A Belta (BELTA, 2012) rebate as acusações apontando que estes foram casos isolados e, em grande parte, se deve ao fato de intercambistas assinarem contratos com os quais, percebem posteriormente, não concordam de fato.

De Socio também aponta que alterações no contexto geopolítico permitiram a vinda destes trabalhadores temporários, apontando para mudanças nos padrões da migração laboral:

Further, the geopolitical context of J-1 workers has changed remarkably over the decades due to a changing international political economy and resulting changes in patterns of labor migration. (2012)<sup>61</sup>

A experiência de trabalho dos SWT aponta, considerando a relação salário pago x carga horária x atividade exercida, para um contexto de exploração de mão de obra barata, tal qual vivido pelos

<sup>61</sup> “Além disso, o contexto geopolítico dos trabalhadores J-1 mudou expressivamente ao longo das décadas em função de mudanças na economia política internacional e resultado de transformações nos padrões da migração de trabalhadores.” (DE SOCIO, 2012)

imigrantes estudados por (SALES, 1999). Os participantes entrevistados trabalharam todos em funções de baixa especialização e com altas cargas horárias<sup>62</sup>. Dos 16 entrevistados, 10 tiveram, também um segundo emprego. A entrevistada Carina chegou a trabalhar em 4 lugares diferentes ao mesmo tempo.

Os relatos da experiência de trabalho chamam a atenção pelo fato de que várias das funções (sobretudo as na área de limpeza) são, geralmente, consideradas funções bastante desagradáveis pelo esforço físico e o tamanho da carga horária.

Em relação a carga horária temos alguns relatos:

*Eu trabalhei no Cassino e em um Restaurante de panquecas, mas me arrependi, devia ter pego emprego só no Cassino pois podia conseguir hora extra dentro do cassino. Melhor do que trabalhar nessa loucura pois fiquei doente. Eu dormia mal, cheguei a trabalhar 20 horas em um dia. (Rafaela)*

*Eu cheguei a trabalhar 40 horas em 3 dias [no parque aquático onde era salva vidas] por que me mandaram, definiram meu horário assim para aquele fim de semana. Foi uma loucura, mas o trabalho era fácil. (Felícia)*

*Eu cheguei a trabalhar 7 dias direto, 8 horas por dia mais horas extra em 3 dias, deu 62 horas no total. Eu fazia bastante hora extra, eu ficava mais que todo mundo. (Paulo, Faxineiro)*

Bárbara participou em 2007 do SWT, hoje é formada em Administração Empresarial pela ESAG/UDESC e, após intercâmbio, repensou sua vida e decidiu cursar Jornalismo (concluirá o curso em 2013, atualmente estagia como repórter de TV).

*Eu trabalhava 8 horas por dia de "Busser", era serviço de limpeza mas era limpeza leve por que era só recolher as coisas da mesa e limpar. Mas*

---

<sup>62</sup> As funções de trabalho (primeiro emprego) dos entrevistados foram: Garçon, Atendente de caixa, Segurança em eventos, Garçon em Cassino, Hostess, Restaurante, Salva Vidas em Parque Indoor, Garçonete, Busser, Limpeza de mesas, Hostess, Restaurante Cassino, Auxiliar de cozinha, Operador de Gôndola em estação de Ski, Vendedora Loja de Departamento e Faxineiro.

*eu trabalhava só as 8 horas, não ficava fazendo muita hora extra não. (Bárbara)*

Contudo, a forma como esta experiência de trabalho foi apreendida pelos entrevistados como momento de aprendizado, de crescimento pessoal, de diversão e de financiamento de seus anseios de consumo de produtos e viagens, aponta para repensarmos as experiências de mobilidade de trabalho temporário.

Como exemplo: quando indagada se valia a pena a quantidade de horas trabalhadas (entre 40 e 48 horas por semana) e o pouco retorno financeiro (os pais pagaram todo o intercâmbio mas ela não conseguiu juntar dinheiro, não viajou tanto e não comprou muitas coisas) ela replicou:

*Eu adorava na verdade, não era nojento, não precisava pensar, eu fazia bem feliz, ficava lá pensando na vida. Nem tinha acabado as talheres no servidor e eu já ia lá trocar. Eu fazia até coisas que os outros empregados americanos não gostavam como trocar leite de uma máquina grande que tinha e que espirrava. Eu achava tranqüilo. (Bárbara)*

Assim, como será visto a frente, vemos que os participantes do SWT não "brincam em serviço", mas se divertem com ele.

### **3.2.3 Pensando os intercâmbios SWT como mobilidade híbrida**

Como apontado, os Estados Unidos é o principal destino de brasileiros no exterior, tanto para intercambistas, turistas e migrantes. O país tem, notadamente, forte poder de atração sobre a população brasileira, mas mantém, ainda, todas as barreiras normativas a entrada dos mesmos, mesmo no caso de turistas os quais figuram entre os que mais gastam no país. Os intercâmbios SWT podem, assim, ser apontados como mais uma estratégia de mobilidade que possibilita brasileiros conhecerem e morarem nos EUA.

Em um contexto de surgimento de novas formas de mobilidade, os participantes do SWT são, durante a mesma experiência de deslocamento, turistas, intercambistas culturais e migrantes de trabalho



temporário. O "intercâmbio SWT" será, então, melhor compreendido se forem conjugadas categorias tradicionais como as de migrante, turista e intercambista cultural em uma nova categoria, tal qual fizeram os estudos que analisamos a seguir e que embasam nossa análise da experiência do SWT.

### 3.2.4 O aumento das novas mobilidades

Hall e Williams (2002) defendem que novas formas de mobilidade podem ser encontradas em muitas escalas do local e nacional ao global. Elas também incluem todas as faixas etárias, mas em especial os jovens, jovens adultos<sup>63</sup> e os idosos ativos<sup>64</sup>. Nenhuma destas formas de mobilidade são novas, mas têm aumentado em volume e em escopo geográfico nas décadas recentes, por razões diversas e ainda não completamente compreendidas. Há, contudo, novas formas de mobilidade as quais eram inimagináveis uma geração atrás (idem, 2002).

Vemos que as novas mobilidades como a do intercâmbio SWT, mesmo envolvendo migração a trabalho, não podem ser compreendidas da mesma forma que as massivas migrações de trabalho dos anos 1960 do Sul para o Norte da Europa, motivadas pela disparidade de salário e padrões de vida na Europa e envolviam longos anos de esforço em más condições de trabalho e moradia (KING, 1993; KING & RUIZ-GELICES, 2003).

Estas novas formas de mobilidade<sup>65</sup> tanto constituem como são resultados da globalização, argumenta Held, a qual é agora amplamente compreendida como processo que aumenta ao invés de diminuir as diferenças entre lugares. (HELD, 2000)

Como exemplo destes novos fenômenos, temos o exemplo da Nova Zelândia, onde a "Experiência no Exterior" ("Big OE", "Overseas Experience") já está se tornando parte da cultura nacional.

---

<sup>63</sup> Um pesquisa interessante seria analisar estas como "mobilidades internacionais pós adolescentes", dada a transição de características geracionais, mas isto não será focado aqui.

<sup>64</sup> Em contraste, as famílias com crianças jovens e a idosos de saúde debilitada tendem a ser alguns dos grupos sócio-demográficos de menor mobilidade, argumenta Hall e Page (2002).

<sup>65</sup> Outros autores, descrevem a figura do "mochileiro" ("backpacker") como mobilidade voluntária motivada pela combinação de fatores de trabalho e estilo de vida. De filmes de Hollywood a pesquisas acadêmicas estes "mochileiros" viraram símbolo de uma "hiper-mobilidade" ("über-mobility") (DUNCAN, SCOTT & BAUM, 2010).

### 3.2.4.1 “Novas mobilidades” tornam-se “novas tradições”

Mason (2002) descreve que, na Nova Zelândia, é comum que jovens viajem longas distâncias internacionais ("overseas"), retornando após vários meses ou talvez um ou dois anos. Os neozelandeses se referem a este tipo de movimento como a "Grande experiência no exterior" ("Big OE" ou simplesmente "OE", de "Overseas Experience"). Segundo o autor, ainda que não seja única, esta forma mobilidade na qual o objetivo do jovem é ganhar experiência internacional é relativamente incomum para os padrões tradicionais pois perpassa não só fronteiras internacionais mas, também, os mundos do trabalho e lazer, e assim do turismo e migração.

Uma breve pesquisa on-line mostra que, de fato, a "OE" se tornou nova uma tradição nacional neozelandesa e um termo popularmente utilizado, com um site de viagens descrevendo a mesma como:

An Overseas Experience (OE) is a New Zealand term for an extended overseas working holiday. It is sometimes referred to as "The Big OE" in reference to the extended duration of the travel - typically at least one year and often extending far longer. Spending time overseas living, working and playing in a different part of the world, is the best way to expand your knowledge and broaden your horizons. There are some things that you just can't learn from a book or studying. Some things, like understanding a country, its culture and its people, can only be achieved through real life first hand experience (like an OE!) (WNZ, 2011).<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> “Uma “Experiência Além-mar” (Overseas Experience - “OE”) é um termo Neozelandes para uma viagem de lazer na qual se trabalha por período prolongado no exterior. É, as vezes, chamada de “A Grande OE” em referência ao período estendido pelo qual a viagem dura - geralmente no mínimo um ano e frequentemente durante bem mais do que isto. Passar um período vivendo no exterior (“Além-mar” para os neozelandeses), trabalhando e se divertindo em uma diferente parte do mundo, é a melhor forma de expandir seu conhecimento e ampliar seus horizontes. Há certas coisas que você simplesmente não consegue aprender a partir de livros ou estudo. Algumas coisas como entender um país, sua cultura e seu povo, só podem ser compreendidas através de experiência de contato direto na vida real (como uma “OE”!)” (WNZ, 2011).

Da mesma forma como o "OE" se estabeleceu como uma nova tradição nacional, é interessante indagar sobre como os intercâmbios SWT se tornaram uma parte da cultura urbana, se não do Brasil, mas de Florianópolis.

Quando perguntados sobre como ficaram sabendo do intercâmbio SWT, todos os entrevistados mencionaram ter laços, sejam fracos ou fortes, ligando eles a vários ex-participantes. Três entrevistados (Valéria, Luciano e Geórgia - os quais participaram do SWT em 2003, 2004 e 2006, respectivamente) mencionaram que já naquela época o intercâmbio SWT "era moda" entre universitários. As agências e os participantes mais recentes apontam, em entrevista, que este tipo de intercâmbio faz parte do conhecimento comum daqueles ligados ao meio universitário, quase que como parte de uma cultura local em formação, a qual passa a envolver, cada vez mais, a presença de "viajados" (ex intercambistas) e seus relatos.

É relevante apontar, contudo, que as novas mobilidades típicas entre jovens dos países desenvolvidos (como Nova Zelândia, Israel, EUA) geralmente duram cerca de um ano, contrastando com o limite de 4 meses do SWT, elemento para possível debate a partir de vários aspectos: velocidade do consumismo, condições socioeconômicas, mobilidade cerceada, e assim por diante.

### ***3.2.4.1 "Novas mobilidades" como ritos de passagem***

O tipo de experiência no qual se passa um período no exterior, conhecida como "Gap Year"<sup>67</sup> (também entendida como "ano sabático", ou período para repensar/planejar a vida), se tornou comum na cultura Anglo-Saxônica (Reino Unido, Estados Unidos, Austrália) e consiste em viajar, trabalhar ou realizar atividades não curriculares em um país estrangeiro entre um ou outro estágio da vida (geralmente antes de ingressar na universidade ou após se graduar). O período não é, necessariamente, de 12 meses (STARMER-SMITH, 2010).

---

<sup>67</sup> O termo foi cunhado inicialmente pela organização "Latitude Global Volunteers" (anteriormente chamada "Gap Activity Projects") apesar de hoje ter se popularizado e tomado várias formas. A Latitude, ainda hoje, agencia oportunidades de trabalho voluntário no exterior para jovens entre 17 e 25 anos. O objetivo, segundo eles (LATTITUDE, 2012) é desenvolver jovens do mundo todo através de uma experiência em uma cultura diferente que lhes permite aprendizado.

A gap year in general can be defined as any period of time between 3 and 24 months which an individual takes 'out' from formal education, training or the workplace, and where the time out sits in the context of a longer career trajectory. (ANDREW, 2004)<sup>68</sup>

Chaim Noy (2005) descreve a mobilidade dos "mochileiros israelenses" (que também pode ser facilmente identificada como popular por meio de breve consulta on-line ao termo "israeli backpackers"). Este tipo de mobilidade envolveria a viagem de baixo custo ao redor do mundo como um rito de passagem bastante entre jovens adultos de Israel (normalmente recém-saídos do serviço militar obrigatório). O turismo estendido comumente por mais de um ano estaria assim associado a um aprendizado profundo por meio do distanciamento das origens e tradições e a exposição à diversidade cultural.

Em ambos estes exemplos, tem-se a experiência da mobilidade como "rito de passagem", ou "ano sabático", um período entre fases (entre Ensino Médio e escolha da Universidade, ou entre universidade e trabalho), para se repensar os rumos da vida.

Barbara, Felícia e Silvia mencionaram, como motivação, querer "*férias para sair de Florianópolis e repensar rumos*" em relação à universidade e ao futuro. As três entrevistadas iniciaram novos cursos de graduação após o intercâmbio SWT (Jornalismo e Relações Internacionais).

*"Eu gostei, mas não voltaria como SWT, mas eu adorei, adorei conhecer os EUA."* (Paulo)

*"Foi ótima, sou amiga das pessoas com quem trabalhei até hoje. Mas Work Experience uma vez na vida é o suficiente, pelo aprendizado."* (Bárbara)

*"Minha experiência foi muito boa, eu teria feito de novo no ano seguinte se não tivesse namorado no Brasil. Mas hoje eu não voltaria mais por que já não é mais atrativo aquela experiência de "ter*

---

<sup>68</sup> "Em geral, um ano sabático pode ser definido como qualquer período de tempo entre 3 e 24 meses no qual um indivíduo se afasta dos estudos, capacitação formal ou emprego e utiliza este tempo afastado para incrementar a trajetória de sua carreira em uma perspectiva de longo prazo." (ANDREW, 2004).

*que se virar", viver daquele jeito improvisando."*  
(Carina)

### **3.2.4.2 Mobilidade motivada pela "aventura" de "ter que se virar"**

Levando em consideração que todos os entrevistados moravam, ainda, com seus pais na época de participação de intercâmbio, é fácil compreender que muito dos relatos positivos em relação a "experiência nos EUA" estavam atrelados ao que os intercambistas chamaram de "ter que se virar".

Como colocam alguns autores, o elemento do desafio é parte essencial destas "mobilidades jovens" com nuances de rito de passagem. Aponta-se que encontrar perigos e dificuldades são partes necessárias de um "ano no exterior", tal qual um rito de passagem auto induzido (TRINH, 1994).

Viajar para longe de casa pode ser visto como uma aventura e um exercício de enfrentamento de riscos para estes jovens. Tem a ver a com enfrentar os limites pessoais e sociais e romper com a vida cotidiana (ELSRUD, 2001).

Os relatos apontam para o enfrentamento de dificuldades como possibilidade de superação e crescimento ao qual nunca se teve acesso:

*Adorei trabalhar um trabalho... um trabalho destes de 8 horas, ficando todo dia e me ferrando, eu achei muito bom me ferrar, sério mesmo, me ferrar no sentido figurativo sabe? (Paulo)*

Os relatos sobre como moravam estes intercambistas, a maioria deles pela primeira vez longe dos pais, são emblemáticos. Geralmente compartilham casas e vivem precariamente por querer economizar, relatos de como cozinham, como improvisavam são contados com orgulho.

*"Moramos em 15 pessoas em casa de 3 quartos, incluindo duas amigas de Floripa. Achei mais fácil com desconhecidos do que conhecidos, pois com desconhecidos você se obriga a respeitar,*

*não tem liberdade de brigar por qualquer assunto fútil." (Dalila)*

*"Moramos em 5 amigos de Florianópolis em um apartamento de um cômodo só. Dormia dois casais em duas camas e outra pessoa no sofá, tudo no mesmo cômodo." (Andrei)*

*Para economizar alugamos um apartamento pequeno (1 quarto, 1 banheiro, 1 cozinha) para 12 pessoas!! Não aguentamos 1 mês, a convivência ficou insuportável, as condições eram sub humanas, dormia todo mundo no chão, não tinha armário, dava muita briga. Acabamos dividindo em dois apartamentos pequenos, cada um com 6 pessoas. (Rafaela)*

Todos os entrevistados apresentaram pelo menos algum relato de experiência na qual tiveram resolver problemas (desafios cotidianos), viver improvisadamente, fazer turismo ou se divertir com pouco dinheiro ou de formas pouco convencionais. Todas estas posteriormente relatadas como experiências muito memoráveis e divertidas.

As “aventuras”<sup>69</sup> destes jovens longe de suas casas e redes sociais de origem envolvem relatos de viajar de carona (onde o risco e a sorte são muito mais interessantes, para estes jovens, do que o tradicional ir de avião), acidentes de Snow Board, desventuras com a polícia<sup>70</sup>, e assim por diante. Todas estas experiências são amplamente divulgadas através de imagens e longos relatos em meios digitais ou no convívio social nos lugares de origem, fortalecendo um imaginário específico em torno do intercâmbio SWT o qual ressalta a diversão e as experiências vividas como mais marcantes do que o esforço de ter de trabalhar longas jornadas de trabalho.

As fotos da Figura 17 são todas de um mesmo participante do SWT de Florianópolis (publicadas em álbum público em 2012). Incluem o mesmo participante viajando de carona para Aspen, em Hollywood com o nome de Jack Kerouac<sup>71</sup>, correndo nu com os amigos pela

---

<sup>69</sup> Para um bom debate envolvendo o elemento da “Aventura” como experiência vivida e como motivadora da mobilidade humana ver Simmel (1998).

<sup>70</sup> “Pelo menos um participante por ano é preso, o pessoal sempre se envolve em problemas com a polícia por conta de consumo de álcool ou até pequenos furtos.” (Agência A10)

<sup>71</sup> Autor do livro *Pé na Estrada* (“On the road”), o mesmo título do álbum no qual o intercambista postou as fotos de suas viagens de carro pelos EUA com amigos do Brasil.

vizinhança em dia de tempestade de neve, no hospital com tornozelo quebrado.



Figura 17: Fotos da “Aventura” de um intercambista SWT em 2011/2012.  
Fonte: Concedidas pelo autor em anonimato.

As fotos seguintes, na Figura 18 são de um mesmo participante de Florianópolis no SWT em 2010/2011. Elas ilustram quatro tipos de situações bastante comuns em relatos e registros fotográficos neste intercâmbio: aprendendo a cozinhar (esta foto foi enviada a mãe do entrevistado, segundo o mesmo), conhecendo a neve ou divertindo-se no local de trabalho, conhecendo famosos no local de trabalho (Angélica e Luciano Huck, no caso), festejando com amigos brasileiros em festas domiciliares.



Figura 18: Fotos da experiência de um participante SWT.

Fonte: Cedido pelo autor em anonimato.

O conjunto destas histórias e das "aventuras", no discurso dos Retornados, parece ser a parte mais valorizada da experiência. Mas, aparentemente, as mesmas situações não teriam sido possíveis se não tivessem se passado no exterior.

### ***3.2.4.3 Trabalho como atrativo durante experiência de mobilidade***

Pensando novas mobilidades marcadas pelo trabalho temporário, alguns exemplos são interessantes para pensarmos a relação dos intercambistas SWT com sua experiência de trabalho.



Adler e Adler (1999) apontam, assim, que nem todos os trabalhadores de baixa especialização/remuneração vêm de países mais pobres exportadores de mão de obra. Há também jovens adultos das classes médias de sociedades "pós-industriais" nos EUA e na União Européia que cruzam fronteiras em busca de trabalho relacionado ao turismo (tourism-related work). O que tem sido observado então é o fenômeno dos "migrantes trabalhos-turistas" (migrant tourist-workers) que buscam emprego como parte de uma "experiência turística", assim obscurecendo a distinção entre trabalho e prazer (ADLER e ADLER, 1999; BIACHI, 2000)

Bianchi (2000) criou o conceito de "migrante turista-trabalhador" o qual refere a categoria de trabalhadores móveis de resorts que deixam, por razões diversas, suas sociedades de origem e optam por ir atrás de aventura, trabalho e realização pessoal nas áreas de resorts do sul da Europa (Grécia, etc) para refletir sobre os padrões contemporâneos de mobilidade e práticas de trabalho no turismo mediterrâneo. Para estes, o trabalho é central para a experiência, não somente para possibilitar financeiramente a viagem, mas como algo que é recompensador por si só.

Wearing (2004) utiliza a mesma categoria para descrever o movimento de "Voluntários turistas":

Volunteer tourists represent a further dimension to this discussion in that they represent those who travel, often paying for the privilege of working in the destination. (WEARING, 2004).

Diferentes formas de trabalho relacionado a atividade durante viagens turísticas se tornam cada vez mais populares. Assim, o "volunturismo" (união de atividades de voluntarismo e turismo) é o filão que mais cresce dentro do mercado do turismo e é cada vez mais subsidiado por governos e fundações filantrópicas (BOOKMAN, 2006, p.29)

Para muitos, trabalhar em uma estação de Ski é uma "diversão" por si só. As fronteiras entre trabalho e diversão não podem ser vistas, nesta perspectiva, como bem definidas, mas sim como porosas, pois se confundem (URRY, 1990; BARANOWSKI & FURLOUGH, 2001). Na experiência de trabalhar em um resort de Ski, por exemplo, os intercambistas SWT não estão apenas produzindo um produto (oferecendo serviço, no caso), mas estão, também, "consumindo este mesmo produto". (BARANOWSKI & FURLOUGH, 2001) Mesmo

aqueles trabalhando nos serviços mais difíceis, de limpeza ou cozinha, relataram a alegria de se estar em local tão lindo quanto uma estação de Ski e em contato com turistas tão divertidos.

#### ***3.2.4.4 Distinção entre participantes de "novas mobilidades" e outros colegas de trabalho***

Nesta pesquisa, buscou-se compreender a relação estabelecida entre os intercambistas SWT e outros colegas de trabalho "não-SWT", sobretudo outros imigrantes. Procurou-se saber, pelas entrevistas, se havia uma distinção de tratamento por parte do empregador e como os diferentes indivíduos tinham experiências distintas.

Bianchi (2000) aponta, em sua pesquisa, que o tratamento dado pelos empregadores aos "migrant tourist-workers" era melhor (maior cortesia, melhores salários, melhores condições de trabalho) se comparado com o tratamento pessoal e laboral dado ao seus colegas de trabalho considerados "não europeus" (albaneses imigrantes temporários ou residentes em condições de "precariedade sócio-econômica").

Christine Chin (2008) analisa a mobilidade geográfica dos trabalhadores de navios cruzeiros (tipo de indústria com mercado de trabalho mais internacionalizado do mundo, segundo a autora) e apresenta os resultados de estudo de caso sobre mulheres trabalhando em um cruzeiro. Destas, 32% eram oriundas da América do Norte ou Europa Ocidental e tinham decidido trabalhar nos navios cruzeiro para "ver o mundo", ao passo que os 69% de mulheres trabalhando oriundas de países em desenvolvimento escolhiam trabalhar nos cruzeiros para ganhar salários que lhes permitissem cuidar de suas famílias. Assim o primeiro grupo, de "migrantes turistas-trabalhadoras" podem 'querer' fazer isso como uma forma de ver o mundo e explorar lugares internacionais, enquanto aquelas do Sul Global ("países em desenvolvimento") 'precisam' fazer o mesmo por necessidade econômica. Como aponta Bianchi (2000), contudo, os "migrantes turistas-trabalhadores" também estão começando a vir de países em desenvolvimento, tendo como principal motivação poder visitar locais internacionais e ao mesmo tempo poder ser remuneradas mensalmente.

Em nossa pesquisa sobre SWT se procurou identificar esta diferença de tratamento dado pelos empregadores. As entrevistas apontaram que, de um modo geral, o tratamento aos intercambistas

SWT era muito bom, e a relação entre os chefes e os outros trabalhadores imigrantes era diferenciada, menos acolhedora, talvez porque estes eram geralmente mais velhos. A relação entre os intercambistas SWT e os outros imigrantes era, na maior parte dos casos boa. As exceções relatadas, em alguns casos, se referem à certa retaliação por parte de imigrantes latinos permanentes os quais insultaram, em dois casos (Paulo e Silvia), os intercambistas SWT por sua condição socioeconômica privilegiada.

*Existia uma certa rixa entre nós de intercâmbio e o pessoal hispano [não-SWT]. Era meio segregado. Eles tinham uma certa raiva disso da gente estar lá por 'diversão', de que a gente era 'filhinho de mamãe', 'playboyzinho'... claro que não era essa palavra em Espanhol que eles usavam, né. Mas daí o que acontecia era só eles jogarem trabalho a mais para gente. Era do tipo 'ah veio pra cá querendo trabalhar? Então vai lá e varre aquele chão lá!' (Paulo)*

*"Os chefes paparicavam a gente por que nós éramos bonitinhas, até gerava inveja em quem não era de SWT." (Valéria)*

### **3.2.4.5. A mobilidade incentivada como status e acúmulo de "capital cultural"**

Diversos autores descrevem um incentivo generalizado à mobilidade internacional entre jovens na atualidade. Este incentivo está atrelado a uma lógica de status em torno da capacidade de mobilidade (como também apontado por BAUMAN, 1999) e como pressuposto para garantia de um futuro profissional mais promissor (WILLIAMS & HALL, 2002).

Turismo e mobilidade em geral se tornaram uma grande parte do estilo de vida "burguês" em países desenvolvidos. Cada vez mais, nas sociedades ocidentais, se assume que uma pessoa moderna é mais propensa a viajar pois ela tem "horizontes mais expandidos". Estes novos sujeitos globais são atores das mudanças globais, tanto quanto são resultado da globalização (BOOKMAN, 2006).

O "Gap Year" se torna uma parte integral dos seus Currículos Vitae. Escolas e universidade dão suporte a expedições culturais e programas de intercâmbio no exterior. Quanto mais cedo uma criança aprender uma língua estrangeira e diferentes formas de se comportar, melhor será o aprendizado de habilidades sociais que podem se tornar uma vantagem mais tarde na vida profissional. Assim quanto mais educado, informado, rico e parecido com um ocidental for um indivíduo, mais ele ou ela será considerado um turista ao invés de um migrante. Turistas com um estilo de vida "burguês", cada vez mais buscam se distanciar e diferenciar a si mesmos do turismo de massa (WILLIAMS & HALL, 20002).

Os ganhos de "capital humano"<sup>72</sup>, neste sentido, incluiriam:

proficiência em língua estrangeira, criação de laços com estrangeiros, ter morado ou trabalhado em um país estrangeiro, conhecimento cultural específico, conhecimento das práticas e costumes em um ambiente de negócios estrangeiros, e um aprendizado profundo sobre um país estrangeiro (HALL & WILLIAMS, 2002).

Bookman (2006), de uma forma talvez excessivamente economicista, aponta que o turismo inclui segmentos que poderiam facilmente entrar na categoria de migração temporária pois têm, em primeiro lugar, interesses de mobilidade sócio-econômica. Estudantes e viajantes a trabalho, por exemplo, equacionam o preço de sua mobilidade com os benefícios econômicos esperados, nomeadamente um emprego melhor.

Andrew Jones (2004) aponta que uma experiência de "Gap Year" pode ser considerada "uma chave para o sucesso profissional", ao passo que empregadores consideram as características adquiridas em uma experiência internacional como benéficas pois os diferencia este jovem de outros graduados.

Segundo Urry (1990), ao passo que, para alguns, trabalhar representa um mal necessário, para outros é um esforço visto como algo que acrescenta ao "capital cultural" (termo criticável) pessoal e nível de

---

<sup>72</sup> Reproduzi o termo "capital humano" (cunhado por Bourdieu), sem fazer a devida crítica, mas ele indica um sentido e representa bem a forma como os discursos globalizantes entendem o intercâmbio cultural e a internacionalização de uma pessoa em uma ótica capitalista na qual falar uma língua estrangeira pode ser revertido em mais capital para quem detém esta habilidade adquirida.

empregabilidade. Acrescenta, também, para as narrativas pessoais que eles constroem através das suas experiências de trabalho e viagem, entretendo amigos e familiares com histórias relacionadas ao trabalho e, mais tarde, utilizando as mesmas histórias de forma adaptada para construir um perfil profissional.

No intercâmbio SWT estes elementos se expressam de algumas formas:

a) Os entrevistados mencionaram a questão do aprendizado de Inglês como algo muito necessário para o seu futuro e todos apontaram que melhoraram seu nível de proficiência durante sua experiência, mesmo convivendo com brasileiros.

Os entrevistados que já falavam bem Inglês conseguiram, durante o SWT, posições de trabalho melhores (as que envolvem contato direto com falantes nativos e gorjetas: Hostess, Garçonete). Gabriel já havia morado um ano nos EUA, realizando intercâmbio de ensino médio, e mesmo assim teve de desenvolver seu Inglês para coordenar uma pequena equipe de 4 pessoas na operação de um teleférico em estação de Ski. Experiência que ele relata como transformadora, dado o grau de responsabilidade depositado nele, com apenas 22 anos e pouco domínio do vocabulário específico e da função, a qual envolvia a manutenção de vários equipamentos.

b) Nenhum dos entrevistados apontou que suas funções de trabalho estavam diretamente ligadas as suas pretensões profissionais futuras. Mas vários comentaram o fato de que ter se tornado mais *Independentes*, mais extrovertidos e mais tolerantes, em uma ambiente internacional, é uma experiência sem preços.

c) Dentre as motivações para participar do programa, todos apontaram o interesse em realizar intercâmbio. Quatro deles já haviam realizado e se interessaram por poder realizar outro intercâmbio e gastar "pouco". Os outros declararam que "ainda não tinham feito intercâmbio", apontando, assim, para o contexto descrito de incentivo generalizado a mobilidade.

d) "De Dish Washer à Diplomata", seria um bom título para um livro sobre experiências de intercâmbio SWT. O entrevistado Paulo relata que sonha em prestar concurso para o Instituto Rio Branco e por isso buscou ter uma experiência internacional. O Intercâmbio SWT

surgiu como chance, então, ter experiência internacional de uma forma que não lhe custasse muito, tanto em tempo quanto dinheiro. Ele tem, agora, planos de fazer mestrado nos EUA. Temos assim, a experiência de trabalho mal remunerado nos EUA convertida em mecanismo de possível mobilidade social, como exemplificado por Bookman (2006).

#### ***3.2.4.5 Exploração, pelo mercado, da demanda por experiências de novas mobilidades***

Os governos, tendo notado estas tendências, começaram a recrutar ativamente jovens trabalhadores como migrantes trabalhadores, sendo a Austrália e o Canadá exemplos conhecidos entre os Brasileiros (HALL & PAGE, 2002). A Austrália, por exemplo, criou programa de trabalho temporário para jovens viajantes (com idades entre 18 e 30) chamado "Working Holiday" que objetiva permitir o trabalho temporário como forma do jovem financiar visita ao país:

This visa allows you to supplement the cost of your holiday through short-term employment. However, if your primary reason for travelling to Australia is to participate in the work force, you should consider a visa designed for that purpose. (D.I.C., 2011)

O Canadá tem programa também chamado "Working Holiday" com objetivos semelhantes aos da Austrália, focando em pessoas de 18 a 35 anos de idade:

Make your dream of travelling and working abroad a reality! International Experience Canada gives you the information and resources you need to travel and work in Canada for up to one year. (INTERNATIONAL EXPERIENCE CANADA, 2011)

Para participar de ambos estes programas os jovens interessados seguem caminhos semelhantes ao do programa *Summer Work Travel*, ou seja, tem de procurar uma agência especializada autorizada pelo governo a promover este intercâmbio, auxiliando na burocracia.

### 3.2.4.6 O Intercâmbio SWT como "Experiência Fast Food"

*Eu sempre quis fazer intercâmbio e a opção do Work Experience me pareceu uma experiência mais 'fast food'. É rápido e barato, dura só 3 meses, não atrapalha a universidade, não tem muito o que dar errado. E agora que já viajei e morei fora isso me ajudou a saber o que quero para o futuro, penso em fazer um mestrado no exterior até. (Paulo)*

Como coloca Bauman (1999), nossa sociedade sucede a sociedade moderna (ou sociedade dos produtores). Vivemos na sociedade do consumo, formada por membros aos quais é ditado como devem desempenhar o papel de consumidor. Sendo esta sociedade marcada pela velocidade, quanto mais instantâneo for este consumo melhor. E isto em um duplo sentido: o consumo (ou a satisfação do consumidor) deve ser acessível de forma rápida e a duração do consumo deve se encerrar de forma igualmente breve, sendo o tempo reduzido ao mínimo possível.

Vemos assim que o termo "*fast food*" apontado pelo intercambista Paulo seria uma boa descrição da forma como o intercâmbio é vendido, vendido de forma rápida (pode-se chegar ao emprego nos EUA dois meses depois de procurar a agência) e tem duração rápida (não pode passar de 4 meses).

Já que o bom consumidor adora o novo, é um aventureiro amante da diversão, quanto mais sedutora e menos familiar for a promessa em questão, melhor. Seu interesse acaba assim que alcança o que procurava. Ele não é atormentado pela satisfação das necessidades, mas sim pelos desejos ainda não percebidos (BAUMAN, 1999). Neste sentido, vemos que o intercâmbio SWT se insere em um contexto consumista de acúmulo de consumo de experiências. O que causava estranheza ao ouvir que relatos de "Esta foi a melhor experiência da minha vida" (Bárbara) eram seguidos de "*Eu não faria de novo pois já deu o que tinha que dar*" (Bárbara)

O intercambista SWT não tem o poder de consumo e nem a liberdade de mobilidade de um "Turista", tal qual descrito por Bauman, mas através do intercâmbio SWT ele chega mais próximo deste ideal

desejado, bem como se afasta da condição de "Vagabundo" (BAUMAN, 1999).

### ***3.2.4.7 As novas mobilidades e a implicação sobre os lugares***

Os lugares que se conectam através destas novas formas de mobilidade<sup>73</sup> não são, obviamente, escolhidos ao acaso, mas são aqueles lugares com características particulares sejam estas climáticas (ex: poder ver a neve pela primeira vez nos EUA), culturais (ex: festas em Las Vegas ou Nova Iorque), econômicos (ex: com empregos que permitiram o entrevistado Joel, por exemplo, acumular 10 mil dólares em uma temporada), ou baseado em atividades (ex: estações de Ski nos EUA).

Em todos estes exemplos, as diferenças de lugar definem ambas as origens e os fluxos da mobilidade. Além disso, os lugares podem se promover no mercado global com base nestas novas formas de mobilidade. A mobilidade pode, assim, receber uma marca, ser promovida e virar uma commodity (HALL & WILLIAMS, 2002).

Como exemplo, podemos citar o Canadá, país com 1/10 da população dos EUA e com mesma língua, mas que, através de grande investimento neste filão de mercado, atrai basicamente o mesmo número de intercambistas que, também, trabalham (os estudantes cursando cursos no exterior, geralmente de língua estrangeira, e trabalhando temporariamente no mesmo local) através de programas específicos, assim como o SWT nos EUA.

As consequências destas novas formas de mobilidade estendem-se além dos indivíduos em questão. Há consequências diretas observadas pelo agente imobiliário que aluga um apartamento, para o resort que prefere contratar intercambistas SWT de Florianópolis por somarem características específicas e que se destacam no serviço durante uma temporada.

As implicações destas novas mobilidades, direta ou indiretamente, tocam boa parte das pessoas nas comunidades de origem ou destino: de um lado as consequências incluem ganhos ou perdas no suprimento de mão de obra, inovação e redes de contato ao passo que, por outro lado, elas incluem mudanças de custo de moradia, serviços e na imagem cultural dos lugares (HALL & PAGE, 2002).

---

<sup>73</sup> Ver Figura 1, para uma visualização das conexões entre Florianópolis e EUA a partir do SWT.



*"Cara, nós éramos como clientes para outros clientes!"* (Paulo)

Em um momento de “tomada de consciência” (CARDOSO, 1986), o participante Paulo comenta como o intercâmbio SWT é ótimo para os empregadores e para o país em si. Ele comenta que os intercambistas SWT eram os que mais trabalhavam dentre todos os trabalhadores (pois faziam mais horas extra) e, por outro lado, investiam todo seu dinheiro nos EUA. Paulo chega a comentar que três dos seus colegas receberam visita das famílias, movimentando o turismo local.

#### **a) O consumo dos participantes de SWT nos lugares de destino**

As implicações para o comércio da cidade ou em cidades visitadas pode ser vista através de uma lista de compras do que alguns deles declararam ter comprado (esta pergunta tentava identificar os hábitos consumistas atrelados a esta mobilidade).

Pergunta 16: O que você comprou nos EUA com o dinheiro que ganhou?

Intercambista 2: "Eu comprava aquela coisa básica de "work experience", comprava Laptop<sup>74</sup>, iPod<sup>75</sup>, um cremezinho da *Victoria's Secret*<sup>76</sup> e só."

Intercambista 3: Câmera digital, Videogame *Playstation*.

Intercambista 4: Laptop, iPod, mala cheia de tênis e roupas, "comprei muita coisa – assim como na outras vezes que voltei".

Intercambista 6: Laptop, câmera digital, modem de internet, tela de computador, roupas, tênis, telefone sem fio.

Intercambista 7: “Não comprei nada caro mas meu pai me deu um Laptop. “

Intercambista 11: Laptop, iPod

Intercambista 13: Laptop, 2 iPods.

Intercambista 14: Laptop, iPod.

Intercambista 15: “Compramos carro usado de um cara que sempre faz isso de revender pra SWT ao longo do ano, e isso deu

<sup>74</sup> Computador portátil, geralmente custando entre 600 e 900 dólares.

<sup>75</sup> Tocador portátil de arquivos de música e vídeo da marca Apple, custando entre 100 e 200 dólares.

<sup>76</sup> Marca de produtos femininos com preços muito mais altos no Brasil do que nos EUA.

bastante custo. (...) Comprei, também, um videogame, e outras coisas não grandes de 300 dólares.”

Intercambista 16: Comprou carro usado com amigos, chegaram a abandonar o carro após este estragar e pagaram multa por isso. Comprou iPod.

### **b) Os intercâmbios SWT e o lugar de origem**

Em Florianópolis a popularização dos intercâmbios SWT passou a fazer parte da cultura local (pelo menos da parte da sociedade que se relaciona diretamente com universitários), segundo os entrevistados "virou moda fazer o Work Experience". Com o grande número de Retornados na cidade, seria interessante buscar compreender de que forma influenciaram seu lugar de origem. Não se pode apontar uma influência direta, mas o mercado de intercâmbios na cidade nos últimos 14 anos cresceu em proporções muito mais rápidas, segundo entrevistas, do que o crescimento populacional.

### **c) A escolha dos lugares de destino: seletividade espacial em perspectiva reticular**

Defendo que a motivação por uma ou outra cidade pode ser compreendida a partir de uma perspectiva reticular, na qual a inserção dos intercambistas em redes sociais específicas tem papel crucial na tomada de decisão quanto ao destino. A partir da análise da rede SWT em Florianópolis (Capítulo 2) aponto aqui algumas interpretações de como se dá esta escolha:

**c.1) Retornados:** os Retornados têm papel importante na escolha de duas formas: ele próprio pode retornar a cidade onde trabalhou anteriormente por já ter lá estabelecido rede de contatos; o retornado pode conseguir emprego para um novo intercambista por ter contato prévio e assim definindo destino deste; mais comumente o retornado influencia a escolha através de seu relato de uma boa experiência na cidade ou com empregador, um intercambista ou pequeno grupo de intercambistas pode decidir ir aquele local específico por conta da expectativa criada, mesmo sem emprego garantido;

Na emigração de brasileiros para os EUA os relatos dos retornados motivaram um fluxo, com o crescimento deste fluxo se estabelecem redes nos destinos que motivam a vinda de outros imigrantes para uma cidade específica e não outra. Desta forma o estado de Massachussets nos EUA (em especial algumas cidades pequenas,

como Lowell) se tornou nos anos 1980 e 1990 o principal destino de brasileiros de Minas Gerais e sul de Santa Catarina nos EUA (MARTES, 2000; ASSIS, 2004).

**c.2) Agências e Sponsors:** as Agências têm um número limitado de vagas (destinos específicos) para oferecer e elas são distribuídas através da feira de contratação ou de um pacote de vagas (recebido do *Sponsor* pelas Agências e então revendido aos intercambistas). Assim como no caso dos descendentes de japoneses brasileiros que chegam ao Japão com empregos conseguidos através de agências (SASAKI, 1999), os destinos destes migrantes estão, assim, condicionados aos laços estabelecidos pelas agências e as vagas de emprego disponíveis.

**c.3) O intercambista** poderia ainda, conseguir emprego por conta própria sem nenhum contato prévio, apesar de nenhum dos entrevistados ter seguido este caminho. Até 2010 se podia chegar aos EUA sem emprego pelo programa SWT. Desta forma o relato de um participante, o qual escolheu tentar a sorte na cidade de Nova Iorque (DALL'AGNOL, 2009), mostra a dificuldade de se conseguir emprego sem o apoio de uma rede social. O intercambista falava Inglês e teve dificuldades em achar uma vaga de emprego pois não tinha o documento Social Security (o qual geralmente se obtém com ajuda do empregador) e por conta disto não conseguia entrevistas. Sua sorte só mudou ao mentir um número de documento, e esta dica ele recebeu de outra intercambista.

A seletividade espacial dos intercambistas SWT pode, assim, ser explicada, também, com o apoio da noção de pertencimento a uma rede social.

### **3.2.5 O participante do Programa *Summer Work Travel* como "intercambista trabalhador"**

Fica evidenciada pelos diversos relatos acima, de várias leituras sobre novas mobilidades incluindo a do intercâmbio SWT, a emergência de pensarmos novas categorias que incorporem as diferentes dimensões de certas novas formas de mobilidade.

Vemos que as motivações dos participantes do SWT são tão diversas quanto as categorias que poderiam ser empregadas para descrevê-los.

O lado "migrante de trabalho temporário" atende aos anseios de agentes hegemônicos, em uma perspectiva neoliberal, em diferentes escalas, e esta mobilidade só é possível, neste perfil específico na qual se ocorre, por atender a anseios de acumulação de capital. O trabalho é percebido pelos participantes como

O lado "turista" está demonstrado pelos padrões de investimento em viagens para pontos turísticos, o aspecto "viajante" se demonstra pela valorização das formas baratas de viagem (com carros alugados, hospedagem improvisada).

O lado "jovem" dos participantes os atrai para o SWT como chance de experimentarem a liberdade longe dos pais, e viverem, muitos pela primeira vez, a aventura de terem "que se virar".

O lado "intercambista" dos participantes os torna interessados no aprendizado da língua e de um aprendizado cultural internacional em sentido bastante amplo, o qual aceita a experiência de trabalho, de consumo, e de amadurecimento como elementos muito caros para o futuro, dada a valorização social e profissional desta envergadura intercultural. Os pais valorizam esta experiência, sobretudo, neste sentido de aprendizado, e investem em seus filhos como estratégia de manutenção de sua condição sócio-econômica.

Temos assim, jovens que só realizam o sonho de serem intercambistas, viajantes e turistas tornando-se trabalhadores migrantes. A experiência de se tornar trabalhador migrante (trabalhando em troca de baixos salários longe de seu país e família), também, serve de momento de aprendizado, tanto profissional quanto pessoal. Pensando o aproveitamento cultural como típico de uma experiência de intercâmbio e o trabalho como elemento central desta experiência (por ser pré-requisito, por possibilitar deslocamento financeiramente, e por ser fonte de boa parte da experiência cultural), chega-se a nomeação de "intercambista trabalhador" para descrever esta nova mobilidade específica, ainda muito pouco estudada.

O SWT como tipo de mobilidade adaptada à agenda neoliberal, é protótipo de mobilidade profundamente condicionada às leis e interesses de uma agenda da globalização neoliberal. Mesmo o intercâmbio cultural que ocorre de fato, agrega para uma disseminação da cultura norte-americana e estabelecimento de laços entre os EUA e países de

todo mundo, incentivando maior consumo e maior fluidez de produtos e investimentos.

### 3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAPÍTULO 3

Apontou-se no Capítulo 3, como as dinâmicas da mobilidade espacial no atual contexto apontam para a relevância das relações de poder em torno dos processos de fluidez. Esta fluidez dependendo, cada vez mais, do estabelecimento de novas estratégias em rede, que se complexificam e dinamizam em um contexto de Globalização. A análise da atuação de “mecanismos intermediários” (ex: as agências de intercâmbio) a partir da perspectiva das redes sociais permite visualizarmos este processo de forma mais clara, identificando e qualificando os laços estabelecidos e quais interesses ou estratégias representam.

A diferenciação dos direitos à mobilidade contrasta com um discurso hegemônico sobre a Globalização como espaço de fluxos. Este discurso descreve uma intensificação nos fluxos populacionais e uma multiplicação de novas formas de mobilidade (ex: intercâmbios SWT) na mesma medida em que incentiva a intensificação destes fenômenos. A mobilidade espacial internacional se torna cada vez mais desejada e o direito de acesso à mesma passa a ser uma das formas mais claras de diferenciação social.

Neste contexto, os intercâmbios SWT se popularizam ao redor do mundo, em especial em Florianópolis, por diversas razões, atendendo a interesses diversos. Ele atende a interesses hegemônicos dos que regulam e lucram com esta mobilidade e por isto é incentivado e facilitado no seu molde específico, isto é, na qual o participante tem uma mobilidade condicionada (e uma liberdade tutelada) pela rede. Na perspectiva do participante, as motivações são múltiplas e se combinam, possibilitando uma análise que faz interagir diferentes categorias (ex: turismo e migração). Esta análise permite sugerir uma nova forma de mobilidade, a do “intercambista trabalhador”. Este novo sujeito migra temporariamente a trabalho para realizar seu sonho de viajar, consumir experiências de turismo e produtos valorizados em um contexto de difusão da cultura norte-americana. A oportunidade de trabalhar possibilita financeiramente o acesso à mobilidade internacional, mas também é visto como atrativo. O “intercambista trabalhador” trabalha

longas horas por salários mais baixos que trabalhadores regulares, mas a “internacionalização” adquirida com esta experiência lhe permite desenvolver um perfil cada vez mais valorizado no convívio social e no mercado de trabalho.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a participação de jovens de Florianópolis no intercâmbio de trabalho *Summer Work Travel*, realizando uma análise da rede que a possibilita para melhor compreender as novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional.

Empregou-se para tal, a Análise de Rede Sociais, na qual o foco está nos vínculos estabelecidos entre atores, para analisar esta rede. Esta rede conecta as redes sociais dos participantes (Amigos e Familiares, bem como os Retornados que eles conheçam) à rede estabelecida pelos que gerem o programa, chamada por Kammer (2011) de "indústria do SWT" (Agências, *Sponsors*, Consulados, Departamento de Estado dos EUA), formando, assim, o que chamamos de "rede dos intercâmbios SWT".

Foi empregado o Modelo de Grafos para a criação de um "modelo estrutural", o qual possibilitou ilustrar uma interpretação do funcionamento desta rede enquanto sistema. Neste sistema, motivado por sua rede social o Intercambista chega a Agência de Intercâmbio, e somente através dela consegue participar deste deslocamento. O papel das Agências de Intercâmbio e das Organizações *Sponsor* como "mecanismos intermediários" importantes desta mobilidade é evidenciado pelo seu maior grau de "centralidade da intermediação". No caso dos intercâmbios SWT o processo de intermediação das Agências é fundamental e assim inclui várias "tarifas de serviços", o que gera uma rede comercial complexa, a qual se ampliou paulatinamente e consolidou esquemas complexos e dinâmicos, em diferentes escalas, para motivar e garantir este fluxo de participantes.

Em Florianópolis, segundo estimativa das agências, a partir das entrevistas, cerca de 10 mil participantes já foram aos EUA através desta rede. A "história" da rede do SWT na cidade pode ser dividida em três fases: Início e Popularização (1998-2003), Crescimento Acelerado (2004-2008) e Crise e Reestruturação (2009-2012). Os números de participantes têm se mantido alto, mas o futuro deste fluxo depende da regulação e normatização desta mobilidade por parte do Departamento de Estado dos EUA.

Apontou-se no Capítulo 3 como as dinâmicas da mobilidade no atual contexto apontam para a relevância das relações de poder em torno dos processos de fluidez. Esta fluidez dependendo, cada vez mais, do

estabelecimento de novas estratégias em rede, que se complexificam e dinamizam em um contexto de Globalização.

O intercâmbio SWT se insere em um contexto de disseminação de uma imaginação geográfica da globalização (MASSEY, 2007) que incentiva a mobilidade na mesma medida que a torna cada vez mais cerceada. Ele é fruto deste discurso na mesma medida que o fortalece, pois motiva jovens a buscar a mobilidade internacional por entenderem esta como forma fundamental de ter um desenvolvimento profissional e pessoal, em um contexto de status em torno do poder de mobilidade. Eles fortalecem o discurso de globalização como espaço de fluxos ao compartilhar suas experiências e incentivar outros, a maior parte dos quais será frustrada por não conseguir ter o mesmo direito.

Por conta de uma imaginação geográfica que prega a intensificação da mobilidade humana, a mesma passa a ser cada vez mais desejada, ao mesmo passo que a mesma se torna mais elitizada. Temos jovens que só realizam o sonho de serem intercambistas, viajantes e turistas tornando-se trabalhadores migrantes. A experiência de se tornar trabalhador migrante (trabalhando em troca de baixos salários longe de seu país e família), serve, também, de momento de aprendizado, tanto profissional quanto pessoal. Pensando o aproveitamento cultural como típico de uma experiência de intercâmbio e o trabalho como elemento central desta experiência (por ser pré-requisito, por possibilitar deslocamento financeiramente, e por ser fonte de boa parte da experiência cultural), chega-se ao conceito de "intercambista trabalhador", para descrever esta nova mobilidade específica, ainda pouco estudada.

Como coloca Milton Santos, os fluxos pressupõem redes e, na Globalização, estes fluxos e redes se multiplicam e se diversificam na mesma medida que as redes se complexificam pelo aumento da regulação e pelo número de atores necessariamente envolvidos. A multiplicidade dos fluxos leva ao surgimento de novas formas de mobilidades. O fenômeno das novas mobilidades não é assim algo novo, mas é difícil imaginar no passado redes tão complexas e com um grau de controle tão grande sobre o fluxo estabelecido de pessoas. Nos intercâmbios SWT o sistema on-line SEVIS permite o controle em tempo real de quais intercambistas estão no país e qual sua situação legal.

As motivações destes intercambistas são muitas e desafiam categorias limitadas como as de intercambista, turista, migrante trabalhador. Os interesses são pelo lugar, pela experiência, por um rito



de passagem, pelo poder de consumo proporcionado pelo emprego e o acesso a produtos e lugares de turismo. O trabalho, assim como em várias outras novas formas de "mobilidade jovem", serve para financiar a experiência de turismo e intercâmbio. O trabalho serve, também, de momento de aprendizado em um sentido amplo, que incluem valorização profissional e amadurecimento, o que é equacionado pelos pais os quais, como a análise da rede aponta, são igualmente fundamentais. A seletividade espacial se dá, também, pela dinâmica da rede, a qual motiva a mobilidade em determinadas direções, apontando o papel das agências de intercâmbio e a presença maciça dos retornados. Intensificando os laços entre lugares de origem e destino.

O SWT como novo tipo de mobilidade, é protótipo de mobilidade profundamente condicionada às leis e interesses de uma "imaginação geográfica" da globalização atrelada a interesses hegemônicos. Mesmo o intercâmbio cultural que ocorre de fato, agrega, também, para uma disseminação da cultura norte-americana e estabelecimento de laços entre os EUA e países de todo mundo, incentivando maior consumo e maior fluidez de produtos e investimentos.

Os fenômenos e interesses econômicos, contudo, não dão conta de explicar, por si só, as novas dinâmicas da mobilidade espacial. A análise da rede social que a possibilita foi fundamental por apontar os interesses atendidos e a forma como as fronteiras internacionais são abertas e fechadas a partir da dinâmica dos vínculos estabelecidos possibilitando e condicionando o fluxo dos intercambistas SWT. Vínculos, ou relações de poder, que, não raramente, são determinados por outras características que não o aporte econômico de um ou outro ator (MARQUES, 2000),

Esta análise não busca encerrar o tema dos intercâmbios SWT, mas, pelo contrário, apontar para os vários temas os quais ele suscita. Além disso, apontou-se para a relevância de uma análise da mobilidade espacial em uma perspectiva reticular. Avança-se, desta forma, em meio a um contexto no qual as pesquisas acadêmicas teimam em reproduzir análises economicistas da mobilidade, mesmo quando defendendo a importância dos elementos socioculturais. Como mostra esta pesquisa, o esforço de análise da mobilidade em uma perspectiva relacional, caracterizando vínculos entre atores, através da Análise de Redes Sociais, realça as relações de poder e aponta para uma hierarquização das mesmas. Se na primeira representação desta rede (no Capítulo 2) se aponta para a centralidade do Departamento de Estado dos EUA como figura que normatiza este fluxo, vemos pela segunda representação (com

a proposta de um modelo estrutural) o papel fundamental do setor privado em articular, motivar e permitir este fluxo na prática. A diferenciação de acesso à mobilidade, assim, pode ser empiricizada e desvelada em seus diferentes aspectos.

Esta pesquisa foi marcada por uma abordagem interdisciplinar e as opções pelos métodos de análise não foram tarefa simples. Mais do que encerrar a discussão sobre o programa Summer Work Travel e suas várias significações em um contexto instigante de novas dinâmicas da mobilidade espacial internacional, buscou-se aqui iniciar diálogos e apontar para possibilidades de análise a serem ampliadas e aprofundadas neste campo, que trata de um fenômeno ainda novo e pouco debatido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.81, p.53-60, maio 1992.

ASSIS, G. de O . Estar aqui...estar lá...uma cartografia da vida entre dois lugares. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Antropologia Social UFSC, Florianópolis, 1995.

ASSIS, G. O. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2004.

ASSIS, G. de O. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. 348 p.

BALANCIERI, Renato. Um método baseado em ontologias para explicitação de conhecimento derivado da análise de redes sociais de um domínio de aplicação. Tese de Doutorado. EGC/UFSC. 2010.

BALÁZ, Vladimír & WILLIAMS, Allan M. ““Been there, done that”: international student migration and human capital transfers from the UK to Slovakia.” DOI: 10.1002/psp.316. 2004. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/psp.316/abstract> Acesso em: 20-mar-2012

BARANOWSKI, Shelly & FURLOUGH, Ellen. (orgs.) "Being Elsewhere: Tourism, Consumer Culture, and Identity in Modern Europe and North America, University of Michigan, 1-31. 2001.

BARATA, Francesc. Inmigración y criminalización en los medios de comunicación. In *Flujos migratorios y su (des)control : puntos de vista pluridisciplinarios* / coord. por Roberto Bergalli, 2006, ISBN 84-7658-791-0 , pags. 261-294

BARRETTO, Margarida. "Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica" Vol. 7. Nº1 pgs 1-11. 2009. Disponível em: [http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109\\_1.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/7109/PS0109_1.pdf) Acesso em: 20-mar-2012

BARROS, Rodrigo de. & RESENDE, Luis Mauricio. "Base para um Planejamento Estratégico de uma Agência de Viagem na cidade de Ponta Grossa – Pr – Brasil" Congresso Internacional de Administração - Gestão Estratégica em Tempo de Mudanças. Ponta Grossa - PR. 2009. Disponível em: <http://www.pg.utfpr.edu.br/ppgep/Ebook/E-book%202009/CONGRESSOS/Internacionais/2009%20-%20ADM/20.doc> Acesso em: 20-mar-2012

BAUER, Martin W.; GASKELL, George e ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto e som. Um manual prático. 2ª. ed. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 17-36.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1999

BELKHODJA, Chedly. "Introduction". Metropolis Canadian Diversity. Volume 8:5 - Hiver - March 2011.

BELTA. "Educação Internacional no Brasil". Brazilian Educational & Language Travel Association. Disponível em: <http://www.belta.org.br/noticias/12/educacao+internacional+no+brasil> Acesso em: 20-mar-2012

BESSEY, Donata. "International Student Migration to Germany". 2007. Disponível em: [http://www.isu.uzh.ch/leadinghouse/WorkingPapers/0006\\_lhwpaper.pdf](http://www.isu.uzh.ch/leadinghouse/WorkingPapers/0006_lhwpaper.pdf) Acesso em: 20-mar-2012

BIANCHI, R. V. "Migrant tourist-workers: exploring the 'contact zones' of Postindustrial tourism", *Current Issues in Tourism*, vol. 3, n.º 2, Routledge, pp.107-137. (2000)

BIZHANOVA, Aliya. 'The "Work and Travel USA" program in Kazakhstan and its social effect'. Vanderbilt University. Disponível em: [people.vanderbilt.edu/~j.deboer/intlpapers/BIZHANOVA.pdf](http://people.vanderbilt.edu/~j.deboer/intlpapers/BIZHANOVA.pdf) Acesso em: 20-mar-2012

BLANCO, Cristina. *Las migraciones contemporáneas*. Madrid: Alianza Editorial. 2000.

BONI, Valdete & QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Acessado em: 12-jul-2010. Disponível em: < [http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf) > Acesso em: 20-mar-2012

BOOKMAN, Milica "Tourists, Migrants & Refugees: Population Movements in Third World Development". Lynne Rienner Publishers. (2006)

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G. e WILLIAMS, Joseph M. *A Arte da Pesquisa*. Tradução Henrique A. Rego Medeiros. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGATTI, S. et al. Ucinet for Windows: software for social network analysis and user's guide. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BORGES, Luigi Benedicto. "Dormir por turnos en 'camas calientes'" Reportagem do El Mundo. 28/02/2009. Disponível em: <http://medios.mugak.eu/noticias/noticia/191784> Acesso em: 20-mar-2012

BOROCZ, J. (Org.) "Leisure Migration: A Sociological Study on Tourism" (Guildford: Pergamon). 1996.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 2a edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRUGGEMAN, Jeroen. "Social Networks: an introduction." Roulledge. Perth. 2008.

BRUNO, Andorra. 2012. "Immigration of Temporary Lower-Skilled Workers: Current Policy and Related Issues" Congressional Research Service - Report for Congress. 20-mar-2012. Disponível em: < <http://www.hsdl.org/?view&did=704425> > Acesso em 11-jan-2012. Acesso em: 20-abril-2012

BUREAU OF CONSULAR AFFAIRS. U.S. Department of State. 2011. "Nonimmigrant Visa Statistics" Disponível em: [http://travel.state.gov/visa/statistics/nivstats/nivstats\\_4582.html](http://travel.state.gov/visa/statistics/nivstats/nivstats_4582.html)

BURGOS, Nadia Evelyn. Trajetórias migratórias e redes sociais: a mobilidade espacial de professores universitários argentinos para Florianópolis (SC). 2009. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. A aventura antropológica. Teoria e pesquisa. CARDOSO, R. (org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. PP. 95-105.

CASTLES, S. 'Migrações internacionais no limiar do século XXI: questões e tendências globais' in Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios, Lisboa: Fim de Século, pp.15-42. 2005.

CASTRO, Iná Elias de. O problemas da escala. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.DA C.; CORRÊA (Orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro :10ª. Ed. Bertrand Brasil, 1995.

CHALMERS, Alan F. O que é Ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1995.

CIS. "A Cavalier Attitude: The State Department's Legacy of SWT Failure". Center For Immigration Studies. Dez 2011. Disponível em: <http://www.cis.org/cheap-labor-as-cultural-exchange-4> Acesso em: 20-mar-2012

CLIFFORD, J. 1992 "Traveling cultures" In: L. Grossberg, C. Nelson & P. Treichler (Orgs.) "Cultural Studies". London: Routledge. 1992.

COE, N; JOHNS, J & WARD, K. 'Mapping the globalisation of the temporary staffing industry', The Globalisation of the Temporary Staffing Industry Working Paper Series: Working Paper 2, University of Manchester. 2006a.

COE, N; JOHNS, J & WARD, K. 'The role of temporary staffing agencies in facilitating labour mobility in Central Eastern Europe', Report for Vedior NV, University of Manchester. 2006b.

COGO, Denise. MÍDIA, INTERCULTURALIDADE E CIDADANIA - Sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

COHEN, Erik. 'Towards a Sociology of International Tourism', Social Research 38. p. 164–82. (1972)

CORREA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Primeira Parte, cap. 4. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. pp. 107-118.

CORREIA LIMA, Manolita; BETIOLI CONTEL, Fábio. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. Revista e-Curriculum, PUCSP – SP, Volume 3, número 2, junho de 2008

COSTA, Daniel. "Guestworker Diplomacy: J visas receive minimal oversight despite significant implications for the U.S. labor market." Economic Policy Institute - Briefing Paper #317. Washington, DC. 14 jul 2011.

DALL'AGNOL, Ana Carolina. "Estados Unidos – instruções de uso". Monografia de Curso de Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

DE SOCIO, Mark. "The Geopolitics of Boardwalk Americana: Exploring the J-1 Summer Work Travel Program in Ocean City,



Maryland" AAG Annual Meeting 2012. Disponível em:  
<http://meridian.aag.org/callforpapers/program/AbstractDetail.cfm?AbstractID=46255> Acesso em: 20-mar-2012

DIAS, Leila C. D. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E. de.; et al.; (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. pp. 141-162.

DIAS, Leila C. D. Os sentidos da rede. In: Leila Christina Dias; Rogério L. L. da Silveira. (Org.). Redes, sociedades e territórios. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, v. 1, p. 11-28.

D.I.C. "Working Holiday." Department of Immigration and Citizenship - Australian Government. 2011. Disponível em:  
<http://www.immi.gov.au/visitors/working-holiday/417/> Acesso em: 20-mar-2012

DREHER, Axel & POUTVAARA, Panu. "Student Flows and Migration: An Empirical Analysis." CESifo Working Paper Series No. 1490. 2005. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=731765> Acesso em: 20-mar-2012

DUNCAN, Tara; SCOTT, David; BAUM, T.G. "The mobilities of hospitality work: an exploration of issues and debates." In: Annals of Tourism Research, 2010.

EASLEY, David & KLEINBERG, Jon. "Networks, Crowds, and Markets: Reasoning about a Highly Connected World." Cambridge University Press, 2010.

EGALI, 2012. "Esclarecimentos - Saída mais cedo". 23-02-2012. Disponível em:

<http://egalifree.blogspot.com.br/2012/02/esclarecimentos-saida-mais-cedo.html> Acesso em: 20-mar-2012

ELSRUD, Torun. "Risk Creation in Traveling: Backpacker Adventure Narration". *Annals of Tourism Research*, 28(3), 597-617. 2001

FACC. French-American Chamber of Commerce. "2009 J-1 Visa & Immigration Update". 2009. Disponível em: <  
<http://www.faccnyc.org/facc-events/past-events-photo-gallery/photo-gallery-2009/2009-j-1-visa-immigration-update.html> > Acessado em: 11-ago-2010.

FAZITO, Dimitri. "A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade" XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

FAZITO, Dimitri ; RIOS NETO, Eduardo L.G. Emigração Internacional de Brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 2008.

FAZITO, Dimitri. "Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno"" *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.25 no.72 São Paulo Feb. 2010

FAZITO, Dimitri ; SOARES, Weber . Capital Social, Análise de Redes e os Mecanismos Intermediários do Sistema Migratório Brasil/EUA. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. (Org.). *Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Territorialidades Humanas e Redes Sociais*. Florianópolis: Insular, 2011.

FEATHERSTONE, Mike. *Global Culture: nationalism, globalization and modernity*. London: Sage.

FLICKINGER, Hans-Georg. Hans-Georg Gafamer – uma abordagem hermenêutica das ciências do planejamento. In: I. HELFER (Org). *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. p. 21-34.

GARTON, Laura; HAYTHORNTHWAITTE, Caroline; WELLMAN, Barry. Studying online social networks. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Bloomington, v.3, n.1, Jun. 1997. Disponível em: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/garton.html> Acesso em: 11 dez 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003. PP. 64-89.

GASPAR, Sofia e HARO, Fernando Ampudia de. “Reflexões e paradoxos sobre a identidade e a mobilidade europeias”, in *Revista Migrações*, Abril 2011, n.º 8, Lisboa: ACIDI, pp. 9-26.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: a network theory revisited. In: MARSDEN, Peter V.; LIN, Nan (Orgs.). *Social structure and network analysis*. Beverly Hills: Sage. Cap.5, p.105-130. 1982.

GUESTWORKER ALLIANCE. "Human Rights Delegation Report on Hersheys J-1 Workers" Ago/2011. Disponível em: <

[http://www.law.upenn.edu/blogs/news/archives/2011/09/report\\_hershey\\_jl\\_student\\_workers.html](http://www.law.upenn.edu/blogs/news/archives/2011/09/report_hershey_jl_student_workers.html) > Acessado: 11 jan 2012.

HAESBAERT, Rogério. "DA DESTERRITORIALIZAÇÃO À MULTITERRITORIALIDADE". In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005a – Universidade de São Paulo. Disponível em: < [http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert\\_multi.pdf](http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf) >. Acessado em: 2-ago-2010.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. 2005b.

HAESBAERT, Rogerio. "DA MULTITERRITORIALIDADE AOS NOVOS MUROS: paradoxos da des-territorialização contemporânea." Universidade Federal Fluminense. 2011a.

HAESBAERT, R. . O território e a nova des-territorialização do Estado. In: Dias, Leila Christina; Ferrari, Maristela. (Org.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Territorialidades Humanas e Redes Sociais. 1ed. Florianópolis: Insular, 2011b, v. , p. 19-37.

HALL, Michael C. & PAGE, Stephen J. "The Geography of Tourism and Recreation – Environment, Place and Space" New York: Routledge. 2002.

HALL, M. C. & WILLIAMS, A. M. "Tourism and migration: new relationships between production and consumption". ISBN 1402004540. Kluwer, Dordrecht, 2002.

HAMNER, Melany. "The Growing Relevance Of The J-1 Visa". 2009. Disponível em: <<http://www.ilw.com/articles/2009,0721-hamner.shtm>>. Acessado em: 10-ago-2010.

HANNAM, K. Tourism and development II: marketing destinations, experiences and crises, *Progress in Development Studies*, 4(3), pp. 256–263. 2004.

HANNAM, Kevin; SELLER, Mimi; & URRY, John. "Mobilities, Immobilities and Moorings" IN: *Mobilities*. Vol. 1, No. 1, 1-22. Routledge. Mar 2006.

HANNEMAN, Robert A. Introduction to social network methods. 2001. Disponível em:  
<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/SOC157/NETTEXT.PDF> Acesso em 12 dez 2011.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

ICE - Immigration and Customs Enforcement. "Student and Exchange Visitor Information System - General Summary Quarterly Report" Fevereiro/2007. Disponível em:  
[http://www.ice.gov/doclib/sevis/pdf/quarterly\\_report\\_dec06v4.pdf](http://www.ice.gov/doclib/sevis/pdf/quarterly_report_dec06v4.pdf)  
 Acesso em: 20-mar-2012

IE Intercambio. "Work Experience IE®". 2011. Disponível em:  
[http://novo.ieintercambio.com.br/index.php?id=/trabalho\\_no\\_exterior/work\\_experience/index.php](http://novo.ieintercambio.com.br/index.php?id=/trabalho_no_exterior/work_experience/index.php) Acesso em: 20-mar-2012

IGLICKA, K. & MLODAWSKA, A. "TRANSATLANTIC DIMENSION OF SEASONAL MIGRATIONS – EMPLOYMENT PROGRAMS AND VISAS AS INSTRUMENTS FOR STIMULATING CIRCULAR MIGRATIONS IN EUROPE AND IN THE USA." 2006. Disponível em: <  
[http://pdc.ceu.hu/archive/00004834/01/seasonal\\_migrations\\_-\\_transatlantic\\_dimension\\_gmfus.pdf](http://pdc.ceu.hu/archive/00004834/01/seasonal_migrations_-_transatlantic_dimension_gmfus.pdf)>. Acessado em: 10-ago-2010.

INTERCULTURAL. "Work Experience USA". 2011. Disponível em: <http://www.intercultural.com.br/?3,0,tema=btnVerde,work-experience-usa.html&gclid=CJuA8byKyKkCFQbt7Qod32qXTQ#m3> Acesso em: 20-mar-2012

IOM. "World Migration Report 2010 - The Future of Migration: Building Capacities for Change", International Organization for Migration, 2010. Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/Jahia/about-migration/facts-and-figures/lang/en> Acesso em: 20-mar-2012

JOBOFER, 2011. Website. Disponível em: < <http://www.jobofer.org/alaskajobs/> > Acesso em: 11 jan 2012.

JOHNSON, Kit, The Wonderful World of Disney Visas (April 1, 2011). Florida Law Review, Vol. 63, p. 915, 2011. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1839544> Acesso em: 20-mar-2012

JONES, Andrew. "Review of Gap Year Provision: Research Report 555". Nottingham: DfES Publications. 2004

KAMMER, Jerry. "Cheap Labor as Cultural Exchange: The \$100 Million Summer Work Travel Industry". CENTER FOR IMMIGRATION STUDIES. Dez 2011. Disponível em: < <http://cis.org/sites/default/files/SWT-Report.pdf> > Acesso em: 20-mar-2012

KAUFMANN, V. "Re-thinking Mobility. Contemporary Sociology" (Aldershot: Ashgate). 2002.

KING, Russell "Mass migration in Europe: the legacy and the future." London: Belhaven Press. 1993.

KING, Russel; FINDLAY, Allan & AHRENS, Jill. "International student mobility literature review" HEFCE & British Council, UK National Agency for Erasmus. Nov 2010.

KING, Russell & RUIZ-GELICES, Enric. "International student migration and the European 'Year Abroad': effects on European identity and subsequent migration behaviour" DOI: 10.1002/ijpg.280. 2003.

Disponível em:

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ijpg.280/abstract> Acesso em: 20-mar-2012

MARQUES, Eduardo Cesar. Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/São Paulo, Revan/FAPESP, 2000. 352 páginas.

MARQUES, E. C. ; BICIR, R. M. ; Pavez, T. R. ; Pantoja, I. ; ZOPPI, M. ; MOYA, E. . Redes pessoais e pobreza em São Paulo. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Org.). (Org.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2011, v. 1, p. 1-264.

MARQUES, Hugo & RABELO, Carina. "Intercâmbio escravo" In: Revista Istoé. EDIÇÃO 1953, 04/ABR/2007.

MARSDEN, Peter V.; CAMPBELL, Karen E. Measuring tie strength. Social Forces, New York, v.63, p.482-501, 1984.

MARTELETO, Maria Regina. "Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação." Ci. Inf., Brasília, v.30, n.1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTES, Ana Cristina B. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre os imigrantes em Massachussetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 204p.

MARTIN, Philip. Guest workers: past and present. In: *MIGRATION between Mexico and the United States: binational study*. Mexico City: Mexican Ministry of Foreign Affairs. v.3, p.877-895. 1998

MASON, Peter. "The Big OE - New Zealanders' Overseas Experience in Britain" IN: HALL, C. M. & WILLIAMS, A. M. "Tourism and migration: new relationships between production and consumption" ISBN 1 4020 0454 0. Kluwer, Dordrecht, 2002.

MASSEY, Doreen. 2008. *Pelo Espaço: por uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

MASSEY, Doreen. "Imaginando a globalização: Geometrias de poder de tempo-espaço". *Revista Discente Expressões Geográficas*. Florianópolis-SC, n. 03, p. 142-155, Maio de 2007

MATOS, Ralfo. . Territórios e redes: dimensões econômico-materiais e redes sociais especiais. In: Leila Christina Dias; Maristela Ferrari. (Org.). *Territorialidades Humanas e Redes Sociais*. Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Editora Insular, 2011, v. 1, p. 167-188.

MCCARRY, 2008. Palestra. Simpósio: "Strategic Initiatives for University Internationalization". George Washington University, Washington, DC. 23/Maio/2008. <http://www.jsps.go.jp/j-bilat/u-kokusen/seminar/pdf/h200522-sympo/p255-p>. Acesso em: 20-mar-2012

MELCHIOR, Lirian. Mobilidade de trabalhadores no fim do Século XX. Os Nikkei de Londrina/PR. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 6a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MRE. "Brasileiros no Mundo 2009." Ministério das Relações Exteriores - MRE. Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior - SGB. 2010. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/> Acesso em: 20-mar-2012

MUIR, D.; BROWER, C. & PATRICK, M. ABC News. "Made in America: Visa Process Slows Down Tourism". Out 2011. Disponível em: < <http://abcnews.go.com/US/made-america-visa-process-slown-tourism/story?id=14853459#.T8QYb8H9HmF> >. Acessado em: 11 jan 2012.

NASCIMENTO, José Antonio Sena do. SILVA, Jorge Kleber Teixeira Silva. "Amazônia : Uma Abordagem Geográfica da Dinâmica Populacional Recente." In: JUSTIÇA AMBIENTAL. Ano 2 - Nº 3, Abril de 2007. Disponível em: < [http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=70&cod\\_boletim=4&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=70&cod_boletim=4&tipo=Artigo) > Acessado em: 14-jul-2010

NOGUEIRA, Maria Alice ; AGUIAR, A. M. S. ; RAMOS, V. . Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. Educação & Sociedade (Impresso), v. 29, p. 355-376, 2008.

NOY, Chaim. "Israeli Backpackers - From Tourism to Rite of Passage" State University of New York Press. 2005.

NORTH, David. Fev/2011. "Mr. Obama: You Can Create 100,000 Jobs for Americans with a Pen Stroke." Center for Immigration Studies. Disponível em: <http://www.cis.org/north/summer-work-travel-program>  
Acesso em: 20-mar-2012

OBAMA, Barack. Discurso na Walt Disney World Resort, 19 Jan 2012. Disponível em:  
<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/viagensturismoevisto2.html>  
Acesso em: 20-mar-2012

OLIVEIRA, Paulo de S. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de S. (org.). Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP, 2001. p. 17-28.

PINTO, A. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. "A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO DAS RELAÇÕES DE PODER" IN: eGesta, v. 4, n. 1, p. 33-59. jan.-mar./2008.

POP, Daniel. "Guest-worker Programs and the Propensity to Emigrate: Evidence from the Work-and-travel USA program in Romania" Disponível em: <http://balkan-observatory.net/wp/2009%2008%20wiiw%20bo%20wp%20082.pdf>  
Acesso em: 20-mar-2012

PÓVOA NETO, Helion. A criminalização das migrações na nova ordem internacional. In: Helion Pova Netto; Ademir Pacelli Ferreira. (Org.). Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratorios (no prelo). 1 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005, v. , p. 297-309.

POVOA NETO, Helio. "O erguimento de barreiras à migração e a diferenciação dos 'direitos à mobilidade'". SEMINÁRIO MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E DIREITOS HUMANOS. Brasília, 8-10 de maio

de 2007a. Disponível em: < [www.vsites.unb.br/ceam/migracoes.htm](http://www.vsites.unb.br/ceam/migracoes.htm) >  
Acessado em: 1-ago-2010.

POVOA NETO, Helion. "Programa da Disciplina: Globalização, Mobilidade Espacial e Políticas Migratórias" Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - UFRJ. Disponível em: [http://br.groups.yahoo.com/group/niem\\_rj/message/3493](http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/message/3493) . 2007b.  
Acesso em: 20-mar-2012

POVOA NETO, Hélión. *Mundos em Movimento: Ensaio sobre Migrações*. Ed.: UFSM. 2009. Disponível em: < [http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno\\_id=039&nivel=0&texto\\_id=3631](http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=039&nivel=0&texto_id=3631) >. Acessado em: 03-ago-2010.

RICHARDS, G. & WILSON, J. (Orgs.) "The Global Nomad: Backpacker Travel in Theory and Practice". Clevedon, UK: Channel View. 2004.

RUTH, Rick A. "Guidance Directive 2011-05 - Summer Work Travel Program: A Cultural Experience", U.S. Department of State, Bureau of Educational and Cultural Affairs, Private Sector Exchange. 2011.  
Disponível em: [http://j1visa.state.gov/wp-content/uploads/2012/01/2011-GD05-12\\_13\\_2011Summer-Work-Travel-A-Cultural-Experience.pdf](http://j1visa.state.gov/wp-content/uploads/2012/01/2011-GD05-12_13_2011Summer-Work-Travel-A-Cultural-Experience.pdf) Acesso em: 20-mar-2012

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999. 232p.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Redes e territórios: reflexões sobre a migração*. In: DIAS, Leila Cristina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (org.). *Redes, sociedades e territórios*. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. 260p. p. 51-78.

SANTOS, G. A. . Estado e migração indocumentada: os migrantes do sul catarinense nos EUA. In: DIAS, L.C.; FERRARI, M.. (Org.). Territorialidades Humanas e Redes sociais. Territorialidades Humanas e Redes sociais. Florianópolis: Insular, 2011, v. , p. 243-262.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. São Paulo: Hucitec, 2000. cap. 11. Por uma Geografia das Redes. P. 208-222.

SASSEN, Saskia. The mobility of labor and capital : a study in international investment and labor flow. New York : Cambridge University Press, 1988.

SASAKI, Elisa. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa (Org.). Cenas do Brasil migrante. São Paulo: Boitempo, 1999. p.243-274.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998. 299p.

SCOTT, J. “Social Network Analysis”. Newbury Park CA: Sage. 1992.

SEYFERTH, Giralda; POVOA NETO, Helion; ZANINI, Maria Catarina & SANTOS, Miriam. (ORGs) "Mundos em Movimento: Ensaio sobre Migrações" Ed.: UFSM. 2009. Disponível em: < [http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno\\_id=039&nivel=0&texto\\_id=3631](http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=039&nivel=0&texto_id=3631) >. Acessado em: 03-ago-2010.

SILVA, Marcelo Kunrath; ZANATA Jr., Rui. “Diz-me com quem andas, que te direi quem és: uma breve introdução à Análise de Redes Sociais" Revista USP n.92. 2011

SILVA, Rafael Caldas Ferreira da. PINTA, Sandra Regina da Rocha. Brincando de trabalhar, aprendendo com a vivência – o desenvolvimento de competências a partir de uma experiência de vida. Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 136-161, jan./jun. 2008.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. "REDES E TERRITÓRIO: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA AO DEBATE SOBRE A RELAÇÃO SOCIEDADE E TECNOLOGIA" In: Biblio 3W REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98. Vol. VIII, nº 451, 15-jun-2003.

SIMMEL, Georg. A Aventura. In: SOUZA, Jessé & OELZE, Berthold. (orgs.). Simmel e a modernidade. Brasília: UnB, 1998. P.169-184

SOARES, Weber. "Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga." Belo Horizonte, tese de doutorado, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais. 2002.

SOARES, Weber. "Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional". Revista da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, v.21, n.1, p. 101-116, jan./jun. 2004.

STARMER-SMITH, Charles. "Gap year travel: A golden opportunity after A-levels" Telegraph Travel. 19 Aug 2010. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/travel/activityandadventure/7953767/Gap-year-travel-A-golden-opportunity-after-A-levels.html> Acesso em: 20-mar-2012

STB. "Experience USA". 2011. Disponível em:  
<http://www.stb.com.br/intercambio-trabalho/intercambio-estados-unidos.aspx> Acesso em: 20-mar-2012

STOCK, Ann Stock. "2010 Membership Meeting of the Alliance for International Educational and Cultural Exchange". Disponível em:  
<http://www.alliance-exchange.org/2010-membership-meeting>. Acesso em: 20-mar-2012

TESFAHUNEY, M. "Mobility, racism and geopolitics" In: Political Geography, 17(5), pp. 499–515. 1998.

TILLY, C. "Transplanted Networks" In: MCLAUGHLIN, Virginia. (Org.) Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics, Oxford University Press, New York.

TORKINGTON, Kate. "Defining lifestyle migration". IN: Dos Algarves nº 19. Revista da ESGHT/UAlg ISSN: 0873-7347. p.99-111. 2010.

LATTITUDE. "Our mission." Disponível em:  
<http://www.lattitude.org.uk/about-us/> Acesso em: 20-mar-2012

UNITED NATIONS. "Trends in International Migrant Stock: The 2008 Revision" Department of Economic and Social Affairs, Population Division. United Nations database: (POP/DB/MIG/Stock/Rev.2008). 2009.

UNITED NATIONS. International Migration. Disponível em:  
<http://www.un.org/esa/population/migration/index.html> Acesso em: 14-jan-2012

URRY, John. "The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies". London: Sage. 1990.

U.S. DEPARTMENT OF STATE, Bureau of Educational and Cultural Affairs. "Exchange Visitor Program Report" - "A guide for responsible officers and alternate responsible officers". (2007). Disponível em:  
[http://exchanges.state.gov/jexchanges/docs/roaro\\_guide\\_1007.pdf](http://exchanges.state.gov/jexchanges/docs/roaro_guide_1007.pdf)

U.S. DEPARTMENT OF STATE. (2011a). "J-1 VISA - Exchange Visitor Program" Website. Disponível em:  
<http://j1visa.state.gov/programs/> Acesso em: 20-mar-2012

U.S. DEPARTMENT OF STATE. (Abril, 2011b) "Federal Register Volume 76, Number 80" pgs. 23177-23185. Federal Register Online. Disponível em: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/FR-2011-04-26/html/2011-10079.htm> Acesso em: 20-mar-2012

U.S. DEPARTMENT OF STATE. "Exchange Visitor Program-Summer Work Travel" Public Notice 7427. Disponível em:  
<http://federalregister.gov/a/2011-10079> Abril/2011c. Acesso em: 20-mar-2012

U.S. DEPARTMENT OF STATE. Federal Register / Vol. 77, No. 92 / May 11, 2012 / Rules and Regulations. Disponível em:  
<http://j1visa.state.gov/wp-content/uploads/2012/05/2012-swt-ifr.pdf>  
 Acesso em: 20-mar-2012

U.S. EMBASSY. Notícias consulares. Disponível em:  
<http://www.embaixadaamericana.org.br/arc-index.php?itemmenu=21&submenu=102&action=arc-press.inc.php>  
 Acesso em: 20-mar-2012

U.S. GAO. State Department: "Stronger Action Needed to Improve Oversight and Assess Risks of the Summer Work Travel and Trainee Categories of the Exchange Visitor Program", GAO-06-106 (Washington, DC: Oct. 14, 2005) Disponível em: <http://www.gao.gov/new.items/d06106.pdf> Acesso em: 20-mar-2012

VAUGHAN, Jessica. "That's Enough Culture for Now". Center for Immigration Studies. Abril/2009. Disponível em: <http://www.cis.org/Vaughan/ThatsEnoughEnoughCulture> Acesso em: 20-mar-2012

WASSERMAN, Stanley, FAUST, Katherine. Social network analysis: methods and applications. Cambridge: Cambridge University, 1994. 825p.

WIKILEAKS. 2009. "DS CRIMINAL FRAUD INVESTIGATIONS - MOSCOW" In: "FRAUD SUMMARY - MOSCOW" Disponível em: [wikileaks.org/cable/2009/04/09MOSCOW990.html](http://wikileaks.org/cable/2009/04/09MOSCOW990.html). Acesso em: 20-mar-2012

WILLIAMS, M. Allan & HALL, Michael C. "Tourism, Migration, Circulation and Mobility: The Contingencies of Time and Place", IN HALL, C. Michael & WILLIAMS, Allan M. (orgs.) Tourism and Migration – New Relationships between Production and Consumption" Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. pgs. 1-52. (2002)

WINTON, A. "Youth, gangs and violence: analysing the social and spatial mobility of young people in Guatemala City" In: Children's Geographies, 3(2), pp. 167–184. 2005.

WNZ. "Why travel on an OE?" Work New Zealand Program. 2011. Disponível em: <http://www.worknewzealand.org.nz/index.asp?pageID=2145874144> Acesso em: 20-mar-2012



WONG, Kam C. "Implementing the USA PATRIOT ACT: A Case Study of the Student and Exchange Visitor Information System (SEVIS)" Brigham Young University Education and Law Journal 2. p. 379-541. 2006. Disponível em: [http://works.bepress.com/kam\\_wong/24](http://works.bepress.com/kam_wong/24)  
Acesso em: 20-mar-2012

WORLD STUDY. "TRUE USA - Trabalho Remunerado Universitário no Exterior". 2011. Disponível em:  
<http://www.worldstudy.com.br/Intercambio/trabalho-no-exterior/True>  
Acesso em: 20-mar-2012.



## APÊNDICES



**Apêndice A: Roteiro de entrevista com ex-participantes do Programa *Summer Work Travel* (lista de perguntas precedidas de palavras chave)**

1) Identificação: Autoriza gravação da entrevista? O quê estuda na universidade? Quanto participou do programa SWT? Para onde foi nos EUA? Através de qual agência?

a) Rede

2) Quem foi imprescindível para que você conseguisse realizar este intercâmbio? (Esclarecer se necessário, sobre possíveis atores)

3) Como você ficou sabendo deste tipo de intercâmbio? Como você escolheu a agência? Você tinha amigos que já haviam participado?

4) MORADIA: Como você conseguiu sua moradia? Com quem morou?

5) EMPREGO: Como você conseguiu seu emprego?

6) SUPORTE: Teve algum tipo de suporte antes e/ou durante seu intercâmbio? De quem? Como foi o suporte?

7) FAMÍLIA: Qual foi a relação da sua família com seu intercâmbio? Ajudaram? Incentivaram?

8) Você sabe o que é a Organização *Sponsor*? Você teve contato com ela? Ela lhe deu algum suporte?

b) Emprego / Experiência de Mobilidade

9) Qual foi seu emprego? Como era sua carga horária? Qual foi o máximo de horas que trabalhou? Qual era seu salário?

10) Você já tinha trabalhado antes do intercâmbio? De quê?

11) COLEGAS DE TRABALHO / IMIGRAÇÃO: Como eram seus colegas de trabalho? De que nacionalidade eram? Tinham visto? Como era sua relação com eles? Sendo você um participante de programa SWT, como era a experiência de seus colegas não-SWT se comparada com a sua?

12) Nas suas horas vagas você fazia o quê? Com quem?

c) Motivações

13) O que lhe motivou a participar do programa SWT? Por que este e não outro tipo de intercâmbio?

d) Questão financeira / Consumismo

14) APOIO FINANCEIRO: Como você pagou pelo programa? Seus pais ajudaram a pagar o programa ou alguma outra coisa?

15) SALÁRIO: Você juntou dinheiro durante o intercâmbio?

16) CONSUMISMO DE BENS: Você adquiriu algo com seu dinheiro? Quais coisas?

17) CONSUMISMO DA EXPERIÊNCIA: Você viajou para outros lugares dos EUA enquanto estava lá? Para onde? De que forma viajou e com quem?

18) No que tange a questão financeira, tudo saiu como você havia planejado?

e) Experiência de vida

19) CASA: Como foi a experiência de morar com as pessoas com quem você morou? Que dificuldades ou experiências positivas você teve?

20) EMOCIONAL: Você teve alguma crise durante seu período nos EUA? Enfrentou dificuldades? Teve vontade de voltar? Como lidou com isso?

21) EXPERIÊNCIA: Ao final do seu intercâmbio, como você avaliou a experiência? Positiva ou negativa? Por quê?

22) REDE/RETORNADO: Após retornar ao Brasil, você acredita que influenciou alguém a participar também do mesmo programa?

23) AVENTURA: Você viveu alguma situação engraçada, difícil ou de alguma forma bastante memorável?

f) Perguntas opcionais:

24) REDE: Como foi para conseguir visto? Como foi a viagem e a entrevista do visto em São Paulo?

25) DATAS: Quando você decidiu participar? Em qual mês escolheu agência? Em quais datas você foi e voltou?

26) INGLÊS: Você tinha intenção de aprimorar seu nível de Inglês durante o programa? Qual era seu nível ao chegar nos EUA? Você praticou a língua tanto quanto queria ou esperava?

27) REDE: Por que você escolheu esta cidade como destino? Recebeu indicação de alguém?

28) REDE/EXPERIÊNCIA: Com quem você morava no Brasil antes e depois do intercâmbio?

29) Livre para quaisquer comentários.

## **Apêndice B: Roteiro de entrevista com agências de intercâmbio em Florianópolis**

1 – Autoriza gravação da entrevista? Qual o nome da agência? Faz parte de franquias? Existe há quanto tempo em Florianópolis?

2 – Desde quando agência atua com intercâmbios SWT em Florianópolis?

3 – Cerca de quantas pessoas já mandou? Quantas pessoas mandou a cada ano desde que começou a trabalhar com SWT? Os números aumentaram ou diminuíram em função de algo ao longo dos anos?

4 – Indique quem são as principais pessoas, instituições, empresas, grupos, eventos, coisas, as quais são, em sua opinião, imprescindíveis para que o programa SWT ocorra.

6 – Como o participante fica sabendo do intercâmbio?

7 – Por que participante escolhe este programa específico e não uma das outras muitas formas de intercâmbio ou trabalho no exterior?

8 – Por que os EUA e não outro país?

9 – Como participantes escolhem esta agência de intercâmbio em Florianópolis?

10 – Como é o processo de conseguir o visto para os EUA? Como é a viagem até o país?

11 – Fale sobre como a agência de intercâmbio de Florianópolis auxilia no processo.

12 – Qual é a relação da família com o intercâmbio? Ajudam? Incentivam?

13 – Qual é a contribuição da agência “*Sponsor*” para o intercâmbio?

14 – Comente o que considerar interessante sobre algumas das experiências de intercâmbio que os participantes têm tido nos EUA.

Perguntas opcionais:

15 – Quem você considera ser o participante mais comum deste tipo de intercâmbio?

16 – Alguns jovens brasileiros gastam milhares de reais pagando “coyotes” e arriscam a vida para conseguir chegar aos EUA pela fronteira do México. Eles não poderiam ir aos EUA através do programa SWT, assim pagando menos e trabalhando legalmente? Se não, o que explica por que eles não fazem isso?





## ANEXO EXEMPLO DE DOCUMENTO DS2019

U.S. Department of State				OMB APPROVAL NO. 1445-0119 EXPIRES 04-30-2009 ESTIMATED BURDEN TIME: 45 min *See Page 2	
CERTIFICATE OF ELIGIBILITY FOR EXCHANGE VISITOR(J-1) STATUS					
1. Family Name: [REDACTED]		First Name: [REDACTED]		Middle Name: [REDACTED]	
Date of Birth (mm-dd-yyyy): [REDACTED]		City of Birth: CURITIBA		Country of Birth: BRAZIL	
Citizenship Country Code: BR		Citizenship Country: BRAZIL		Gender: FEMALE	
Legal Permanent Residence Country Code: BR		Legal Permanent Residence Country: BRAZIL		Position: UNIVERSITY UNDERGRADUATE STUDENTS	
U.S. Address: Stratton Mountain, VT 05155		J-1			
2. Program Sponsor: Camp Counselors USA/Work Experience USA		Exchange Visitor Program Number: P-4-05533			
Participating Program Official Description: SUMMER TRAVEL/WORK					
Purpose of this form: Begin new program; accompanied by number (0) of immediate family members.					
3. Form Covers Period: From (mm-dd-yyyy): 12-11-2006 To (mm-dd-yyyy): 04-10-2007		4. Exchange Visitor Category: SUMMER TRAVEL/WORK Subject Field Code: 32.0101 Subject Field Code Remarks: X			
5. During the period covered by this form, the total estimated financial support (U.S. \$) is to be provided to the exchange visitor by: Personal funds : \$700.00 Total : \$700.00					
6. U.S. DEPARTMENT OF STATE / INS USE OR CERTIFICATION BY RESPONSIBLE OFFICER THAT A NOTIFICATION COPY OF THIS FORM HAS BEEN PROVIDED TO THE U.S. DEPARTMENT OF STATE (INCLUDE DATE).		Name of Official Preparing Form 2330 Marinship Way Suite 250 Sausalito, CA 94965 Signature of Responsible Officer or Alternate Responsible Officer		Responsible Officer Title 415- [REDACTED] ext. 46 Telephone Number [REDACTED] Date (mm-dd-yyyy)	
8. Statement of Responsible Officer for Releasing Sponsor (FOR TRANSFER OF PROGRAM) Effective date (mm-dd-yyyy): [REDACTED] Transfer of this exchange visitor from program number [REDACTED] sponsored by [REDACTED] to the program specified in item 2 is necessary or highly desirable and is in conformity with the objectives of the Mutual Educational and Cultural Exchange Act of 1961, as amended.					
Signature of Responsible Officer or Alternate Responsible Officer		Date (mm-dd-yyyy) of Signature			
PRELIMINARY ENDORSEMENT OF CONSULAR OR IMMIGRATION OFFICER REGARDING SECTION 212(c) OF THE IMMIGRATION AND NATIONALITY ACT AND PL 94-484, AS AMENDED (see item 1(a) of page 3).		TRAVEL VALIDATION BY RESPONSIBLE OFFICER (Maximum validation period is one year*) *EXCEPT: Maximum validation period is up to six months for Short-term Scholars and four months for Camp Counselors and Summer Travel/Work. (1) Exchange Visitor is in good standing at the present time Date (mm-dd-yyyy) Signature of Responsible Officer or Alternate Responsible Officer (2) Exchange Visitor is in good standing at the present time Date (mm-dd-yyyy) Signature of Responsible Officer or Alternate Responsible Officer			
1. <input type="checkbox"/> Not subject to the two-year residence requirement.					
2. <input type="checkbox"/> Subject to two-year residence requirement based on: A. <input type="checkbox"/> Government financing and/or B. <input type="checkbox"/> The Exchange Visitor Skills List and/or C. <input type="checkbox"/> PL 94-484 as amended		(ALL USAID PARTICIPANTS (G-3-2004) AND ALL ALIEN PHYSICIANS SPONSORED BY P-3-416 ARE SUBJECT TO THE TWO-YEAR HOME RESIDENCE REQUIREMENT.)			
Name		Title			
Signature of Consular or Immigration Officer		Date (mm-dd-yyyy)			
THE U.S. DEPARTMENT OF STATE RESERVES THE RIGHT TO MAKE FINAL DETERMINATION REGARDING 212(c).					
EXCHANGE VISITOR CERTIFICATION: I have read and agree with the statement on item 2 on page 2 of this document.					
Signature of Applicant		CURITIBA - BRAZIL		09-12-2006 Date (mm-dd-yyyy)	